

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Programa de Pós – Graduação em Estudos Literários
Mestrado Acadêmico em Estudos Literários

Letícia de Paula Sampaio

Agostinho Neto: o corpo negro africano construindo o Amanhã

Uberlândia – MG

2023

LETÍCIA DE PAULA SAMPAIO

Agostinho Neto: o corpo negro africano construindo o Amanhã

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.
Linha de pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidade
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Horta Nassif Veras

Uberlândia - MG

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S192 Sampaio, Letícia de Paula, 1996-
2023 Agostinho Neto: o corpo negro africano construindo o
Amanhã [recurso eletrônico] / Letícia de Paula Sampaio.
- 2023.

Orientador: Eduardo Horta Nassif Veras.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Literários.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.285>
Inclui bibliografia.

1. Literatura. I. Veras, Eduardo Horta Nassif, 1982-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Estudos Literários. III. Título.

CDU: 82



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4539 - www.ppglit.ileel.ufu.br - secppgelit@ileel.ufu.br, coppgelit@ileel.ufu.br e
atendppgelit@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários – PPGELIT				
Defesa de:	Mestrado Acadêmico em Estudos Literários				
Data:	24 de maio de 2023	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12012TLT010				
Nome do Discente:	Leticia de Paula Sampaio				
Título do Trabalho:	Agostinho Neto: o corpo negro africano construindo o amanhã				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	Linha de Pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Musicienne du silence: um estudo sobre a crise do paradigma musical na poesia moderna de língua francesa (1854-1896)				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, composta pelos Professores Doutores: Eduardo Horta Nassif Veras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro / UFTM, orientador da candidata; Anelito Pereira de Oliveira da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG; Sérgio Guilherme Cabral Bento da Universidade Federal de Uberlândia / UFU.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Eduardo Veras, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Guilherme Cabral Bento, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/05/2023, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Horta Nassif Veras, Usuário Externo**, em 24/05/2023, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leticia de Paula Sampaio, Usuário Externo**, em 24/05/2023, às 21:51, conforme horário oficial de Brasília, com

fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anelito Pereira de Oliveira, Usuário Externo**, em 30/05/2023, às 20:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4519811** eo código CRC **EBC52873**.

DEDICATÓRIA

Para a minha querida mãe Terezinha (in memoriam), que me ensinou que a educação é o caminho mais frutífero e poderoso que uma pessoa pode percorrer.

São as vozes em coro na impaciência
buscando paz, a vida em cansaços seculares
nos lábios soprando uma palavra: independência!

NETO, Agostinho. Campos Verdes, 1960. Sagrada
Esperança. União dos Escritores Angolanos. 1974. p.
1 – 146.

RESUMO

O poeta e político António Agostinho Neto é uma das figuras mais relevantes e importantes quando se fala sobre o processo de luta anticolonial que os países afro-caribenhos passaram até o século XX, já que colocou sua vida em prol de um ideal de luta pela liberdade, resistência e empoderamento da nação angolana. A partir da sua escrita poética, possibilitou a construção de um corpo negro engajado politicamente, tendo a poesia como aliada importante, proporcionando resistência e força na luta revolucionária. Este trabalho propõe-se analisar os poemas da obra "Sagrada Esperança" (1963) para que se compreenda de que maneira o corpo negro africano é construído, utilizando-se da estética, como a música, a dança e a identidade cultural de sua nação. Portanto, a busca pela liberdade vem a ser solidificada na sua poesia pela construção de um indivíduo empoderado que se orgulha de suas origens, a estética se alia à política em prol da revolução e se torna, em muitos momentos, tão ou mais poderosa do que a revolução armada, sendo que é na literatura que muitas figuras simbólicas encontram o valor e a força necessária para se criar e pensar um futuro.

Palavras-chaves: Agostinho Neto, Negritude, Sagrada Esperança, poesia, corpo e estética.

ABSTRACT

The poet and politician António Agostinho Neto is one of the most relevant and important figures when discussing the process of anti-colonial struggle that Afro-Caribbean countries went through up until the 20th century. He dedicated his life to the fight for freedom, resistance, and empowerment of the Angolan nation. Through his poetic writing, he facilitated the construction of a politically engaged black body, with poetry as an important ally, providing resistance and strength in the revolutionary struggle. This work aims to analyze the poems in the book "Sacred Hope" (1963) to understand how the African black body is constructed, using aesthetics such as music, dance, and cultural identity of their nation. Thus, the search for freedom is solidified in his poetry by the construction of an empowered individual who takes pride in their origins. Aesthetics are aligned with politics in favor of revolution and become, in many moments just as, if not more, powerful than armed revolution, as it is in literature that many symbolic figures find the value and strength necessary to create and think about a future.

Keywords: Agostinho Neto, Negritude, Sacred Hope, poetry, body and aesthetics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A QUESTÃO COLONIALISTA: SUBJUGO DO CORPO NEGRO	14
2. O CORPO NEGRO AFRICANO COMO FORÇA MOTRIZ DA MUDANÇA	62
3. AGOSTINHO NETO ENTRE DOIS MUNDOS	91
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	115

AGOSTINHO NETO: O CORPO NEGRO AFRICANO CONSTRUINDO O AMANHÃ

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar e analisar a construção do corpo negro africano na obra *Sagrada Esperança* (1963), do poeta angolano Agostinho Neto.

Compreende-se que, ao definir o foco na obra poética de Agostinho Neto, adentra-se um caminho de luta e resistência, no qual elementos bibliográficos e literários acabam se encontrando em diversos momentos. O Poeta Maior e o político do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) se encontram nas duas faces da mesma moeda, pois a poesia de Neto vem a construir um corpo político com um poder de ação e alcance muitas vezes maior do que a própria política.

A partir dessa perspectiva, é possível verificar nos poemas da obra “*Sagrada Esperança*” (1963), através de pressupostos metodológicos, esse diálogo entre a luta anticolonialista, a valorização da identidade negra africana e o subjugo desses sujeitos.

O trabalho apresenta-se dividido em: introdução, primeiro, segundo e terceiro capítulos, e conclusão. Sendo que no primeiro capítulo, denominado como “A questão colonialista: subjugo do corpo negro” embrenhamos pela história do período colonial, na luta crescente pela independência através de figuras importantes de países afro-caribenhos, como o próprio Agostinho Neto, que encabeçaram movimentos para a liberdade de suas nações e colocaram no radar internacional a situação política e social de seus países.

Além disso, nos deparamos com a violência que o regime de Portugal estabeleceu sobre os países por ele colonizados, nesse caso Angola, com o apagamento cultural, físico e psicológico que decorreu em anos através de justificativas racistas pautadas pela religião católica, estudos científicos construídos em cima de falsas verdades e uma ganância sem medida.

Buscando refletir como a poesia netiana se encontra nesse cenário de luta, opressão e esperança e se torna uma poesia que se levanta e dá voz política para um povo silenciado. Para tanto, recorreremos a estudos como o de Jacques Rancière (2005) como referência teórica, que possibilita realizar uma reflexão sobre a relação de estética com a política, uma vez que a poesia de Neto constrói sua grandeza de luta através da estética, em que aproxima a ficção com a realidade, e da possibilidade de se produzir um discurso democrático que compartilha de sensações para a construção de um coletivo. Dialogamos também com o conceito de Negritude,

desenvolvido por Césaire (1934), Senghor (1939) e Damas (1937), que possibilita pensar um corpo negro que se encontra em sua origem, cultura e identidade, construindo uma “máquina de guerra” perante as mazelas sofridas.

O segundo capítulo, “O corpo negro africano como força motriz da mudança”, refere-se à construção do corpo negro africano como um sujeito que quer ser a mudança, na qual o eu lírico apresenta em seus versos um corpo político revolucionário que busca e vive essa luta. Encontramos em sua poesia a ansiedade de vivenciar o novo, de ir à luta e ser resistência, reconhecendo que o Amanhã virá através das mãos da nação angolana.

E, também, mostra ao leitor que o desejo de Agostinho Neto em conjunto com os seus pares vem a ser transformado em força de combate, em que se afirma que os tempos de inércia e espera perante a mudança haviam terminado, tomando para si um posicionamento quase messiânico nesse cenário.

Por conseguinte, analisar de que maneira esse corpo negro africano toma forma nos poemas, como sua construção possibilita uma ação revolucionária no embate contra o processo colonial e se alia ao projeto de independência, sendo uma voz importante em momentos que atos políticos foram censurados.

O terceiro capítulo, que leva o título de “Agostinho Neto entre dois mundos”, apresenta uma reflexão sobre a ambiguidade que Neto enfrenta durante toda sua vida perante a sua origem, Angola, e o lugar que foi o seu lar por algum tempo da sua vida, a metrópole Portugal. Compreende-se que as sociedades africanas não são apenas formadas pela origem africana, como levantado em vários momentos pelo poeta, mas, também, por influências europeias, pela falta de estabilidade e de certezas gerada por vidas vividas em tempos de colonização.

A influência europeia e de outros países colonizados, por conta do contato com outros intelectuais na CEI (Casa dos Estudantes do Império), se coloca na vida e obra de Agostinho, determinando muitas vezes escolhas e atitudes perante o seu país. A forma que o poeta e político lida com essa distância identitária com Angola se torna foco em muitos momentos em sua obra poética.

Portanto, ao decorrer dos capítulos desenvolve-se uma análise e reflexão sobre como o corpo negro africano é construído e se torna força e resistência perante uma realidade assustadora e cruel forçada pelo branco europeu. O olhar sobre a história e africanidade de Angola mostra uma nação que rejeitou a opressão e se levantou em luta pela liberdade. Agostinho Neto escreve

sobre esse caminho que mostra o indivíduo negro como dono do seu próprio destino, se empoderando da sua própria história e vida.

1. A QUESTÃO COLONIALISTA: O SUBJUGO DO CORPO NEGRO

Estudar literatura africana não seria possível sem refletir sobre o encontro das línguas dos colonizadores com as línguas nativas, o encontro da modernidade com as tradições e, principalmente, sobre as questões históricas e políticas de África, fazendo com que a identidade e a memória do continente africano sejam construídas a partir desses encontros.

A literatura africana em língua portuguesa vem desse local de encontro entre a língua da metrópole Portugal e diferentes línguas crioulas nas colônias, como ocorria em Angola, portanto, nascia ali da diversidade cultural, de línguas e de religiosidades, em uma construção de sentidos a partir dessa mistura.

Para Laranjeira (1992 apud SOUZA, 2013, p.52), o idioma português que vinha de Portugal passava por influências e alterações em solo africano, proporcionando uma literatura que em momentos tendia à norma padrão da língua portuguesa e em outros se apresentava como uma junção entre línguas.

[...] Laranjeira ressalta, ainda, a importância de atentarmos para o fato de que o português trazido pelo colonizador sofreu influências, especialmente na fala, dos diferentes idiomas crioulos, e isso afetou e afeta a produção literária. Desde o início, a literatura angolana, por exemplo, trilhou dois caminhos distintos: por um lado, atinha-se ao padrão culto de Lisboa; por outro aventurava-se pela convivência de línguas e falares. Até hoje, essa dupla via de desenvolvimento tem-se mantido, dela resultando um manifesto enriquecimento do patrimônio cultural, esteticamente estimulante e documentalmente diversificado.

A construção dessa literatura apresenta a vivência do período colonial e o movimento de luta para libertação desses países, sendo a partir dela que vemos a construção de um sentimento de coletividade e de pertencimento de uma nação, mas também, se encontra a crueldade e o racismo escancarado depois de tantos anos de colonização portuguesa. Souza (2013, p.49) afirma:

A literatura africana em língua portuguesa, nascida no século XIX, desponta, portanto, como arauto da diversidade, da mistura de mitos e história recente, transformando-se, evidenciando que a arte é, a um só tempo, instrumento de construção, de desafio e de transformação da realidade, por mais penosa e cruenta que esta seja. [...] a literatura africana em língua portuguesa nasceu como uma espécie de “grito ao mundo”, grito de um povo vitimado e abandonado pelo processo de colonização. Nasceu também, como um meio de se reconstruir culturas que durante muito tempo mantiveram-se desenraizadas,

fragmentadas e coibidas pela lógica perversa da hierarquização cultural, característica fundante do imperialismo europeu.

É através da arte, nesse caso a literatura, que figuras importantes da luta anticolonial conseguiram realizar “uma espécie de “grito ao mundo””, dando espaço para tantas vozes que haviam sido silenciadas e apagadas em meio ao ininterrupto caos gerado pelo processo colonizador. A poesia netiana se encontra nesse processo de viabilizar o novo e restituir a identidade nacional, a partir da força que a poesia representa ao longo da história.

Silva (2015) apresenta a divisão que Fanon (1961) elabora sobre as três fases da literatura africana no período de colonização e movimentos revolucionários, fases essas das quais o poeta angolano se encontra na última, a fase denominada “luta”.

Fanon divide a literatura africana da época da colonização em três fases: a primeira reúne aqueles intelectuais que assimilaram a cultura europeia, e as suas obras correspondem às dos seus “homólogos metropolitanos”; a segunda fase corresponde ao colonizado que se movimenta e busca recordar-se do passado, é o autóctone que vai fundo em suas raízes, que vai ao reencontro do seu povo, “é fazer-se boubou” no dizer de Fanon. Para esses escritores, o que interessa é relembrar velhos episódios da infância, velhas lendas. A terceira fase, que ele chama de luta, compreende “o colonizado – depois de haver tentado colocar-se entre o povo, transforma-se no que desperta o povo”, essa literatura está comprometida com as causas da libertação, preocupa-se com esclarecer os não esclarecidos, convocar as massas, fazê-las emergirem de sua letargia. (SILVA, 2015 apud FANON, 1961, p.25)

Agostinho Neto segue o caminho oposto até então realizado por outras figuras da literatura africana, rompendo com o discurso nativista e colonialista pregado por uma sequência de produções em uma literatura colonizada, marcando, assim, um novo olhar dentro da composição da própria literatura africana, composto por uma obra poética de combate e força.

Assim, é inserido nesses pensamentos e definições como a de Fanon (1961) que encontramos o autor que será objeto deste trabalho, Agostinho Neto (1922 – 1979), que vem a ser uma das peças ambivalentes na luta histórica do continente africano, mais especificamente em Angola, sua terra natal.

Pensar em Agostinho é pensar em Angola e no Movimento Anticolonialista, é adentrar um caminho repleto de história, lutas, sofrimento, política e principalmente poesia, e se deparar com a construção da autonomia destas nações através da apropriação dos seus corpos e da descolonização dos mesmos.

Portanto, neste capítulo busca-se apresentar o envolvimento da sua obra poética e política com o embate da questão colonial, a luta pela liberdade do povo angolano contra o colonizador e a centralização de Angola no mundo e na própria sociedade angolana.

Ao decorrer do desenvolvimento do trabalho é possível notar na poesia de Neto a construção de um corpo político e revolucionário que se apresenta a partir da cultura, da vivência, da luta e do saber negro, ou seja, através da estética. As sociedades negras tomam o papel primordial para a busca de liberdade na história de África, colocando o indivíduo negro no poder das suas escolhas e atitudes perante a sua vida.

António Agostinho Neto nasceu em 1922 na aldeia de Kaxicane, região de Icolo e Bengo, situada em Angola, foi médico, poeta e político, tendo uma formação académica em Portugal, que lhe proporcionou o encontro com outros intelectuais negros da época, que estiveram, como ele, em combate na luta anticolonial de seus países.

Esse encontro e convívio com outros estudantes das colónias, que pertenciam até então à metrópole portuguesa, ocorre em um local central para o surgimento de tantos movimentos que proporcionariam a independência de seus países, a Casa dos Estudantes do Império (CEI).

A Casa dos Estudantes do Império (CEI) tem início em 1943 e é oficializada pelo regime do Estado Novo em 1944, tinha sede em Lisboa e se encontrava também em Porto e em Coimbra, onde Agostinho Neto foi figura de destaque nas movimentações e produções da Casa, instituição criada pelo regime político para controlar e doutrinar aqueles que vinham das colónias estudar na metrópole. Entretanto, esse movimento vem ocorrer de forma contrária, pois se desenvolve um estímulo recíproco entre os estudantes com a valorização da história e da cultura de seus países e de si próprios como indivíduos de luta. Conforme ¹Carlos (2012, online) afirma em sua reportagem para o jornal DW em homenagem aos movimentos anticoloniais:

O regime do Estado Novo criou a Casa dos Estudantes do Império com o objetivo de fortalecer a mentalidade imperial e o sentimento da portugalidade entre os estudantes das colónias. No entanto, desde cedo, a Casa despertou neles uma consciência crítica sobre a ditadura e o sistema colonial, mas também a vontade de descobrir e valorizar as culturas dos povos colonizados. Assim, pouco a pouco, a orientação ideológica dos estudantes da Casa mudou de uma posição a favor do Estado Novo à luta contra o governo fascista português.

¹CARLOS, João. *Casa dos Estudantes do Império: berço de líderes africanos em Lisboa*. DW, Lisboa, 13/10/2012. Seção: 25 de abril e Independências. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/casa-dos-estudantes-do-imp%C3%A9rio-ber%C3%A7o-de-l%C3%ADderes-africanos-em-lisboa/a-16233230>>. Acesso em: 05/10/2022.

E segundo o mesmo jornalista (2012, online) aquele encontro proporcionou um pensar coletivo sobre o que viriam a ser as ações futuras de figuras importantes nos países afro-caribenhos:

A Casa viria a ser assim o berço em Portugal do nacionalismo das ex-colónias. Por ela passaram muitas figuras da resistência. Entre outros, muitos dos nomes já conhecidos viriam a assumir importantes responsabilidades na luta anticolonial e de libertação dos antigos territórios em África, como Amílcar Cabral, o mais conhecido defensor da independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, e representantes conhecidos do MPLA (hoje partido no poder em Angola), como o ex-secretário geral do partido, Lúcio Lara, e o primeiro presidente do país, Agostinho Neto.

Neto desenvolve um papel significativo dentro da CEI, já que é onde, junto com Lúcio Lara e Orlando de Albuquerque, que colaborou nas revistas “*Movimento*” e “*Mensagem*”, órgãos que fizeram parte da Associação dos Naturais de Angola, e que vieram a contribuir para o surgimento do Centro de Estudos Africanos (CEA).

A revista ²“*Mensagem*” (1951-1952) possui um papel importante para a afirmação da identidade angolana, pois é através dela que Agostinho Neto e seus companheiros propagaram textos produzidos durante o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, movimento esse fundado junto com outros nacionalistas como Viriato da Cruz e Mário de Andrade, na cidade de Luanda, em 1948. O movimento apresentava um carácter literário-cultural, em que pregavam o lema “Vamos descobrir Angola!”, abordando a negação do colonialismo e uma busca de se voltar o olhar para Angola, de se reencontrar com si mesmo e produzir uma verdadeira literatura angolana.

[...] incitava os jovens a redescobrir Angola em todos os seus aspectos através de um trabalho colectivo e organizado; exortava a produzir-se para o povo; solicitava o estudo das modernas correntes culturais estrangeiras, mas com o fim de repensar e nacionalizar as suas e nacionalizar as suas criações positivas válidas; exigia a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana, mas sem que se fizesse nenhuma concessão à sede de exotismo colonialista. Tudo deveria basear-se no senso estético, na inteligência, na vontade e na razão africanas. (ANDRADE apud ERVEDOSA, 1979, p. 102; CRUZ apud TRIGO, 1979, p. 41-42)

²“*Mensagem*” teve apenas duas edições, uma vez que logo foi censurada pelo governo salazarista que, dentro da mentalidade e linha fascista vigente na época, aniquilava qualquer forma autônoma de cultura.

Ramos (2017, p.288) complementa que o resgate cultural teria como papel a reintegração do homem angolano em seu país e em sua história sem que vivesse apenas com o olhar voltado ao passado. O Movimento dos Novos Intelectuais de Angola traça esse caminho de retomada através da música, da dança, da comida e da ancestralidade, os elementos culturais de Angola são enaltecidos como “próposito político e ideológico”, mas indo além constrói um próposito identitário para um país que se redescobria.

Destarte, a questão do retorno seria uma forma de regressar “espiritualmente ao passado, sem, contudo, fazer uma poética passadista: é nesse recuo que se afirma social e culturalmente a fim de hominizar o homem negro africano”. Para além do resgate através da redescoberta dos elementos da natureza, é perceptível em Mensagem a retomado de outros elementos do campo cultural, como tradições alimentares, música, dança, religião, entre outros campos que são colocados para além de "pura idiosincrasia". É interessante perceber que em Mensagem o movimento de retomada das tradições não reduz a realidade do contexto a partir do qual a obra é produzida, haja vista os resumos críticos elaborados dentro do periódico. O patrimônio cultural é reintegrado de maneira que se torne, sutilmente, parte integrante e atuante das relações sociais do homem angolano. É esse um dos grandes contributos do efeito provocado por esse "novo modo de perceber o mundo" através da literatura, essa nova literatura construtora da Nova Cultura de Angola que teria, sim, seu propósito político e ideológico.

Esse importante movimento acarreta a construção de um sentimento nacional antes mesmo da independência de Angola, em que o lema “Vamos descobrir Angola!” vem apresentar uma tentativa de reafirmar a nação angolana, através de um olhar atento sobre o passado e suas raízes juntamente com as vivências do presente, sendo desse encontro o resultado de um “reencontro do angolano com a sua terra”.

Todavia, o próprio Agostinho Neto levantava ressalvas para o movimento do qual participava, em que para que se ocorresse de maneira concreta às ações para se construir uma “nova” cultura angolana, seria necessário enfrentar “o cânone colonial a que os povos angolanos vinham sendo submetidos pelo governo português”. (PINTO, 2019. p.115)

Os nativos são educados como se tivessem nascido e residissem na Europa. Antes de atingirem a idade em que são capazes de pensar sem esteio, não conhecem Angola. Olham a sua terra de fora para dentro e não ao invés, como seria óbvio. Estudam na escola, minuciosamente a História e a geografia de Portugal, enquanto que as da Colónia apenas folheiam em sinopses ou estudam muito levemente. Ingenuamente, suspiram pelas regiões temperadas do norte, por onde lhes arda o coração. Não compreendem esta gente que aqui havia, os seus costumes e idiosincrasia. Não têm tradições. Não têm orgulho de sua terra

porque nela nada encontram de que se orgulhar; porque não a conhecem. Não têm literatura, têm a alheia. Não têm arte sua. Não têm espírito. Não adoptam uma cultura; adaptam-se a uma cultura. Os indivíduos assim formados têm a cabeça sobre vértebras estranhas, de modo que as ideias, as expirações do espírito são estranhas à terra. Daí o olhar-se esta, a sua gente e hábitos, o mundo que os rodeia, como estranhos a si – de fora. (NETO apud KANDJIMBO, 1997. p.60)

As ressalvas levantadas por Neto seria que antes de seu irmão angolano se orgulhar de sua cultura e de sua história, seria necessário se livrar do “cabresto” mental que havia sido colocado em tantas nações do continente africano, pois o conhecimento de mundo que aqueles sujeitos possuíam era voltado para a cultura e história de Portugal. O movimento tinha como dificuldade construir uma identidade nacional a partir da realidade vivida em Angola, uma realidade que se dava entre a colônia e a metrópole.

A associação entre o quimbundo e a língua portuguesa foi uma das peças-chave desenvolvidas por esses intelectuais angolanos, é a partir dessa apropriação da língua do colonizador em conjunto com as características da língua materna, tendo como destaque a oralidade, que se constrói uma forte campanha de valorização cultural angolana. Conforme apresentado por Pinto (2019, p.117-118):

Sendo assim, a valorização das línguas faladas em Angola seria manifestada principalmente através da apropriação da língua do colonizador pelo movimento dos Novos Intelectuais de Angola. Portanto, apesar de usar o português como base, aqueles artistas se empenharam em criar uma dicção própria dos angolanos, marcada por traços de oralidade, pela subversão sintática e léxica da norma culta e pela utilização de palavras e expressões em quimbundo salpicadas em textos escritos em português [...].

Portanto, a geração da Casa do Império apresenta indivíduos como Agostinho Neto que tiveram um alto envolvimento com o pensar e agir em prol dos direitos e da liberdade de suas nações, mas, também, uma geração que tem a sua mentalidade literária e filosófica construída a partir do pensar português, recebendo influência de correntes e movimentos literários e filosóficos.

Segundo Chiquete (2020, p.15-16), a influência dessas correntes e movimentos como o iluminismo, o marxismo e o humanismo, propiciou para figuras importantes do continente africano, o impulso para buscar uma nova realidade geopolítica mundial para os seus países.

De mesma forma, pensamos nós, António Agostinho Neto, dadas as correntes de pensamento e o movimento iluministas e racionalistas, isto é, o desenvolvimento das teorias das ciências naturais e humanas, como as teorias sociais e filosóficas da Evolução, Marxismo e o Existencialismo/Humanismo criariam em si conjuntos axiológicos transformacionais, impulsionadores de um novo ambiente político e social, que se tornou vigente na Europa, mas que era de interesse do poeta operacionalizar nas então colónias africanas, isto, principalmente, após o fim da II Guerra Mundial em que se reconfigurou o panorama geopolítico do mundo, forçando uma nova forma de estar nessa geopolítica mundial.

Junior (2018) complementa a ideia de Chiquete (2020) de que além das influências mencionadas, ocorre também o encontro tanto do neorrealismo português quanto do modernismo brasileiro no desenvolvimento da poesia angolana:

Dialogaram com outros movimentos, como a negritude, e se inspiraram no neorrealismo português e na moderna literatura brasileira. Estiveram preocupados em resolver as questões deixadas em aberto no após guerra, sobretudo aquelas que concerniam à manutenção das relações assimétricas entre colonizadores e colonizados: denunciaram os males do colonialismo; dignificaram o homem colonizado; bradaram pela liberdade e exortaram a esperança na vitória final. (JUNIOR, 2018. p.11)

Com a inspiração do modernismo brasileiro e o neorrealismo português, produzia-se uma poesia que buscava romper com padrões e com paradigmas que foram estabelecidos por outros, e se voltava para o lado social e para a luta dos indivíduos colocados como “segunda classe” no mundo. Neto sofreu essas influências antes mesmo de viver em Portugal, pois apresentava uma poesia que buscava colocar como questão central o embate contra o colonialismo, a opressão sobre os seus compatriotas e a liberdade de seus corpos e mentes. Conforme Verani (2000, p.45) afirma:

A influência neo-realista se faz, pois, notar mesmo antes da ida do poeta para Portugal, revelando-se, desde cedo, o seu contato com esta proposta literária particularmente adequada aos seus objetivos, fundamental para a definição dos caminhos de sua produção poética, onde a dimensão revolucionária se expõe, sem disfarces, por entre os versos construídos em linguagem direta e clara, própria a atingir, de uma maneira quase didática, a percepção e a sensibilidade do leitor, ou do ouvinte.

Segundo o mesmo autor, a poesia de Agostinho Neto se caracteriza pela presença de poemas longos, que faz uso de uma linguagem direta e clara, possuindo marcas de uma

linguagem moderna que não procurava seguir o padrão, pois tinha como objetivo construir a liberdade de sua nação através do uso das palavras, sendo com a escrita que o poeta assumia o papel de “guiar consciências”.

[...] a temática revolucionária dos versos de Agostinho Neto será com frequência exposta através de longos poemas, em que as marcas da linguagem poética moderna se evidenciam pela utilização dos versos livres, pela liberdade no emprego da pontuação gráfica, pela opção por um vocabulário prosaico, pela ausência da rima regular. Distante de uma poesia que se quer, sobretudo, um artefato de linguagem, propositadamente voltada sobre si mesma, a obra de Agostinho Neto assume com clareza sua intenção aliciadora, a explícita ligação de seus versos com uma determinada situação histórica, na qual o papel do poeta, mais do que o de criar inesperadas imagens, parece ser o de se dispor a guiar consciências. (VERANI, 2000. p.50)

Deste modo, a dimensão revolucionária é encontrada tanto nos versos da sua poesia como em sua ação política, travando uma luta em nome do seu país, pela mudança da situação do seu povo, em busca de uma Angola independente, na tentativa de se construir uma nação que vivesse de acordo com suas ideias e ideais.

O poeta e estadista angolano, através da sua escrita, seja em suas obras literárias ou em seus discursos políticos, os conduzia de maneira a alcançar os indivíduos que viriam a ser resistência perante o regime colonizador. Sendo assim, “toda e qualquer imagem, metáfora ou símbolo” eram escolhidos de forma certa em prol dos objetivos da busca pela independência, não havia palavras só para embelezar o texto e, sim, para alcançar os seus objetivos estabelecidos. Laranjeira (2007, p.17) atribui a Neto e aos outros intelectuais o papel de condução a “libertação social e nacional”:

Toda e qualquer imagem, metáfora ou símbolo que Neto usa tem a função de especificar um agir, um desejo, um pormenor, e, mais ainda, de aludir ao que a conjuntura histórica, política e social demandava da geração intelectual e política insurgente naquele tempo de charneira, expressando o papel que a si próprio e aos outros companheiros atribuía, qual seja o de conagraçamento de vontades organizativas em prol da liderança e condução das populações vinculadas a um projecto de libertação social e nacional.

Agostinho Neto vem a ser um dos fundadores do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, juntamente com Viriato Clemente da Cruz, em 1956, a partir da junção de vários movimentos patrióticos do Movimento Anticolonialista. O MPLA buscava a

independência de Angola e após a Guerra de Independência se torna um partido político angolano que atua até hoje no país, tendo Neto como presidente do partido a partir de 1962 durante a Conferência Nacional do Movimento.

Começando por se organizar nas áreas urbanas, entre os operários e intelectuais progressistas, o MPLA viria a mostrar em breve as suas notáveis flexibilidade e capacidade de adaptação às exigências do momento quando passou à luta armada, criando um exército do povo para conduzir uma guerra que o poeta encarcerado viria a chefiar. (HOLNESS, 1974. p.17)

Contudo, não teve sua relevância somente enquanto político, como é conhecido por muitos, mas também se destacou como poeta, sendo denominado como “Poeta Maior”, embrenhando-se pela literatura durante o período de luta da independência angolana, produzindo poemas que constroem um corpo ativo, que possuem voz e desejo para ir à luta contra a realidade cruel do colonialismo.

Como é ressaltado por Chiquete (2020, p.19), a obra poética netiana foi produzida antes mesmo de o poeta assumir o posto de dirigente do MPLA e de suas ações militantes dentro do movimento, proporcionando uma poesia “mais nacional do que regional”, em que a ligação identitária com o país viria muito antes do que com os regimentos do movimento popular.

Um outro aspeto de grande relevância é o facto de a poesia de Neto ser escrita antes da sua assunção como militante e primeiro presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A., 1963) e, com isto, nela se reservar um carácter mais comprometido com o vindouro país, mais do que uma poesia que seja identificável com um partido político, ou seja, mais nacional do que regional, tal como sabemos que são as génesis dos movimentos de libertação de Angola.

Presidiu até o ano de sua morte (1979) a União dos Escritores Angolanos, recebeu prêmios por sua obra como o prêmio “*Lótus*” (1970) na 4ª Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos e o Prêmio Nacional de Literatura (1975), demonstrando a admiração dos homens letrados perante sua poesia.

Durante sua vida produziu diversos poemas que estão presentes em suas obras: “*Quatro Poemas de Agostinho Neto*” (1957), “*Sagrada Esperança*” (1963), “*A Renúncia do Impossível*”

(1982) e vem a ter a reunião de seus poemas em uma obra completa publicada, em 2016, pela ³Fundação Dr. Agostinho Neto.

A primeira edição publicada de “*Sagrada Esperança*” (1963) ocorreu na Itália em 1963, tendo como título “*Com os olhos secos*”, pela editora Il Saggiatore, com tradução e edição de Joyce Lussu, surpreendendo a todos por ser uma publicação fora de uma nação que tivesse como língua materna a língua portuguesa.

Logo após, outras edições bilíngue foram destaque, como a edição em língua portuguesa e servo-croata de 1968 e no ano seguinte uma nova publicação bilíngue na Argélia, sendo todas com o mesmo título “*Com os olhos secos*”. Portanto, por haver edições com títulos diferentes, é gerada em alguns trabalhos a falsa ideia de que são obras diferentes, porém compreende-se que ao falar sobre a obra “*Com os olhos secos*” estamos nos referindo a obra “*Sagrada Esperança*” (1963).

O poeta angolano teve uma parte significativa dos seus poemas produzidos no período em que esteve em Portugal, Angola e Cabo Verde, na prisão ou exilado, pois após o seu retorno definitivo para Angola, passou a dedicar-se totalmente à vida política no MPLA e parou de escrever poesia.

Agostinho Neto, em sua última prisão feita pela ⁴PIDE, em 1961, na cidade da Praia, e com sua transferência logo após para a prisão de Aljube, em Lisboa, vem a promover um movimento na imprensa mundial em defesa aos direitos humanos de presos políticos como ele. As razões que o levaram a prisão em diversos momentos de sua vida foram sempre julgadas pela polícia fascista portuguesa da época como um perigo ao Estado Novo de Salazar, sendo apontado como propulsor de atos terroristas na colônia, nesse caso em Angola.

A preocupação entre amigos, jornalistas, tradutores e camaradas do MPLA vinha da sua transferência para a prisão na capital de Portugal, alegando que os motivos que justificavam a prisão e a transferência eram arbitrários, pois Agostinho Neto não teve direito a um julgamento de forma correta e justa.

³Fundação criada pelos seus familiares e camaradas do MPLA em homenagem ao seu legado.

⁴Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) veio a ser a polícia política portuguesa durante o período político do Estado Novo em Portugal, período esse em que o país passou por uma ditadura militar e usava de sua polícia como forma de combater a oposição através de torturas e assassinatos. Marga Holness (1973), tradutora da obra de Agostinho Neto e aliada do MPLA, define a PIDE como uma organização que eram “conhecidos pelos brutais métodos de repressão que a tornavam comparável apenas à Gestapo da Alemanha Nazista”.

A campanha internacional para a liberdade do estadista angolano ocorreu de forma condenatória aos atos de Portugal, em um mundo que começava a tentar se libertar do passado colonizador, o que não ocorria em Portugal, já que não existia ali nenhum espaço para ideias sobre a independência de suas colônias.

Foram apresentadas manifestações de protestos na revista ⁵Présence Africaine, com uma edição dedicada a Angola, e em jornais internacionais como The Times, a campanha de liberdade ganhava cada vez mais fôlego e agregados:

A fim de impedir que outra vítima aumente o número daqueles que a ditadura portuguesa tem vindo a sacrificar com o objectivo de conservar o poder, é poderoso que a opinião mundial se mobilize em auxílio de Agostinho Neto e de todos aqueles negros e brancos que padecem e definham nos cárceres de Portugal, cujas atracções turísticas são exaltadas ao mesmo tempo que se finge desconhecer o terror que reina dentro das suas fronteiras.(HOLNESS, 1974.p.23)

Toda essa manifestação internacional em defesa de Agostinho, o comparando com o estudioso senegalês Lèopold Senghor, um dos fundadores do conceito de Negritude utilizado neste trabalho, proporcionou destaque à luta de independência de Angola, pois mostrou ao mundo a realidade enfrentada pelos países africanos dominados por “metrópoles” em pleno século XX.

Qualquer que seja a verdade geral destes alarmantes relatórios, desejamos urgentemente chamar a vossa atenção e a dos nossos leitores para a situação em que se encontra um dos vultos mais importantes de Angola, o escritor Agostinho Neto, cuja vida, temos razões para o reear, pode correr neste momento sério risco. Não será de mais afirmar que a importância de Agostinho Neto na África de expressão portuguesa é comparável à de ⁶Lèopold Senghor na África de expressão francesa. Cremos que se deverão envidar todos os esforços no sentido de salvar este notável poeta representativo do despertar do nacionalismo na África portuguesa [...] (HOLNESS, 1974.p.24)

⁵Présence Africaine é uma revista que teve como seu fundador Alioune Diop, uma voz importante do movimento da Negritude e idealizador de dezenas de seminários e encontros negros, sendo editor de obras relevantes de autores da Diáspora e de África. A citação acima de Holness (1974) esteve na edição da revista "Présence Africaine" que foi dedicada ao país angolano.

⁶Ao associar a figura de Agostinho Neto a Lèopold Senghor, colocou o poeta angolano no patamar de tantos outros indivíduos importantes na história que lutaram contra o colonialismo e buscaram sonhar uma nova realidade para o continente africano, proporcionando uma ligação de sua obra com os pensamentos da Negritude pensada por Senghor, Césaire e Damas. Refletir sobre Senghor e Neto apresenta sobre a busca de independência do corpo negro africano, em que esses corpos tenham liberdade de ser e existir através de sua própria identidade, história e cultura.

Para Davidson (1974, p. 2), Agostinho Neto foi duplamente encarcerado, pois fazia parte de um continente que teve toda e qualquer liberdade retirada e negada por civilizações ocidentais, e que anos depois tem essa mesma liberdade tirada ao ser preso pela PIDE:

Falam-nos de um homem que nasceu no interior dos muros e barreiras da opressão e que, mais tarde, atingida a maturidade, foi frequentes vezes encerrado em prisões por recusar a autoridade desses muros e por desafiá-los com uma força própria, força que tentaram infrutiferamente, suste e esmagar.

Sendo assim, a poesia teve o papel fundamental em preencher sua necessidade de expressão em momentos que estava impedido de ter qualquer envolvimento direto com o seu país, já que “os canais de expressão política estavam fechados aos povos colonizados, de maneira que o único canal disponível para fazê-lo era através do campo da cultura”, se configurando como uma forma de manifestação política. (PINTO, 2019. p.113)

Essa manifestação política referida se dá através da poesia, que possui suas especificidades, “a poesia torna-se, assim, um projeto de luta, uma palavra de ordem” (VERANI, 2000. p.49), tendo a capacidade de construir uma maneira de fazer política própria que difere de um discurso panfletário.

Segundo Brito e Concato (2022, p.391), o poeta angolano teve a escrita como companheira durante toda sua vida e é através da poesia que ele conseguiu construir “o sentido de ser cidadão angolano em toda sua plenitude”.

O presidente-escritor foi poeta já por concepção. A escrita acompanhou desde suas escolhas individuais até imposições circunstanciais históricas, compondo essência e percepção. Alfredo Bosi, crítico literário, afirma que “O poeta é o doador de sentidos” (BOSI, 2000, p. 163), por meio da poesia ele significa e ressignifica. Seguindo por esse viés, pode-se dizer que Agostinho Neto doa ao leitor, por meio do eu lírico, o sentido de ser cidadão angolano em toda a sua plenitude humana, reconhecendo as falhas do eu e transformando-as.

O poeta e estadista angolano mostra ao leitor de sua obra suas várias faces, por produzir uma poesia tão interligada com a realidade de sua vida, de seu país e de seu povo. Apresenta o Agostinho Neto que enfrentou as mazelas do cárcere e do exílio, que colocou a luta e a valorização de sua nação no centro de sua vida e até mesmo o indivíduo que com o seu retorno ao país tenta se reencontrar com suas origens.

Para Secco (2021, p.239), a poesia netiana visita a realidade e vivência do povo angolano, perpassa a ancestralidade, cultura e cárcere, conseguindo colocar em palavras um período violento e opressor.

[...] os poemas de Agostinho recriam não só as sonoridades ancestrais, mas as do passado colonialista, as da natureza angolana, as do presente de opressão vivido pelo poeta. Aprendem o burburinho dos sábados nos musseques, os agitados swings, os nostálgicos blues, a doce melodia da marimba e do quissange, a angustia e ansiedade dos moradores dos subúrbios luandenses, o silêncio e o medo no ar pesado de censura, os gemidos nos cárceres da PIDE, os gritos de revolta, as paisagens antigas do Kinaxixi, os xinguilamentos, as orações em kimbundu ao deus Kalunga pela perda do amigo Mussunda, a voz terna da avozinha ao redor da fogueira contando histórias da lebre e da tartaruga, os pregões das quitandeiras em sua labuta diária.

É a partir dessas diferentes faces de Agostinho que nos deparamos com poemas que foram produzidos durante o cárcere, como o poema “Aqui no cárcere” (1960), escrito quando estava na cadeia da PIDE em Luanda, e “Noites de cárcere”, que retrata a realidade vivida por ele e tantos outros camaradas que enfrentaram o encarceramento naquele período, onde angústia e força de ser resistência contra a realidade ditatorial portuguesa são encontradas nos versos dos poemas.

Ao lado
alguém geme
com os dedos debruados de sangue
que escorre das unhas rebentadas pela palmatória

Pensa na vitória
e não há sono que chegue para os seus dias de cárcere
ou sonhos que lhe preencham a solidão

Há minutos em que o mundo
se resume na sala de tortura

Oh!
quem dormirá
quando ao lado há os gritos do louco
que pulam da janela para lhe apunhalar a carne
sobre o cansaço de ⁷insónias angustia e expectativa?

Quem dormirá

⁷Todos os poemas analisados nesta dissertação foram retirados da edição publicada pela União dos Escritores Angolanos em 1974 da obra “*Sagrada Esperança*” (1963) de Agostinho Neto, portanto, toda a acentuação e escrita foi mantida conforme está na obra.

quando assiste ao enlouquecer do melhor amigo
 ali na cela ao lado
 morto o espírito pela tortura?

[...]

No silêncio sepulcral
 das quatro paredes sem sol
 lê na Bíblia
 oferta de esperança de sua mãe:
 “Bem-aventurados os que têm fome
 e sede de justiça...”

Porque deles será a pátria
 e o amor do seu povo. (NETO, Noites de cárcere. 1974. p.116)

No poema “Noites de cárcere” (1974), as sequências de questionamentos como “quando” e “quem” expressas nos versos apresenta uma realidade difícil de lidar, em que se torna angustiante e doloroso pensar em um futuro “quando assiste ao enlouquecer do melhor amigo/ali na cela ao lado”, “quando ao lado há os gritos dos loucos/que pulam da janela para lhe apunhalar a carne” ou “alguém geme/ com os dedos debruados de sangue”, vendo o outro padecer e enlouquecer de sofrimento ao seu lado no presente. Dessa forma, o paralelismo produzido no início das estrofes com “quem dormirá” e “quando” reforçam a realidade que Neto vivia dentro da Cadeia da PIDE, uma realidade que perpassa o sofrimento diário das torturas, mas também a inquietação de estar parado e isolado da luta e dos seus.

Verani (2000, p.53) mostra que os versos constroem um sentimento de impotência, o homem está perante a tortura e a violência mais bárbara no cárcere, sendo submetido a vivenciar o aniquilamento dos seus e de sua própria vida, “a dramaticidade da situação expõe, sem disfarces, não o caráter heroico da luta, mas impotência e o desespero de um homem [...]”.

É através de poemas como esse apresentado acima, produzidos no cárcere, que vemos uma faceta do poeta que se encontra ligada à luta anticolonial da forma mais viva e até mesmo grotesca, é ali que tenta sobreviver às consequências de seus atos perante o regime salazarista, e as palavras vem carregadas de dor e o sufocamento de se pensar em que “há minutos em que o mundo/se resume a sala de tortura”.

O ato de dormir e sonhar se apresenta nos versos que contém a repetida questão de “quem dormirá” e com a afirmação “não há sono que chegue para os seus dias de cárcere”, mostrando

que a vivência diária com a solidão e tortura não terminavam nem mesmo nos sonhos, o sono muitas vezes não seria o remédio para aqueles que teriam que acordar e vivenciar a realidade.

A esperança reaparece nas últimas estrofes do poema, em cujos versos possui uma analogia com versículos da Bíblia como; “⁸Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos” e “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus”, com a junção de suas próprias palavras “Porque deles será a pátria/e o amor do seu povo”. Portanto, a pátria e o amor da sua nação viriam daqueles que mereceriam, “bem-aventurados” aqueles que lutariam por justiça e liberdade apesar de todo o cenário desolador do cárcere e da violência.

Aqui no cárcere
eu repetiria os heróis
se alegremente cantasse
as canções guerreiras
com que o nosso povo esmaga a escravidão [...] (NETO, Aqui no cárcere. 1960.
p. 118)

O canto também se torna uma forma de resistência política na poesia de Agostinho Neto, usando de artifícios como esse para engrandecer o discurso de luta e independência. Na estrofe retirada do poema “Aqui no cárcere” (1960), “se alegremente cantasse/ as canções guerreiras/ com que o nosso povo esmaga a escravidão”, mostra o poder que a música e o canto possuem na construção de um coletivo que resiste e busca uma melhor realidade, trilhando o caminho para a liberdade de Portugal.

Nessa situação de obstrução da liberdade de falar, de lutar e de dar suas opiniões sobre o que ocorria em seu país e com o seus compatriotas, a poesia proporciona uma voz que ia além da voz silenciada pelo outro, uma voz independente, ou seja, a poesia vai à luta por liberdade e direitos iguais. Segundo Holness (1974, p. 10):

Em condições de feroz repressão de todas as actividades políticas, a poesia, não só reflectiu, como ainda activou, o crescente fermento da rebelião. Todavia, a poesia não constituía um mero substituto para a luta política, era intrínseca a essa luta.

⁸ Versículos de Mateus 5:3-12.

Assim, a obra poética toma um papel de destaque por se encontrar em uma posição intrínseca à luta de independência, a poesia se engrandece ao enquadrar os angolanos no “mundo”, e já não se consegue separar o que seria apenas poesia e o que seria luta revolucionária.

Eugenia Neto (2016, p. 11), esposa de Agostinho Neto, afirma que para o poeta angolano escrever se tratava também de um processo de luta, pois as palavras carregavam a esperança de dias melhores:

A poesia netiana não é um exercício estéril de lamúrias depressivas. Para Agostinho Neto, escrever significava lutar. No seu projeto estético, as palavras contêm a esperança da libertação, a audácia da desalienação e insuflam a necessidade da acção libertadora do homem. Plantam esperanças e colhem certezas.

O seu envolvimento com a política desde o período de estudante em Portugal, até sua proclamação como primeiro presidente de Angola em 1975, uma Angola independente do processo de colonização, apresenta um autor que possui uma escrita direccionada para a busca da nova realidade de seu país e o embate com a questão colonialista.

O continente africano foi marcado pelo processo homicida da colonização durante décadas e décadas, sofrendo com apagamentos culturais, religiosos e territoriais, em que colonizadores europeus devastaram sociedades em nome do poder e dinheiro, sem ao menos hesitar em suas condutas.

Ao realizar leituras e pesquisas sobre o doloroso processo de colonização e das várias tentativas de independência dos países africanos, fica perceptível que esse processo não se realizou apenas pela ideia de expansão marítima conforme apresentada nos livros de História. A realidade é que existiram inúmeros outros fatores que influenciaram o desenrolar dessa expansão, tendo destaque a expansão das doutrinas da Igreja Católica como forma de trazer a “civilização” aos povos selvagens e pagãos, e estudos racistas que apresentavam inúmeras dissertações a respeito do complexo de dependência, neuroses e supremacias raciais que eram justificadas através de filósofos, etnólogos, psiquiatras e sociólogos.

O racismo, cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e de outros não brancos, constituiu a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor. O conteúdo dessa justificativa variou ao longo do tempo, tendo começado com noções imbuídas de uma visão religiosa do mundo que

permitiram estabelecer a distinção entre cristãos e pagãos. Mais tarde, e de uma maneira paradoxal, o ideário de igualdade e liberdade surgido no final do século XVIII acentuou a exclusão dos não brancos do universalismo burguês e levou à necessidade de reforçar a distinção entre homens (brancos) e sub-homens (de cor). Já no século XIX, o darwinismo social, o evolucionismo, as doutrinas do “racismo científico” e a ideia da “missão civilizatória do homem branco” aparecem intimamente relacionadas à expansão imperialista dos países europeus. (HASENBALG, 2022. p.87-88)

O psicanalista Mannoni (1950, p.56) é um claro exemplo de como se construíram teorias e estudos que “comprovavam” a inferioridade de populações negras, a teoria de um “complexo de dependência” desenvolvida em relação aos seus relatos sobre o povo ⁹malgaxes, vem a ser um de seus estudos mais conhecidas que se encontra na sua obra “*Prospero and Caliban: the Psychology of Colonization*” (1956):

¹⁰O homem não-civilizado, entretanto, se sua personalidade é construída como a dos malgaxes, é óbvia e totalmente inapto para o estado órfão e ele absolutamente nunca, de forma desajeitada ou de qualquer outra maneira, tenta “amadurecer” como nós. (Tradução nossa)

O complexo de dependência desenvolvido por Mannoni (1956, p.61-62) apresentava a ideia de que havia indivíduos, homens não civilizados ou o povo Malgaxe, que possuíam uma necessidade em serem dependentes de outras sociedades, não havendo o desejo de crescer e se libertar.

¹¹Dependência, como disse anteriormente, não é a mesma coisa que inferioridade, porque mesmo quando o malgaxe sabe ou sente que é inferior ele

⁹Malgaxes/Malagasies é um grupo étnico da metade da população da ilha de Madagascar, povo esse que Mannoni estuda e se utiliza para comprovar a necessidade de povos não civilizados em depender de populações européias, tal grupo étnico foi colonizado pela França.

¹⁰Do original: The non-civilized man, however, if his personality is constructed like that of the Malagasies, is obviously totally unfitted for the orphaned state and he absolutely never, clumsily or in any other way, tries to 'grow up' as we do. (MANONNI, 1956. p. 56)

¹¹Dependence, as I have said, is not the same thing as inferiority, for even when the Malagasy knows or feels that he is inferior he does not compensate in the way a European does by claiming equality or superiority. On the contrary, he tries to rectify the situation by establishing a dependence relationship on the pattern of that of the child with his parents. The words Ray aman'dReny, which literally mean 'the father and also the mother', the parental couple, are those the Malagasy uses to address personages he deems worthy of respect -- the administrator or the governor, for instance -- and with whom he would be happy to establish a strong bond of dependence. When he has succeeded in forming such relations with his superiors, his inferiority no longer troubles him: everything is all right. When he fails to establish them,

não compensa na maneira europeus compensam clamando igualdade ou superioridade. Pelo contrário, ele tenta retificar a situação estabelecendo uma relação dependente num padrão semelhante à de uma criança com seus pais. As palavras Ray aman'dReny, que literalmente significam “o pai e também a mãe”, o casal paternal, são aquelas que o malgaxe utiliza para falar com pessoas que ele considera dignas de respeito – o administrador do governo, por exemplo – e com quem ele seria feliz estabelecer uma forte ligação de dependência. Quando ele sucede em formais tais relações com seus superiores, sua inferioridade não mais o incomoda: tudo está bem. Quando ele falha em estabelecê-las, quando seu sentimento de insegurança não é amenizado desta forma, ele sofre uma crise. Isso pode, como demonstrei, reviver antigas memórias de abandono e levar a uma explosão de hostilidade. (Tradução nossa)

Existia, portanto, uma ideia mística de que a obediência negra era algo notável por todos os senhores escravistas, em qualquer lugar do mundo que se tivesse conhecimento de que houve trabalho escravo, visto que se comportavam como “crianças adultas” que precisavam da presença de um senhor para conseguir viver em “harmonia” entre os outros escravizados.

Enquanto nas civilizações ocidentais se depararam com o processo do indivíduo em quebrar laços com o pai e mãe, essa necessidade de romper com essa dependência em sociedades colonizadas, não ocorria, pois se sentiam bem em estabelecer relações com as sociedades que se diziam serem “superiores”.

O psicanalista francês afirma que essa necessidade de dependência vinha a ser de nível psicológico, que a “colonização seria fundada na psicologia” por conseguir explicar a existência de populações que não conseguiriam sobreviver sem essa dependência, podendo com a falta dela gerar um problema patológico a essas civilizações, levando-os a loucura e a hostilidade com os seus “salvadores”.

Césaire (1955) mostra a indagação de Mannoni (1956), de que como seria possível a população negra desejar algo que não conheciam, pois não sabiam o que era liberdade, “eles não a querem, não a reivindicam, são os agitadores brancos que enfiam isso em suas cabeças, se a dermos aos negros, eles não saberão o que fazer”. (CÉSAIRE, 1955 apud MANNONI, 1956. p. 52).

when his feeling of insecurity is not assuaged in this way, he suffers a crisis. This may, as I have shown, revive old memories of abandonment and lead to an outburst of hostility. (MANNONI, 1956. p.61-62)

Esses estudos, dentre muitos outros, surgiram dentro de análises que diziam ter comprovações científicas para justificar o processo de colonização, como se tal processo fosse um favor feito a esses povos “perdidos”.

Fanon (1952, p.90) desenvolve, em *“Pele Negra, Máscaras Brancas”* (1952), uma obra que contradiz as conclusões de Mannoni (1950), afirma que na realidade o que acontece é uma tentativa de psicologização da situação colonial, de simplificar ações racistas e violentas contra essas nações ao categorizar os europeus como sociedades individualistas, enquanto os outros povos são apenas “crianças grandes” que precisam que alguém dê um norte para suas vidas.

Quais são os casos excepcionais de que nos fala Mannoni? São, simplesmente, aqueles em que o “evoluído” descobre-se, de repente, rejeitado por uma civilização que ele, no entanto, assimilou. De modo que a conclusão seria a seguinte: na medida em que o verdadeiro “malgaxe-tipo” do autor assume a “conduta dependente”, tudo vai às mil maravilhas. Mas se ele esquece o seu lugar, se por acaso mete na cabeça que quer igualar-se ao europeu, então o dito europeu se irrita e rejeita o audacioso – que, nesta ocasião, e neste “caso excepcional”, paga com um complexo de inferioridade sua rejeição da dependência.

O psiquiatra martinicano mostra que, para Mannoni (1950), o complexo de inferioridade e dependência de sociedades colonizadas surge quando em algum momento da vida do indivíduo negro, ele esquece o “seu lugar” e percebe que é tratado de forma diferente pelos europeus e a partir disso tenta de alguma forma mudar essa ação, sendo esse o momento que o branco europeu o rejeita, proporcionando uma espécie de neurose ao negro por não saber lidar com a rejeição do branco ocidental.

Para Lélia Gonzalez (2022, p.10), o termo “lugar” vai estar associado diretamente a questões sociais e raciais, sendo que, ao colocar a expressão “saber o seu lugar” vem a determinar a forma de compreensão de quais locais esses corpos ocupam e quais deveriam se ter o direito de ocupar, proporcionando a compreensão dos mecanismos que regem o racismo.

O termo “lugar” nos remete a uma dimensão muito crucial das desigualdades raciais. [...] “Saber o seu lugar” é uma expressão de naturalização das posições sociais, uma hierarquia presumida que aloca indivíduos segundo os marcadores sociais de raça, classe, gênero e território.

Portanto, para muitos estudiosos esse processo de inferioridade estaria muito mais ligado às ações e comportamentos da população colonizada do que com as ações e os comportamentos do branco europeu colonizador, já que o colonizador estaria tendo o papel do homem benevolente perante aqueles indivíduos.

Frantz Fanon (1952) foi um dos grandes teóricos negros, que impulsionou e fortaleceu o conceito de Negritude no campo da ciência, apresentando um olhar importante sobre a maneira como o racismo afetou as sociedades negras e impulsionou o colonialismo, e de que forma a Negritude quebra essa narrativa de submissão e opressão.

Segundo Moore (1987, p.24), a obra *“Pele Negra, Máscaras Brancas”* (1952) desenvolve a tese sobre a “alienação racial” que mostra que essa alienação afeta toda uma raça, assim, o racismo seria um fenômeno que estaria diretamente ligado com o processo de exploração de outros indivíduos:

A despersonalização do negro era o produto de um singular e violento processo de desaculturação e de desenraizamento ontológico. Negado como humano, despersonalizado, o ser-negro é desapropriado de sua essência humana como negro e essa desapropriação ontológica é pautada especificamente na raça. A experiência histórica da escravidão negra, centrada especificamente na raça, não tinha comparação na história da humanidade. Ela também havia construído, mundialmente, todo um imaginário social específico desfavorável ao corpo negro, às feições de negro e às suas culturas.

Essas nações foram esvaziadas do seu próprio eu, tratadas como sociedades inferiores e animais, ou seja, indivíduos que poderiam ser aniquilados e apagados de forma rápida e eficiente sem o menor receio e dúvida, como foi feito pela sociedade colonizadora, ocidental e “civilizatória”.

O colonialismo veio a ser o período mais longo de massacres de sociedades em massas, colocado em prática por sociedades que tenderam em muitos momentos a reescrever as narrativas históricas ou negar fatos como forma de se esquivar da cruel face do racismo e colonialismo que o vestiram por tanto tempo.

A tentativa de se alterar a história, de silenciar as narrativas históricas do continente africano, direcionando-as pelos interesses dentro do campo de poder, representa o modo que o processo de colonização e essas sociedades ocidentais colonizadoras vêem a história que

acontece fora dos seus “mundos”, proporcionando consequências até hoje na vida dessas sociedades.

Segundo Césaire (1955, p.9), os colonizadores vêm a se mostrar como civilizações que não conseguiram olhar de frente os problemas que foram causados por eles próprios, denominada como uma “civilização doente”:

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento provoca é uma civilização decadente. Uma civilização que opta por fechar os olhos para seus problemas mais cruciais é uma civilização doente. Uma civilização que se esquiva diante de seus princípios é uma civilização moribunda.

As populações africanas pagaram pela ambição e maldade de “civilizações moribundas”, uma vez que tiveram o passado mutilado, o presente em uma constante luta para se recompor em um mundo capitalista e um futuro muitas vezes incerto perante tantas questões políticas, econômicas e sociais a serem pensadas e resolvidas dentro dos seus países.

É o que Du Bois (1903, p.49) mostra ao falar que essas nações, mesmo após as suas vitórias contra o colonizador, com a sua independência, ainda enfrentam diversas situações que os impedem de se sentirem totalmente livres e respeitados perante aos outros.

A nação ainda não expirou seus pecados, o liberto ainda não encontrou na liberdade a sua terra prometida. Apesar de tudo o que de bom estes anos de mudança possam ter trazido, a sombra de uma profunda desilusão cobre o povo negro- uma desilusão tanto mais amarga quanto o ideal por atingir não conheceu outros limites a não ser os da ignorância simples de um povo humilde.

Esses indivíduos acabam sendo marginalizados novamente, mesmo vivendo em uma nação independente, são colocados em situações em que os remetem ao passado, proporcionando o sentimento de se viver em uma eterna luta por seus direitos e seu espaço.

Eugénia Neto (2016) apresenta a fala de Odil José de Oliveira Filho (1990) sobre como a escrita de Neto faz um resgate dos “desprezados”, “[...] Agostinho Neto resgata uma cultura desprezada, construída por homens desprezados, num mundo desprezado, usando para isso, a linguagem que um dia foi a do colonizador, mas com um novo valor estético angolano.” (NETO apud FILHO, 2016. p.12)

Ao colocar a cultura africana em destaque em sua obra, Neto possibilita a exaltação de uma cultura que durante a história mundial foi sempre colocada abaixo da cultura branca ocidental, em que músicas, danças, ritos e religiões eram vistas como ações de povos “selvagens”, dignos de apenas curiosidade.

As manifestações artísticas engrandecem a sua poesia, é através delas que seus poemas vão ter força para dialogar com os seus irmãos e com isso construir a libertação do corpo negro, proporcionando a união para uma revolução política como pensada por Agostinho Neto e os seus compatriotas no continente africano.

Chabal (1987) define o ato de escrever poesia como sendo “um ato político, um momento de ação”, não haveria melhor definição para pensarmos o ato de escrever, em consonância com o que afirma Jacques Rancière, em sua obra *“Políticas da Escrita”* (1995), para quem:

Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma. (RANCIÈRE, 1995. p.7)

Nesse sentido, se tem a ideia de que a escrita é agir, que ela se encontra associada a dois lados de uma moeda, em um temos a escrita como um gesto que possui impacto sobre o comum, a comunidade e o outro lado como uma alegorização da constituição estética da comunidade, ou seja, uma organização de como os corpos se relacionariam na comunidade.

Segundo Jacques Rancière (2005), em um dos estudos desenvolvidos por Aristóteles, afirma-se que o “animal falante é um animal político”, ou seja, o homem é um ser que necessita estar em contato e presente em uma comunidade, para assim conseguir tomar parte no jogo do governar e ser governado.

A partir do conceito de “partilha do sensível”, cunhado por Rancière, e das ideias de Aristóteles, é possível pensar que o ser humano é um ser que compartilha vivências em uma sociedade, porém é de se refletir até que ponto ele participa dessa comunidade, sendo essa participação um fato político.

A escrita também interfere na hierarquização social, pois através dela abalam-se as normas e reestrutura o poder, conforme afirma Rancière em *“A partilha do sensível: estética e política”* (2005). Sendo assim, “a escrita é política porque traça, e significa uma re-divisão entre

as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e a das condições.” (RANCIÈRE, 2005. p. 9)

O sensível, para o filósofo franco-argelino, vai ganhar sentido através da sua organização, que não está presa aos fatos, proporcionado a aproximação entre ficção e realidade, e a dependência entre as duas vai possibilitar outra visão sobre a história.

Para Rancière (2005), a estética vai estar associada à experiência do sensível, anterior a qualquer racionalização, indo além do que é compreendido como arte. Portanto, para o filósofo, “[...] atos estéticos são configurações da experiência, que ensejam novos modos do sentir e induzem novas formas da subjetividade política.” (RANCIÈRE, 2005. p. 11)

Essa experiência estética vai ser política por estar associada à subjetividade, como uma “situação” realizada por sujeitos que possui impacto no comum, sendo todo movimento estético uma coisa política.

Rancière (2005, p.57) afirma que a “história poética” possui uma relação entre realidade e poesia, apresentada através de “máquinas de compreensões complexas”, que “articula o realismo que nos mostra os rastros poéticos inscritos na realidade mesma.”

O conceito de “história poética” é pensado em torno da aproximação do real e da ficção, aproximação permite que a realidade possa ser pensada e proporcionar sensações, proporcionando uma leitura poética da história de Angola e uma influência no coletivo.

Ao pensar sobre a aproximação do real e da ficção, compreende-se que o poema vem a ser um “produto histórico” por ser algo que transcende o tempo cronológico, mas que só existe ao se encarnar e reafirmar na história, sendo assim, o poema vem a ser histórico por ser um produto social e dialogar diretamente com o tempo e espaço. Segundo Paz (1972, p.53):

Como toda criação humana, o poema é um produto histórico, filho de um tempo e de um lugar, mas também é algo que transcende o histórico e se situa em um tempo anterior a toda história, no princípio do princípio. Antes da história, mas não fora dela. Antes, por ser realidade arquetípica, impossível de datar, começo absoluto, tempo total e autossuficiente. Dentro da história – e ainda mais: história – porque só vive encarnado, reengendrando-se, repetindo-se no instante de comunhão poética. (...) o poema é histórico de duas maneiras: a primeira, como produto social; a segunda, como criação que transcende o histórico mas que, para ser efetivamente, necessita encarnar-se de novo na história e repertir-se entre os homens.

É com essa reorganização entre a ordem do discurso e a das condições desse discurso que o sentido de democracia prevalece, já que a reestruturação da ordem social e discursiva permite que várias ideias sobre algo entrem em diálogo, em contraste com a hegemonia de um discurso absoluto (antidemocrático).

A compreensão de democracia se daria como uma problematização de uma hierarquia rígida, de uma normativa, em que tal conceito se coloca em fazer ações que viabilizam e produzem um pensamento que abala e problematiza esse pensamento hierárquico da sociedade.

Através desse pensamento de problematização das estruturas rígidas, pode-se pensar a obra de Agostinho Neto, em que ocorre a reconfiguração do sensível, ou seja, a possibilidade de apresentar uma narrativa de populações negras como corpos de resistência, reafirmando o pensamento de que a democracia vem a ser uma forma e não uma ideia. Segundo Rancière (1955, p.9):

A perturbação teórica da escrita tem um nome político: chama-se democracia. [...] Pois a democracia não é um modo particular de governo. [...] a democracia é o regime da escrita. E a escrita é, indissolúvelmente, duas coisas em uma: é o regime errante da letra órfã cuja legitimidade nenhum pai garante, mas é também a própria textura da lei, a inscrição imutável do que a comunidade tem em comum.

A escrita se apresentaria como uma balança entre possuir o desejo de corpo e compreender que esse desejo não poderia ser realizado em totalidade, pois essa alegorização se encontra entre o concreto e o abstrato, proporcionando a ideia de democracia através do modo que se vai lidar com esse embaralhamento.

Onde se encontrar a escrita irá existir democracia, visto que a escrita disponibiliza sentidos, que não possuem um “dono”, da mesma forma que a democracia também não possui um, permitindo pensar que a escrita irá manipular a relação entre as palavras e o mundo, não se tendo um espaço fechado e imutável.

Em suma, a poesia vai ser política na obra de Neto, permitindo reajustes no discurso narrativo, na reconfiguração da história e da cultura de Angola, e, com isso, também será política e revolucionária em sua afirmação do corpo, dos sentidos e da experiência estética.

A dimensão política dessa poesia não apenas vai se dar no âmbito mais claramente ideológico, mas sobretudo na valorização estética da cultura africana, das nações africanas, da música e da dança, em que a vivência corporal dos ritmos da África se torna um ato poético-

político tão ou mais poderoso do que apenas a ligação entre a obra e os acontecimentos do período.

Para García (2009, p.202), o poeta angolano, através da cultura, resgata e restabelece o indivíduo negro na sociedade, em que se tenta “preservar os angolanos dentro de seu próprio estado criativo e evolutivo”, dando a dança e a música um papel fundamental nesse processo.

Agostinho Neto é um poeta que não somente enfatiza o ser humano em quase todos os seus estados anímicos, relativamente ao contexto angolano, mas também trata de resgatá-los e colocá-los em seu meio cultural. Neste aspecto, observamos o poeta em sua obsessão por preservar os angolanos dentro de seu próprio estado criativo e evolutivo, com todos os atributos oriundos da vida tradicional. São desta ordem os elementos sugestivos de sua poesia, na qual a música e a dança têm uma função prioritária e também revolucionária que ultrapassa conceitualidades expressivas.

A poesia de Agostinho Neto se torna um ato de dar corpo à linguagem, de maneira que a poesia tome forma e significado, como vemos em sua obra que se desenvolve através da representação e da materialização poética do corpo, da cultura, do ritmo que inflama um indivíduo muito mais do que um conjunto de ideias e ideais abstratamente representados.

Sons de grilhetas nas estradas
cantos de pássaros
sob a verdura húmida das florestas
frescura na sinfonia adocicada
dos coqueirais
fogo
fogo no capim
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte

Caminhos largos
cheios de gente cheios de gente
cheios de gente
em êxodo de toda a parte
caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cima
da impossibilidade dos braços [...] (NETO, Fogo e Ritmo. 1974. p. 139)

No poema “Fogo e Ritmo” (1974), percebe-se a força que emana das presenças do ritmo, da dança, da música e do som, associados aos momentos do processo que a África enfrentou no período do colonialismo e no movimento anticolonialista, em que os “sons de grilhetas nas

estradas”, “ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços” e “ritmo nas unhas arrancadas” dão uma forma sensível ao sofrimento das nações africanas.

A presença de sons sibilantes nos versos, como nas palavras “sons”, “frescura”, “estradas” e “chapas” demonstram que o ritmo ao decorrer das estrofes se apresenta através do “chiar” das palavras. As imagens que são remetidas ao leitor como quando é mencionado o “fogo no capim”, “fogo sobre as chapas do Cayatte”, “sons de grilhetas nas estradas”, constroem metáforas de um ritmo que se espalha como fogo na poesia do autor.

Para Secco (2021, p. 239), Neto percorre o caminho da história do continente africano através do ritmo nos versos da sua poesia, pois apresenta a “reivindicação de uma vida mais digna”, o confronto entre “remotos sons míticos” com o “som” da colonização.

A voz poética do sujeito lírico faz o inventário da história, confrontando remotos sons míticos com outros compassos impostos pela colonização. Capta, em outros poemas, a ritmicidade do trabalho forçado dos contratados, acusando a exploração de sua mais-valia. Denúncia e reivindicação de uma vida mais digna para o povo de África se materializam pela cadência de versos livres que instauram a ruptura em relação a paradigmas literários europeus difundidos pela política de assimilação colonial. Estava, assim, instaurada a modernidade na Literatura de Angola que se inspirava, em grande parte, no Modernismo brasileiro.

Sendo apresentada de forma clara e bem feita uma poesia de protesto e resistência, em que se fixam as bases para a identidade nacional de Angola, se apoiando na Negritude, segundo o conceito de Césaire (1987) e na personalidade dos angolanos através de uma ¹²Literatura de Luta, fazendo com que a sua poesia crie corpo através da junção da música, da dança e da história de seu povo.

Portanto, a construção de um corpo político e ativo em sua poesia de protesto não vai se resumir em apenas uma vinculação de uma mensagem ideológica e sim através da estética que proporciona a força ativa desses corpos.

A Literatura de Luta se desenvolve como maneira de incitar a mobilização, para que a nação angolana desperte de todo sofrimento ocorrido durante tanto tempo, buscando fixar bases da identidade nacional como fator motivador da literatura. Sendo assim, Jahn (1971, p.33) fala em:

¹² Categoria geral que engloba toda a literatura de fins sociopolíticos: de simples textos de conscientização social e reivindicação cultural a textos especificamente revolucionários.

Literatura de Luta, de revolução, literatura nacional. Nesta fase, muitos homens e mulheres, que antes nem sequer tinham sonhado, produziram uma obra literária, porque agora, em condições anormais, no cárcere, ou diante de sua execução, sentem a necessidade de dizer uma palavra que expresse ao seu povo e converter-se em porta-vozes de uma nova realidade.

Sartre (1989, p.159) complementa essa definição de que a literatura toma o papel de expressão e comunicação desses homens e mulheres que tiveram suas vidas e histórias ceifadas por ditadores e processos que aniquilavam nações em nome de ações racistas.

[...] era um público formado de homens da nossa espécie que, como nós, aguardavam a guerra e a morte. A esses leitores sem horas de lazer, incessantemente absorvidos por uma só preocupação, um único assunto podia interessar: era sobre a guerra, sobre a sua morte que tínhamos de escrever. Brutalmente reintegrados à história, éramos acuados a fazer uma literatura de historicidade.

Como consequência, a nova realidade desses sujeitos fazia com que suas obras estivessem inseridas nesse ambiente, um ambiente em que a morte, a violência e as mazelas faziam parte, a literatura caminhava ao lado da história, deixava sua marca através da força de luta e de resistência.

Essa literatura sofre duras críticas por alguns estudiosos por acreditarem que se trata de uma literatura datada e que perde o seu sentido após a “resolução do problema”, entretanto ao ler e estudar a obra de Neto é difícil pensar que seus poemas ficariam datados, por possuírem um grande valor estético, não se reduzindo a panfletos políticos. E também ao denunciar as mazelas do presente apresenta uma reflexão sobre questões universais como a liberdade, a humanidade, os direitos humanos, a empatia e o respeito, construindo sua marca na história da poesia ocidental através da sua estética transformada em força ativa de luta.

O valor estético da poesia de Agostinho Neto separa sua obra de ser definida apenas como panfleto político e ideológico, ao trabalhar a linguagem em sua poesia através da cultura, música, história e dança, compartilhando da ideia de busca da independência do corpo negro, apresentado pelo conceito da Negritude, conseguindo aproximar poesia e política de maneira que mostre uma obra que dá forma aos problemas históricos do seu povo através da estética.

Quando se pensa sobre estética e política, nos deparamos mais uma vez com o conceito da “partilha do sensível” de Rancière (2005, p.7), em que podemos pensar de que maneira se desenvolve essa ligação entre os dois conceitos:

Não é por ser o instrumento do poder, nem por ser a via real do saber que a escrita é coisa política. Ela é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da comunidade e se presta, acima de tudo, a alegorizar essa constituição.

Com o termo alegorizar, o filósofo argelino apresenta a ideia de que a escrita é um modo de pertencimento coletivo, uma alegoria capaz de explicar como uma comunidade se organiza e desenvolve o afeto no âmbito coletivo, de forma que a constituição estética da comunidade está muito mais ligada à construção de um sentimento, uma experiência semelhante do que à defesa direta de algum ideal, de algo partidário claramente expresso.

Dessa forma, a experiência estética sendo ela na dança, na música, nos rituais e até mesmo na própria poesia é uma forma de pertencimento comunitário e uma forma de ação política, através dessas experiências forma-se um corpo político coletivo e conseqüentemente uma experiência de autoconhecimento e de pertencimento comunitário.

Ao pensar que o ser humano é um ser que compartilha de vivências de uma sociedade, ou seja, que participa de uma comunidade, em que a estética está fundada antes de tudo na partilha de sensações e experiências afetivas, não é difícil compreender que a literatura é uma representação de tudo que é visto e sentido no âmbito comunitário.

Garcia (2011, p.10) mostra que Agostinho Neto apresenta essa experiência estética associada à negritude e à africanidade:

Agostinho Neto insiste tanto na ancestralidade como no universo telúrico da realidade africana. Ele é um dos poetas africanos que melhor encarna e insiste na importância da negritude universal e da africanidade, expressando-a com todo o sentimento que flui de seu eu africano. Negritude e africanidade que também se manifestam na dança e nos cânticos, os quais, por sua vez, emanam tanto de um pensamento milenar quanto de pautas e comportamentos sociais do tempo presente.

A associação desses conceitos, como o passado e presente de África, apresenta uma obra com uma força muito maior do que os discursos políticos realizados pelo autor, de forma que esse corpo ativo independente construído através das suas origens e cultura se torne uma estratégia muito mais importante do que as suas próprias ideologias políticas.

Ao falar desse ser ativo e independente temos que associá-lo ao conceito de Negritude, a partir dele compreende-se a força e orgulho do indivíduo negro reivindicando o seu lugar na história.

Césaire (1934), Senghor (1939) e Damas (1937) desenvolvem o conceito de Negritude apresentando a ideia da “reivindicação do corpo sociocultural africano”, buscando a valorização da identidade e cultura negra, ou seja, a enunciação de um sujeito negro que é capaz de questionar e lutar contra o discurso eurocêntrico, as mazelas enfrentadas pelo sistema colonial e que busca uma civilização que não seja imposta em cima das mazelas do outro.

Campos (2020) mostra que o sentimento de Césaire (1967) no desenvolvimento do conceito de Negritude era quebrar com a violência que o termo “nègre” trazia, se fazia necessário levantar perante a realidade racista, afirmando e dando autonomia a corpos negros.

Devo dizer que quando fundamos L'Étudiant noir eu queria chamá-la, na realidade, L'Étudiant nègre, mas houve uma grande resistência no meio antilhano... Alguns pensavam que a palavra “nègre” era por demais ofensiva, por demais agressiva: por isso tomei a liberdade de falar de negritude. Havia em nós um desejo de desafio, de violenta afirmação na palavra nègre e na palavra negritude. (CAMPOS, 2020 apud CÉSAIRE, 1967. p.92)

Dessa forma, Aimé Césaire (1987, p.108-109) em seu “*Discurso sobre a Negritude*” (1987), apresenta a sua definição de Negritude:

De fato, a Negritude não é essencialmente de natureza biológica [...] A Negritude, aos meus olhos não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretensiosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história: a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas. [...] Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. Ela não é nem da ordem do patético e da dor. Não é nem emoção nem dor. A Negritude resulta de uma atitude ativa e agressiva do espírito. Ela é um despertar, um despertar de dignidade. Ela é uma rejeição, e rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta.

A obra poética de Agostinho irá dialogar com a Negritude apresentada por Césaire (1987), mostrando em seus versos a ideia de que a independência, em todos os âmbitos desses indivíduos, só irá acontecer quando eles forem uma sociedade que se orgulha de si própria, das suas origens,

culturas, religiões, como uma sociedade que possui identidade própria e não recortada e recriada por brancos europeus.

O poeta martinicano afirma que não é possível ter liberdade, se o indivíduo não assume sua própria identidade, reiterando o pensamento de Neto sobre a importância de se orgulhar de quem são para construir um corpo que luta, pensa e possui o controle sobre o seu presente e anseios do futuro.

Segundo Costa (2018, p.2), a obra de Césaire (1934) busca mergulhar na história e vida negra: “[...] alma negra do mundo, descortinando as mazelas provocadas pelos regimes coloniais, a violência do racismo, a desolação das mentes colonizadas e a potência de revanche contra as estruturas de aniquilamento do ser e do espírito.”

O conceito de Negritude se apresenta na poesia netiana ao mostrar o forte e indissolúvel elo entre a população negra, um elo que se engrandece a partir de suas próprias vozes e da valorização da sua identidade, mas também através de uma identificação das mesmas mazelas e lutas que perpassam os seus caminhos.

Deve-se lembrar de que o conceito de Negritude sofreu modificações ao longo do tempo, mas permaneceu com o ideal identitário da comunidade negra, conforme afirma Costa (2018, p.1):

É importante ressaltar que a negritude como um conceito, uma ideia ou mesmo uma palavra sofreu ao longo do tempo modificações, alterações de sentidos e significâncias, o que confirma sua plasticidade e sua força simbólica, capazes de acompanhar as mudanças nos universos identitários de diversas comunidades negras do mundo.

Essas mudanças no conceito de Negritude que Costa (2018) se refere estão presentes desde o início da criação desse conceito, pois Césaire (1934) e Senghor (1939) tomaram caminhos ideológicos diferentes ao longo da vida ao falarem sobre a Negritude.

É importante compreender que os conceitos que vieram definir a Negritude têm como seus fundadores, pessoas que estiveram sempre associadas de uma maneira ou outra com a política de seus países, com o movimento da luta anticolonial, portanto, seria de uma ingenuidade pensar que influências externas não se fariam presentes em seus estudos.

Campos (2020, p.102) apresenta que para Césaire (1934) tanto a poesia quanto a política se encontravam misturadas, o definindo que como um “homem político” ele sempre seria prático e objetivo em suas ideias e ações.

[...] a poesia e a política estivessem em muito misturadas em Césaire, este tinha muito claro como dosar cada uma a cada momento: o mesmo homem que disse “Não separo minha ação política do meu engajamento literário”, também disse “O escritor escreve no absolutismo. Um político trabalha no relativo”. Césaire, como homem político, sempre foi um pragmático.

Senghor (1939) apresentava uma visão anticolonialista “complexa” que afetaria a sua ideia sobre a Negritude e geraria um embate entre ele e outros estudiosos, pois desenvolveria uma concepção de uma coexistência pacífica entre colonizadores e colonizados, não havendo uma necessidade de independência entre eles.

A mestiçagem e a simbiose se faziam presente em suas ideias sobre o homem negro e sua relação com o colonizador, sustentando o pensamento de que seria através da mestiçagem que ocorreria uma regeneração da raça negra, ou seja, buscava ultrapassar a questão colonial com o “voluntarismo político negro”.

Ao decorrer do primeiro ensaio político de Senghor (1939), ¹³“*Ce que l’homme noir apporte*” (1939), já é possível visualizar seus pensamentos a respeito dessa “integração” entre a raça negra e a raça branca através da mestiçagem, conforme apresenta Moore (1987, p.20-21):

[...] Senghor deixa bem clara sua visão: a incompletude do mundo negro e a do mundo branco, situação que exigia a junção dos dois no que ele já designara como “mestiçagem cultural”. Só assim, sustentava ele, era possível atingir a “Civilização do Universal”. Mais tarde, ele definiria esse propósito em termos dualistas, como o casamento entre a “Lógica” (Europa) e a “Emoção” (África): “A emoção é negra e a razão é helênica”.

Uma interpretação neocolonialista sobre a Negritude surgiu colocando a população negra novamente de joelhos perante os colonizadores, mas dessa vez essa submissão se encontrava encoberta pela ideologia senghoriana da Negritude, em que só poderia haver uma boa

¹³Tradução: ensaio “O que o homem negro oferece”, que se encontra na obra “Liberté (I): Négritude et humanisme” (1964).

convivência e completude entre os dois lados (África e Europa) se o continente africano continuasse de alguma maneira aos comandos da Europa racista.

O fato de Léopold Sédar Senghor ser um Chefe de Estado, estabelecendo um longo período de poder no Senegal, contribuiu para se espalhar o pensamento de existir apenas uma Negritude, colocando Césaire (1934) e Damas (1937) em uma posição de contradição perante o mundo.

Entretanto, o período que se encontrou no poder no Senegal apresentou à verdadeira face desse seu pensamento sobre a Negritude na prática, face essa que escancarou a subjugação do seu povo perante o Estado francês, desenvolvendo uma atuação política voltada ao seu favor e muitas vezes considerada por outros como um período ditatorial.

Segundo Moore (1987, p.30), o seu poder político se apoiava em uma “mística negrista” como maneira de esconder as suas verdadeiras atitudes perante os senegaleses:

Senghor não matava nem encarcerava indivíduos; não era um dirigente sanguinário, como a maioria de seus congêneres. Utilizaria uma mística “negrista” que tentara transformar em ideologia, para consolidar seu poder político e opções culturais, em perfeito acordo com a França e em detrimento de todo um continente. Ao longo de duas décadas de governo (1960 – 1980), a Negritude lhe serviria como cortina de fumaça; por trás, seu governo escondia não somente seu rosto assimilacionista, seu hábil oportunismo político, mas também a sua proposta de cooperação submissa com o neocolonialismo imperial.

Essa consolidação da Negritude de Senghor foi um golpe duro em seus companheiros, pois eles possuíam todo o conhecimento das ações e escolhas ideológicas de Senghor, mas por muito tempo preferiram se calar, fato esse que geraria um eterno constrangimento. E juntamente com essa falta de posicionamento vinha também o “esquecimento” da luta pela independência de territórios do Caribe, pois o discurso pregado se estendia apenas aos países na África e na Ásia, os igualando nessa situação à Senghor.

Apesar dessa falta de posicionamento perante a Negritude de Senghor (1939), Césaire (1934) desenvolve claramente suas ideias sobre o que seria para ele o conceito de Negritude, percorrendo o caminho da igualdade, luta e resistência de corpos negros.

Césaire (1934 apud CAMPOS, 2020, p.118) apresenta o pensamento de uma Negritude que quer contribuir para um “humanismo universal”, um pensamento amplo que proporcionaria a união de todos os sujeitos que sofrem através de processos de desumanização ou inferiorização,

no combate aos caos gerados pelo outro, portanto “a negritude não quer criar um ‘humanismo negro’”, mas quer “contribuir para a edificação de um verdadeiro humanismo, um humanismo universal”.

É inegável a grandeza de Senghor (1939), Damas (1937) e Césaire (1934) ao desenvolverem o conceito de Negritude, porém essa quebra no diálogo teórico entre eles proporcionou algumas leituras que desassociaram a Negritude com a poesia de Agostinho Neto, colocando-os em lados diferentes.

Conforme Venokanya (2020, p.23), a poesia de Neto está ao lado de uma luta de um indivíduo que pede a independência, não olhando para o negro como uma raça e sim como um indivíduo que é renegado perante o processo de colonialismo.

O poeta em estudo, Agostinho Neto, encara a negritude como retrocesso, no sentido em que os escritores intelectuais da África oprimida deviam apostar no discurso da contra-argumentação. Portanto, o da luta de classes e não o epidérmico. [...] A poética Netiana é um abandono a negritude, à medida em que combate rigorosamente o colonialismo vigente em Angola.

Silva (2015) mostra a ideia de Carvalho (2009), na qual o que diferenciava o poeta angolano dos outros estudiosos da Negritude, como Senghor e Césaire, seria que ele seguia a ideia de mobilizar para a ação, enquanto os outros ficariam mais no mundo das ideias.

[...] o que diferencia Agostinho Neto, poeta, de outros, tais como: Aimé Césaire, David Diop e Léopold Sedar Senghor, principalmente deste, é que, embora Senghor e Neto proponham a “reabilitação da cultura africana”, Neto propõe a luta contra a escravidão colonial, “consciencializando o Povo e mobilizando-o para a ação violenta, revolucionária incutindo-lhe a certeza da vitória”, enquanto Senghor propõe “um entendimento entre colonizado e colonizador, onde este continuará a ter uma posição de supremacia”. (SILVA, 2015 apud CARVALHO, 2009. p.20)

Compreende-se que a poesia de Agostinho desenvolve um diálogo com a Negritude, mas uma Negritude que se aproxima em muitos momentos dos pensamentos de Césaire (1934) e se encontra em choque com as “concepções estéticas e sociais” encontradas na Negritude de Senghor (1939). Segundo, Venokanya (2020, p.24) afirma:

Não pretendemos, em momento algum, descartar a influência ideológica da Negritude na poética netiana. Enquanto o “negritudismo” percorre sobre a

perspectiva epidérmica, na pretensão de valorizar o homem negro, a revalorização da cultura africana e rejeição da europeia bem como os seus valores, por sua vez, a poética netiana encara o negritudismo radical de Senghor como sendo um retrocesso na coabitação rática e no diálogo intercultural.

Portanto, a luta contra o colonialismo e a criação do desejo de se construir uma frente política e revolucionária ao terror causado pela colonização portuguesa, demonstra que o conceito de Negritude se apresenta nos versos do poeta angolano como um apoio filosófico ao associar com suas ideias e atitudes, não havendo assim uma total centralização da poesia netiana no conceito de Negritude.

Para Secco (2021, p.238), é nesse “fértil período” de produções de “utopias revolucionárias” que Agostinho Neto vai se encontrar, pois vem a compartilhar e aprender sobre as questões da luta anticolonial, da Negritude, do racismo e em como tornar sua obra um instrumento de resistência e empoderamento.

Inscrita nesse fértil período de “germinação de utopias revolucionárias”, a obra de Agostinho Neto compartilhou temas e ideais também difundidos e defendidos por Nicolás Guillén, Neruda, Sartre, Fanon, Césaire, Senghor, entre muitos outros que se bateram pela descolonização dos territórios africanos, asiáticos, americanos subjulgados por séculos de dominação europeia. Conscientizando os povos humilhados da opressão sofrida no decorrer da história, esses intelectuais e poetas converteram seus textos em instrumentos de resistência e politização.

Laranjeira (2007, p.20) complementa a ideia de que Neto conseguiria conciliar sua obra poética com o “panafricanismo, a Negritude, o nacionalismo e o marxismo”, e que inclusive o seu casamento com Maria Eugénia seria um exemplo de uma convivência racial fora dos trâmites coloniais.

Agostinho Neto, casando, em 1958, com Maria Eugénia Neto, portuguesa, branca, acabaria dando o exemplo pessoal de convivência rática, que culminaria, em 1959, com a coincidência, ou a complementaridade, de apresentar, então a Negritude como tendência que estivera em vigor, na sua própria poesia e na de outros, como José Craveirinha ou Francisco José Tenreiro, mas se encontrava exaurida, numa conferência, na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa. [...] Pode-se afirmar que Neto, na sua poesia, conseguiu, no final da década de 40 e começo de 50, conciliar o panafricanismo, a negritude, o nacionalismo e o marxismo.

Dessa forma, é através de pensamentos como os dos estudiosos Laranjeira (2007) e Secco (2021) que compreendemos que a obra poética de Agostinho Neto dialoga com diversos textos da época, não sendo necessária uma afirmação de que determinado conceito ou intelectual tenha sido a maior influência em sua obra.

A ti, negro qualquer
meu irmão do mesmo sangue
Eu saúdo!

Esta mensagem
seja o elo que me ligue ao teu sofrer
indissolúvelmente
e te prenda ao meu Ideal

Que me faça sentir
a dor e a alegria
de ser o negro-qualquer perdido no mato
com medo do mundo ofuscante e terrível
e nos ali e agora na sua busca

e me obrigue a sentar-me ao teu lado
à mesa suja dos excessos de sábado à noite
para esquecer a nudez e a fome dos filhos
e sinta contigo a vergonha
de não ter pão para lhes dar
para que juntos vamos cavar a terra
e fazê-la produzir

e me transforma no homem-número-abstracto
desconhecedor dos objectivos
na tarefa que nos consome
como o bastardo desprezado de certo mundo
nesta madrugada do nosso dia

me faça enfim
o negro-qualquer das ruas
e das ¹⁴sanzalas
sentindo como tu a preguiça
de dar o passo em frente
para nos ajudarmos a vencer
a inércia dos braços musculados

Esta é a hora de juntos marcharmos

¹⁴Em Kimbundo a palavra “sanzala” possui como significado uma “povoação tradicional africana, composta sobretudo de cubatas” (casa coberta de folhas e palha). Já o significado na língua portuguesa está associado ao contexto histórico, sendo o local onde eram colocados os escravos nas fazendas do Brasil Colônia e do Império do Brasil.

corajosamente
para o mundo de todos
os homens

Recebe esta mensagem
como saudação fraternal
ó negro-qualquer das ruas e das sanzalas do mato
sangue do mesmo sangue
valor humano na amálgama da Vida
meu irmão
a quem saúdo! (NETO, Saudação. 1974. p.72-73)

No poema “Saudação” (1974) é possível visualizar o processo de estar “na pele do outro”, compreendendo a dor do “irmão”, pois o outro vem a ser a si mesmo quando é subjogado, aculturado e colocado como um “negro-qualquer” que não tem direito a nada.

O processo de estar na pele de outra pessoa perpassa as vivências desses irmãos, conhecer o que o outro vivencia em sua vida proporciona um sentimento coletivo perante a cruel realidade da colonização, em versos como “e sinta contigo a vergonha/ de não ter pão para lhes dar”. Andrade (2010, p.37) mostra essa necessidade de “unir-se aos irmãos”:

Na quarta estrofe, a necessidade de unir-se aos irmãos permanece, indiferentemente das circunstâncias. [...] sente-se obrigado a sentar se “à mesa suja dos excessos de sábado à noite”, ou seja, deseja sentir junto com os seus os escapismos utilizados para atenuar a “nudez e a fome dos filhos” e a vergonha das espoliações causadas pelo opressor.

O eu lírico se coloca como aquele que se transforma “no homem-número-abstrato”, pois passa pelo processo racista de remoção da sua própria identidade, onde se perde a noção de si próprio e de pertencimento, “como o bastardo desprezado de certo mundo”.

[...] o Eu lírico deseja ser transformado “no homem-número abstrato”, ou seja, aquele homem que não designa um valor real. Atentamos para a transformação dos substantivos comuns “homem”, “número” e “abstrato” em um substantivo composto “homem-número-abstrato”. Esta construção formal reforça ainda mais o processo de coisificação promovida pelo colonialismo, pois apresenta a alienação e falta de percepção real do valor do homem negro, como sendo estratégias utilizadas pelo colonizador, que transforma o homem colonizado em instrumento de produção. (ANDRADE, 2010. p.38)

A partir dessa negação do corpo negro constrói-se uma visão mundial racista, colocando esses indivíduos a questionar e até mesmo negar sua própria identidade, cultura e origem,

fazendo com que a obra poética de Neto tenha papel importante na busca da construção de uma comunidade negra ativa que se levanta, perante a uma visão racista criada pelo branco ocidental.

Conforme Fanon (1952, p.87-90), o racismo está ligado a um processo de exploração do homem, em que o “racismo colonial não se difere dos outros racismos”, pois se trata de um processo ligado a tentativa de se colocar o indivíduo no lugar de inferiorizado:

Todas as formas de exploração se parecem. Todas elas procuram sua necessidade em algum decreto bíblico. Todas as formas de exploração são idênticas pois todas elas são aplicadas a um mesmo “objeto”: o homem. Ao considerar abstratamente a estrutura de uma ou outra exploração, mascara-se o problema capital, fundamental, que é repor o homem no seu lugar. [...] A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado.

A afirmação “é o racista que cria o inferiorizado” traz a reflexão que enquanto sociedade o continente africano não se via com diferenças raciais, o racismo vai ser instalado quando o “outro” gera pensamentos e atitudes que inferiorizam esses indivíduos.

Contudo, o racismo vem a ser um processo cruel e devastador que proporciona ao indivíduo a desapropriação da sua própria história, do seu corpo e de suas escolhas, na qual se tenta de todas as maneiras o subjugar e o colocar em um lugar sem fala, sem luta e sem existência.

Compreende-se que tanto para Fanon (1952) como para Agostinho Neto (1974), essa situação só pode ser alterada através da luta, da revolução que quebraria com a opressão gerada pelo colonialismo e proporcionaria ao indivíduo negro a reconstrução de sua autoestima e mudanças no mundo que o oprime.

A revolução tão falada e defendida é constituída de uma subjetividade e de uma forma, na qual pressupõe uma apropriação de si próprio e com isso a descolonização do mesmo, gerando comunidades negras ativas perante suas lutas e vidas.

Além disso, a revolução viria também através da estética, uma vez que o “Poeta Maior” produzia em sua poesia sobre a necessidade de se erguer em força e luta contra o caos que foi instalado pelo europeu, sendo o sentimento de coletividade do seu povo perante as mazelas sofridas o ponto de encontro entre Agostinho Neto e Angola.

Essa saudação fraterna ocorre no percorrer dos versos do poema, o eu lírico saúda o seu compatriota, “sangue do mesmo sangue”, o irmão que é denominado como “negro-qualquer das

ruas” e “ó negro-qualquer das ruas e das sanzalas do mato”. Essa denominação que não apresenta um nome para esse indivíduo, mas mesmo assim proporciona o sentimento de pertencimento e reconhecimento por viverem e sobreviverem às mesmas situações em suas vidas.

Para Agostinho Neto (1959, p.53), o “sentimento de solidariedade e de comunidade” vinha a serem fatores de maiores relevâncias em situações como aquelas vividas diariamente pelos seus irmãos:

Porém, mais importante que esses fatos é o sentimento de solidariedade e de comunidade que existe actualmente entre os negros de todo o mundo. [...] As situações sociais e culturais idênticas, todas elas caracterizadas pela opressão material e cultural do homem negro: a origem comum das fontes africanas, foram as bases desta unidade. Os poetas descobriram a negritude e a civilização negro-africana.

O uso da palavra “sanzalas” pelo poeta africano representa uma busca do mesmo de aproximar a própria língua ao seu povo, língua essa que passa por um processo de apagamento durante o período colonial, destacando que apesar de se utilizar a língua do colonizador para realizar sua produção poética e política, ela vem a estar com o intuito de apresentar e enaltecer a cultura e história do seu país.

Assim as sociedades são formadas por uma mistura de culturas e identidades, ou seja, o valor humano se apresenta neste encontro de diversidade, como expressado no verso o “valor humano na amálgama da Vida”.

A sensação de pertencimento faz com que esse poema se torne uma convocação da população para a luta dos seus direitos e independência, a busca pela liberdade é necessária e saudada como algo muito valioso, “de dar o passo em frente/ para nos ajudarmos a vencer” e “esta é a hora de juntos marchamos/ corajosamente/ para o mundo de todos/ os homens”.

Agostinho Neto (1975) em seu discurso na Proclamação de Independência de Angola, transcrito em partes como referência, mostra aos angolanos, a África e ao mundo que através dos ideais revolucionários e da luta armada contra o colonialismo e ideias neocoloniais, seria possível concretizar a independência de sua nação, constituindo o seu país em República Popular de Angola:

¹⁵Afirmando que o colonialismo não cairá sem luta, é por isso que o povo angolano só se encontrará libertado pela guerra revolucionária e esta com a própria força, defendeu e combateu o direito de ser livre e independente. Apesar da brutalidade e da opressão imposto pelo colonialismo para asfixiar a nossa luta, o povo angolano, guiada pela sua vanguarda revolucionária afirmou de uma maneira irrefutável a sua personalidade africana e revolucionária, tendo como será vitoriosa pela realização de uma frente de unidade e todas as forças anti imperialista de Angola, que não seja ligadas a cor, a situação social, aos credos religiosos e tendências individuais.

A importância de um corpo ¹⁶revolucionário para o poeta angolano se apresenta tanto nos seus poemas como nos seus discursos políticos, pois o processo para ocorrer a construção de um país democrático em África ocorreu com a união da força de uma comunidade que preza a igualdade acima de “cor, a situação social, aos credos religiosos e tendências individuais” e que lutou ativamente para libertar sua nação da dominação imperialista portuguesa.

Segundo Neto (1974), a luta do seu povo se situava em diversas áreas do convívio político e social, como apresentadas no seu discurso proferido durante a conferência na Universidade de Dar – es – Salaam, na Tanzânia:

¹⁷Luta do povo pelo poder político, pela independência econômica, pelo restabelecimento da vida cultural, pela desalienação, pelas relações com todos os povos, numa base de igualdade e de fraternidade, tais são os objetivos da nossa luta.

Contudo, apenas a luta armada não seria o suficiente para conquistar todas as mudanças necessárias para o país, seria necessária uma revolução em diversos âmbitos para se conseguir uma mudança de atitudes, de mentalidade, da situação social, econômica e política do seu país.

Moore (1987) mostra que para Fanon (1952), as mudanças na situação da população negra vêm acontecer a partir da resistência e da revolução; “a resistência ao racismo eleva o sujeito

¹⁵Discurso do Presidente Agostinho Neto na Proclamação da Independência de Angola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6NAYCTckfww&t=73s>. Acesso em: 05/02/2020.

¹⁶É importante ressaltar que o corpo revolucionário segundo Agostinho Neto em seus discursos políticos está envolvido com a “força revolucionária do MPLA”, em que as aspirações do povo angolano são associadas ao papel que o Movimento Popular de Libertação de Angola desempenhou durante o processo de independência de seu país. Já o corpo revolucionário na poesia segue o caminho da subjetividade, em que a apropriação do corpo, da história e da cultura negra possibilita uma força ativa em muitos momentos mais poderosa do que a partidária e armamentista.

¹⁷Discurso de Agostinho Neto (1974) nos Acordos de Alvor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ww8aEki0CEE&t=38s>. Acesso em: 05/10/2021

colonizado ao lugar de protagonista, devolvendo-lhe, como isso, a humanidade. A violência revolucionária, diz Fanon, é desalienante.” (MOORE, 1987. p. 25)

O poema “Depressa” (1960) também foi produzido durante o cárcere de Neto na Cadeia do Aljube de Lisboa, nele se visualiza que a ansiedade e necessidade de mudanças na realidade colonial se faziam urgentes. O poeta sobe o tom ao abordar o tema no poema, existe uma impaciência de se esperar a mudança através das mãos de outros, pois o momento pede que cada indivíduo se torne resistência e vá à luta.

Impaciento-me nesta mornez histórica
das esperas e de lentidão
quando apressadamente são assassinados os justos
quando as cadeias abarrotam de jovens
espremidos até à morte contra o muro da violência

Acabemos com esta mornez de palavras e de gestos
e sorrisos escondidos atrás de capas de livros
e o resignado gesto bíblico
de oferecer a outra face

[...]

Não esperemos os heróis
sejamos nós os heróis
unindo as nossas vozes e os nossos braços
cada um no seu dever
e defendamos palmo a palmo a nossa terra
escorracemos o inimigo
e cantemos numa luta viva e heróica
desde já
a independência real da nossa pátria. (NETO, Depressa. 1960. p.126 – 127)

A resistência é formada através da estética, construindo um coletivo “unindo as nossas vozes e os nossos braços” em busca de ser o novo, o novo que vive e defende “numa luta viva e heroica e desde já a independência real da nossa pátria.”

A autonomia de sociedades africanas perante suas vidas e os seus corpos ia à contramão das narrativas sobre sociedades que “nasceram” para serem submissas perante o branco ocidental e se tornariam cristãs e humanizadas através da Igreja Católica. Sociedades essas que viram o seu povo se extinguir perante a maldade alheia “quando apressadamente são assassinados os justos”, “quando as cadeias abarrotam de jovens” e foram “espremidos até a morte contra o muro da violência” que o branco ocidental criou para lidar com o outro.

Portanto, a ideia de submissão perante o continente europeu se tornava algo “indigesto” para Agostinho Neto, a necessidade e busca de tempos melhores se fazia presente ao se deparar com a realidade da nação angolana, pois os tempos em “de oferecer a outra face” e de “mornez de palavras e de gestos” ficariam no passado para sempre.

Os mecanismos usados para justificar os atos de crueldade durante a colonização e os conflitos no processo de independência dos países do continente africano proporcionou uma visão sobre como a Europa havia criado uma ideia racista a respeito de outras nações e, paralelamente, um pensamento narcisista e endeusado sobre si próprios ao longo da história.

A colonização vai proporcionar uma base sólida para o etnocentrismo europeu justificar o racismo, apresentando justificativas para a violência cometida pelos colonizadores e a inferioridade negra perante aos brancos ocidentais.

A colonização forneceu o impulso mais vigoroso para a transformação do etnocentrismo europeu em racismo científico. Os negros eram inferiores e, em decorrência, escravizados; os escravos negros comportavam-se mal e, em decorrência, eram inferiores. (TROUILLOT, 1995. p.131)

Césaire (1955, p.21), em seus estudos, apresenta a reflexão de que “ninguém coloniza inocentemente”, ou seja, que buscar justificativas para a colonização e supremacia racial é só confirmar os problemas que essa sociedade possui:

Aonde quero chegar? A esta ideia: que ninguém coloniza inocentemente, que ninguém coloniza impunemente; que uma nação colonizadora, uma civilização que justifica a colonização – portanto a força – já é uma civilização doente, uma civilização moralmente atingida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama Hitler, quero dizer, seu castigo.

Essa citação da obra “*Discurso sobre o Colonialismo*” (1955) causou um impacto gigantesco aos leitores quando o autor aproxima o nazismo ao processo de colonização, que seriam “as distintas caras de uma mesma realidade ocidental opressora de enaltecimento da raça”, os dois lados do racismo.

Sendo importante destacar que o poeta martinicano não ameniza e nem menospreza o ocorrido durante o período do Terceiro Reich, mas mostra ao mundo uma visão de que barbaridades como aquelas do nazismo aconteceram durante todo o período de colonização e

independência das populações negras e nunca foram tratadas com a devida importância e seriedade.

Moore (1987, p.23) mostra que a convivência e muitas vezes a conveniência de não se importar com as mazelas dessas nações fizeram parte da realidade, como afirma que “os brancos do mundo conviviam, durante séculos com o nazismo, sem achá-lo anormal. [...] Não reconhecer isso era vender os próprios olhos.”

Césaire (1955, p.18) complementa que, pela primeira vez na história, o racismo foi aplicado aos brancos e que existiria um “Hitler” dentro de cada um desses indivíduos, conforme mostra nas suas obras “*Discurso sobre o Colonialismo*” (1955) e “*Discurso sobre a Negritude*” (1987):

[...] no fundo, o que ele não perdoa em Hitler não é o crime em si, o crime contra o homem, não é a humilhação do homem em si, é o crime contra o homem branco, é a humilhação do homem branco, é de haver aplicado à Europa os procedimentos colonialistas que atingiam até então apenas os árabes da Argélia, os coolies da Índia e os negros da África.

Sendo assim, compreende-se que o continente africano enfrentou batalhas no campo ideológico, social e político, ao se deparar com a face do racismo e da colonização que tentou de todas as maneiras apagar e aculturar as nações negras. O poeta e político angolano se estabelece através dessas condições geradas pelo sistema colonialista, encontrando na política e na poesia a resistência de existir e ser do corpo negro africano.

Agostinho consegue construir em sua poesia uma ligação com os sofrimentos dos seus, sofrimento esse que para o poeta angolano vem a ser transformado em força, a sua poesia se torna um chamado para a busca de um novo amanhã.

Tanto com o seu papel político ou poético possuiu como grande objetivo de vida a liberdade dos seus irmãos e a exaltação do mesmo, sendo assim, conceitos que puderam contribuir para engrandecer o pensamento e a ação de luta e empoderamento, como a Negritude, são importantes para refletir sobre a obra e a pessoa que Agostinho Neto foi.

Os ¹⁸musseques são bairros humildes

¹⁸Musseques, nome que deriva da língua local “Kimbundo” falada no noroeste de Angola, incluindo a capital Luanda, possui como significado “local arenoso”, sendo utilizado ao falar de bairros periféricos ou

de gente humilde

Vem o sábado
e logo ali se confunde com a própria vida
transformada em desespero
em esperança e em mística ansiedade

[...]

Ansiedade no homem fardado
alcançando outro homem
que domina e leva aos pontapés
e depois de ter feito escorrer sangue
enche o peito de satisfação
por ter maltratado um homem

[...]

Ansiedade
nos soldados que se divertem
emboscados á sombra de cajueiros
à espera de incautos transeuntes

[...]

Ansiedade
nas mães aos gritos
à procura de filhos desaparecidos
nas mulheres que passam embriagadas
no homem
que consulta o ¹⁹kimbanda
para conservar o emprego

na mulher
que pede drogas ao feiticeiro
para conservar o marido

na mãe
que pergunta ao adivinho
se a filhinha se salvará.
da pneumonia
na cubata
de velhas latas esburacadas

[...]

suburbanos que sempre representaram espaços de exclusão social desde o século XVIII quando se deu a primeira configuração urbana da cidade.

¹⁹Dança típica de Angola, consiste em um sapateado mais lento, seguido de oscilações corporais, em que o bailarino se mantém apoiado em uma bengala ou guarda-chuva, firmando-se o peso do corpo ora na ponta dos pés, ora no calcanhar.

Ansiedade na ²⁰kazukuta
 dançada à luz do acetileno
 ou de candeeiro Petromax
 em sala pintada de azul
 cheia de pó
 e do cheiro a suor dos corpos
 e de meneios de ancas
 e de contactos de sexo

Ansiedade
 nos que descobrem multidões passivas
 esperando a hora

Nos homens
 ferve o desejo de fazer o esforço supremo
 para que o Homem
 renasça em cada homem
 e a esperança
 não mais se torne
 em lamentos da multidão

A própria vida
 faz desabrochar mais vontades
 nos olhares ansiosos dos que passam

O sábado misturou a noite
 nos musseques
 com mística ansiedade
 e implacavelmente
 vai desfraldando heróicas bandeiras
 nas almas escravizadas. (NETO, Sábado nos musseques.1974. p.38-45)

Em “Sábado nos Musseques” (1974), depara-se com a realidade de Luanda e dos musseques ao seu redor, a estrofe inicial do poema caracterizado por muitos por ser versos “simplórios”, apresenta o seu valor estético por mostrar já de início o espaço e “um modo de estar dos angolanos”, explicitando a “dimensão real do que os negros eram sujeitos”. Conforme Chiquete (2020, p.41), afirma:

Agostinho Neto é predominantemente a voz da intermediação entre o colonizado e colonizador, através do neorealismo, muitas vezes, descritivo e conceptual como em “Os musseques são bairros de humilde/de gente humilde”, o poeta consegue pôr em evidência a dimensão real do que os negros eram sujeitos. Podemos questionar o facto de o verso explicativo, passível de deduzir semelhanças de que possa pertencer a um vocabulário simplório, porém,

²⁰Uma das linhas religiosas dentro dos cultos africanos, onde atuam os Exus e Pomba-Giras.

esteticamente, pode ser um exercício de exaltação do ente do musseque, a assunção de um espaço onde a cultura festiva sustenta uma axiologia não apenas os musseques em si, mas de um modo de estar dos angolanos e sua gente.

Luanda enfrentava mudanças socioespaciais por conta da imigração e periferização, onde a população negra e pobre se situava nos musseques e a população branca e com poder aquisitivo permanecia na parte nova e “civilizada” em Luanda. Junior (2018, p.4-5):

Localmente, Luanda passava por diversas alterações socioespaciais com a intensificação da imigração de portugueses e a consequente urbanização, especulação imobiliária e periferização das populações negras e pobres, processo que originou a cisão entre a cidade de asfalto e os ditos musseques. Como outros de seu tempo, esse movimento.

O eu lírico traz como fato dessa realidade o envolvimento entre a língua portuguesa com a língua local o “kimbundu”, representando uma interação que ocorria nas vidas desses indivíduos, como também, na vida de Agostinho Neto, que tem sua produção poética e política envolvida com a língua do colonizador, como representado nos versos “ansiedade na kazukuta” e “no homem/ que consulta a kimbanda”. Segundo Secco (2021, p. 239):

Por intermédio da cadência dos versos, o eu-lírico vai absorvendo a realidade de Luanda, os conflitos e tragédias da gente humilde dos bairros periféricos, as falas em kimbundu, as sintaxes e o léxico de um português angolano que já kazukutara, em muitos aspectos, o idioma da colonização.

Ao “passear” pelas estrofes observamos os musseques, a vida cotidiana da população angolana, os momentos de descontração e celebração que vem a ser tomadas pelas inúmeras barbáries causadas pelo colonizador, vão se construindo aos olhos do leitor a verdadeira realidade dos musseques e das pessoas que viviam naquele local. Para Verani (2000, p.47), o poeta captura imagens de uma sociedade que vivência a tensão em momentos que deveriam ser de alegria:

Como se passeasse por entre as ruas munido de uma câmera, o poeta vai fotografando a paisagem humana dos musseques, particularmente tenta e perdida na noite convencionalmente dedicada à descontração e à diversão que precedem o descanso dominical. E o contraste entre um imaginado ambiente de celebrações e de alegria e a agressiva realidade que sua lente capta denuncia, contundentemente, a condição marginalizada da população que ali vive. Até mesmo os lugares por definição dedicados ao lazer são expostos de forma a evidenciar a tensão e a falsa alegria.

São em versos como “no homem/ que consulta o kimbanda/ para conservar o emprego”, “na mulher/ que pede drogas ao feiticeiro/ para conservar o marido” e “na mãe/ que pergunta ao adivinho/ se a filhinha se salvará/ da pneumonia/ na cubata” que o poeta angolano atinge sua máxima na poesia, em que consegue apresentar a verdadeira face da realidade angolana. A vivência de uma população que existia entre o real e o exotérico, em consultas a feiticeiros, adivinhos e ao kimbanda para saber qual seria o futuro, mas principalmente para se informar e pedir sobre a difícil realidade do presente, em uma tentativa de sobreviver aos caos que se situava no seu país e na sua vida.

Além das vivências culturais, a vivência diária também foi apresentada em situações do cotidiano, como no lazer, em versos de “nas mulheres que passam embriagadas” e “na kazukuta/ dançada à luz do acetileno/ ou de candeeiro Petromax”, mostrando que a realidade do dia a dia se entrelaça com o lugar social e político que eles ocupavam. Laranjeira (2007, p.117) traz essa afirmação em seus estudos sobre a poesia netiana:

Neto tanto descreve e desvela o específico da alienação física, corporal, material (as bebedeiras, a prostituição, a pobreza), quanto cultural (a consulta ao kimbanda “para conservar o emprego” ou ao adivinho para saber se uma criança há-de escapar da pneumonia), nessa apresentação do problema preparando a resposta implícita que, afinal, certas expressões tornam bem mais inequívoca do que, por vezes, é suposto pensar-se.

O uso anafórico causado pela repetição da palavra “ansiedade” reafirma essa sensação de incertezas no cotidiano, em uma mistura entre a ansiedade gerada pelo terror e a ansiedade gerada pela esperança, conforme o poeta mostra nos versos “transformado em desespero/em esperança e em mística ansiedade”.

A vida da população dos musseques se depara com o caos do processo colonialista, em que a violência perpassa por toda a população negra, seja homens, mulheres ou crianças, gerando uma marginalização dessa população causada pelo “outro” que desfruta dessa violência e caos da forma mais viva possível. Essa violência que parte muitas vezes de autoridades, “no homem fardado/alcançando outro homem/que domina e leva aos pontapés”, tendo ações que possuem o intuito de menosprezar, anular e violentar sujeitos que apenas se encontram a viverem suas vidas, gerações que são aterrorizadas como “nas mães aos gritos/ à procura de filhos desaparecidos”.

A degradação do homem colonizado se estende durante toda a sua existência, conforme afirma García (2009, p.204), em que é tirado do negro o direito de se sentir acolhido no seu

próprio lar, sendo um “cidadão de última classe”. E segue com a reflexão de que “Agostinho Neto descreve, na chave da dialética existencial, os eventos, as controvérsias do homem colonizado, degradado a ser cidadão de última classe em sua própria pátria. Essas degradações típicas de qualquer sujeito colonizado [...]”

Césaire (1955, p.24-25) complementa essa ideia ao apresentar sua fala sobre as mazelas causadas nessas sociedades “pisoteadas” pelo outro, sociedades essas que eram compostas por uma população negra escravizada, sendo retirada a grandeza de viver com liberdade e inseridas na realidade de sobreviver ao caos do mundo “colonizado e civilizatório”.

Mas eu falo de sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições solapadas, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimida. [...] Falo de milhões de homens arrancados a seus deuses, suas terras, seus costumes, sua vida, a vida, a dança, a sabedoria. Estou falando de milhões de homens em quem foram inteligentemente inculcados o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo.

Esse processo de esvaziamento e rebaixamento de corpos mencionado por Césaire (1955) que ocorreu durante parte do processo histórico de África vem proporcionar uma visão sobre a poesia de Agostinho Neto, como a busca e construção desse corpo em sua poesia pode ser a resposta para esse “esvaziamento de si mesmo”.

Ao compreender que a população negra foi inferiorizada em todos os níveis sociais, culturais e econômicos de maneira que não pudesse existir nenhum resquício de humanidade e autonomia entre eles, colocando-os de joelhos perante o continente europeu, resultou em uma poesia que busca a libertação em todos os níveis.

Entretanto, o intuito de apagar e até mesmo aniquilar essas populações se deparou com algo que não era esperado por nenhum dos colonizadores europeus, um povo que se levantou para a luta, com a força da sua cultura e de sua identidade em busca de se libertar das violências impostas durante séculos e se autoafirmar como sujeitos independentes e orgulhosos de suas origens.

Essa força tanto na política quanto nas ideologias vai sendo apresentada ao mundo através de figuras importantes do continente africano como Agostinho Neto, que enaltecem a cultura, o seu povo, sua terra, suas lutas e a Negritude no desenvolvimento da poesia, música e outras expressões artísticas.

Tanto a poesia quanto outras expressões artísticas pensadas nesse estudo estão ligadas a ideia de que na poesia de Neto são instrumentos de resistência contra a opressão e apagamento gerado a essas sociedades, uma resistência que tem o poder de construir uma nação livre.

Segundo Laranjeira (2009 apud NETO, 1974, p.28), a obra de Agostinho Neto vem a se apresentar através da estética como instrumento de resistência e luta contra uma violência esvaziadora de sentidos e corpos:

A poesia de Neto, expondo esteticamente as ânsias e raivas do povo dos musseques (bairros populares pobres), analisando socialmente a situação histórica, referindo as aspirações, o desejo de mudança e a esperança desse povo, pressupõe a existência de condições objectivas para a formação de um movimento popular de libertação nacional, enquanto organização superior de luta, constituindo esse discurso estético um testemunho social e histórico de que começou, nele próprio (e noutros discursos) e na prática social e política, a ser forjado, portanto, antes de 1956 e surgiu, de facto, nesse ano, enquanto MPLA, e não mais tarde, como algumas teorias revisionistas querem fazer crer.

Encontra-se nos versos essa ansiedade e esperança em fazer acontecer à mudança, “esperando a hora” em que “não mais se torne em lamentos na multidão”. Neto apresenta essa força que ferve em um sujeito, mas que transborda em um coletivo, “para que o Homem/ renasça em cada homem” e “faz desabrochar mais vontades/nos olhares ansiosos dos que passam”, surgindo uma nova vida e uma nova civilização.

Dessa forma, se pode pensar que o poeta através da materialidade da linguagem dá forma significativa para a poesia, associando a ela o empenho do corpo pela estética e o conceito de Negritude apresentado por Césaire (1934), resultando na luta pela valorização da cultura negra e emancipação de povos oprimidos, em uma obra com caráter social e simbólico.

Essa ligação tomaria forma em uma comunidade, em que se cria uma relação e afeta o outro, mostrando que o sensível está ligado ao corpo, ao sensorial e não a uma ideologia, como poderíamos pensar ao fazer uma leitura rasa da obra do autor, buscando apenas os fatores históricos e ignorando toda a forma e conteúdo dos poemas.

Sendo assim, se tem que a poesia política e social do autor não deve ser pensada apenas pelo viés de uma ideologia ou posicionamento político apresentado em versos, mas como uma obra que pulsa uma vida ativa que só pode ser calada ou encerrada, quando a violência e a falta de democracia são impostas.

2. O CORPO NEGRO AFRICANO COMO FORÇA MOTRIZ DA MUDANÇA

Construir uma análise sobre a poesia de Agostinho Neto é um processo em que se embrenha pelos caminhos da biografia do poeta, da história da nação angolana, da construção política de um país e principalmente da construção do corpo negro africano independente, são esses os caminhos que vão sempre estar ligados de alguma forma, pois projetam na poesia netiana o novo olhar do Amanhã.

Propõe-se neste capítulo uma análise dos poemas da obra “*Sagrada Esperança*” (1963), de Agostinho Neto, em busca de compreender a maneira que a vivência corporal toma forma e significado através da presença da música, da dança e do ritmo, isto é, da construção de uma experiência comum que una os africanos e aproxime o autor da sua origem mais do que com suas ideologias políticas, visando a experiência que afeta o outro.

A arte nesse sentido contribui para a constituição de uma subjetividade revolucionária, em que um homem se constrói através dessa subjetividade e se torna muito mais ativo e resistente, pois vai se relacionar com a essência de seus compatriotas e de sua história, proporcionando um sentimento de coletividade.

A poesia de Agostinho Neto mostra-o não apenas como o indivíduo que vem a ser silenciado pelos portugueses colonizadores, mas também, como o ser humano que carrega na sua história de vida, na história do continente africano e dos seus antepassados a luta pela liberdade de seus corpos, mentes e vozes, sendo resistência perante todo o caos causado pelo processo de colonização.

Laranjeira (1955, p.92) apresenta a representatividade da obra “*Sagrada Esperança*” (1963) no contexto da Literatura Africana ao compará-la com uma obra grandiosa como “*Os Lusíadas*” (1572), percorrendo um caminho de aproximação temática entre a obra netiana com um cânone da Literatura Portuguesa, em que se depara com uma saga épica em busca de mudanças.

Sagrada Esperança constitui como que o texto épico da angolanidade. Podemos compará-lo, no caso angolano, com as devidas distâncias temporais, espaciais e culturais, ao caso português de *Os Lusíadas*. Nele se encontram os temas da alienação social, cultural e política, da exploração econômica, da repressão policial e política, da miséria e do analfabetismo, da prostituição e do alcoolismo, do trabalho e da solidariedade, do amor e da esperança, do exílio e da nostalgia, da revolta, prometeísmo e revolução. Sagrada Esperança é como

um fresco ou uma saga exortativa do povo angolano à conquista da sua identidade e independência.

Portanto, “*Sagrada Esperança*” (1963) vem se unir a outras tantas obras significativas na Literatura Africana ao representar a importância das sociedades africanas e suas histórias em versos, mostrando a realidade histórica e política de Angola e a incessante luta do negro africano em busca de respirar ares de liberdade em um continente sufocado pela subjugação e racismo do colonizador.

A obra de Neto perpassa sua identidade como político e poeta que tinha o dom de saber colocar em palavras, tanto em discursos políticos quanto em poesia, seu propósito de luta, travando uma incessante batalha no campo das palavras e dentro do movimento anticolonial em Angola.

Silva (2015 apud CARVALHO, 2009, p.19) mostra que a obra do poeta angolano estava empenhada em dar voz à resistência e luta dos angolanos, uma literatura que se encontrava preparada para a batalha.

O poeta nunca foge de seu ideário, diz Carvalho, e, citando agora o ensaísta da Guiné-Bissau, Mário Santos: “Abordar a obra poética de Agostinho Neto significa abordar a espinha dorsal de uma literatura empenhada na luta anticolonial, uma literatura nacionalista”, por isso uma literatura de ruptura e resistência [...].

Segundo Hamilton (2011, p.162-163), o poeta e político angolano tinha a sensibilidade com a linguagem e imagens que usava em seus poemas, conseguia construir suas obras com teor político ou nacionalista de maneira simbólica e com espiritualidade, fugindo de clichês que ocorriam na literatura política e patriótica.

A sua sensibilidade com respeito ao poder e beleza de linguagem e imagens fazia com que Agostinho Neto infundisse todos os seus poemas, inclusive os mais políticos, nacionalistas e patrióticos com lirismo, musicalidade rítmica, humanismo e espiritualidade. Por meio da sua criatividade e habilidade técnica de homem de letras, Agostinho Neto sabia evitar os lugares comuns e a pieguice que frequentemente infundem a literatura política e patriótica.

É através do “lirismo, da musicalidade rítmica, humanismo e espiritualidade” que construiu obras que vão além da marca temporal de acontecimentos, como o processo de

independência de Angola, se estabelecendo como uma das grandes obras dentro da literatura, que tem o seu valor exaltado para sempre.

Para García (2009, p.208), a música e a dança tinham um papel fundamental na poesia de Neto, se tratava de uma reafirmação da cultura angolana e uma maneira de proporcionar uma sensação de coletividade e união para a luta anticolonialista.

Música e dança na poesia de Agostinho Neto servem de coesão e de possibilidade de tomada de consciência sobre a situação colonial, para a alteração do processo político existente e para encontrar novas expressões que reafirmem a legitimidade da cultura nacional angolana.

Compreende-se que através da estética é possível ocorrer uma “tomada de consciência sobre a situação colonial” e encontrar caminhos que possibilitem a mudança dessa realidade como ocorre na poesia netiana, que constrói uma visão de sua nação que vai além da marca deixada pela colonização.

A identidade nacional angolana se reafirma em um ambiente poético e político, tal qual a identidade de Agostinho Neto, uma vez que a história do poeta e da sua nação dialogam durante sua vida e obra.

O poeta e estadista vem a ter sua identidade definida em totalidade quando se apresentam os contextos histórico, político e social de Angola. Conforme Cerqueira (2011, p.57) mostra em sua obra “*A Estética da Recepção da poesia de Agostinho Neto*” (2011):

É preciso aceitar que nem o escritor nem o ser social são uma dimensão estática. Não é apenas uma questão de saber o que eles representam, principalmente na totalidade da obra estética. Identidade é pertença; portanto, tanto o escritor quanto o ser social de Agostinho Neto precisam ser colocados no seu próprio contexto estético e político, na África e Angola, em Portugal e Europa. Só depois de analisar as duas identidades em relação à sua realidade histórica (política e estética), o leitor poderá vir a encontrar a verdadeira identidade de Agostinho Neto, mediada depois de uma síntese de realidades, para formar uma totalidade a partir da qual poderemos interpretar o mundo literário em análise.

Perante essa visão, a construção da identidade vem do pertencimento de algum lugar ou de algo, que por não ser de uma dimensão estática é que se pode pensar que a política e a estética vão ser lados da mesma moeda, pois é a partir dessa junção de lados que vai ser possível se ter uma visão de quem o poeta e político angolano foi e o que sua poesia expressa.

A crítica estética a Neto insiste nas imagens e dimensões coletivas nas quais o poeta se torna um porta-voz do povo angolano, cujos valores culturais estão identificados com as aspirações que a personalidade poética tenta expressar, e, às vezes, a conotação semântica poética coincide com a biografia histórica da identidade social do escritor. (CERQUEIRA, 2011. p. 22)

Portanto, a identidade da obra poética do poeta angolano se mostra como uma visão múltipla da realidade do indivíduo negro africano que batalha para ter a liberdade de viver a sua história e sua vida, como também a história de vida do próprio autor que vivência essa luta intensamente entre o MPLA, o cárcere e a poesia, tendo tanto a dimensão pessoal quanto a dimensão política uma grande importância em uma visão de um todo.

A poesia se desenvolve com versos que mostram a construção do sujeito africano que busca a mudança, que é a mudança e que a vive em todos os âmbitos de sua realidade, pois vem a ser através da música, da dança, da religiosidade e da sua terra que vai se apresentar como livre e dono do seu próprio destino.

O poder de sua terra mãe África, sua origem personificada em ritos, danças e música, proporciona uma força para a construção de um indivíduo que vai além da terrível marca determinadora da colonização e escravidão, se desenvolvendo e apresentando como alguém centrado em seus ideais.

As mãos violentas insidiosamente batem
no tambor africano
e a pele percutida soltam-me tam-tams gritantes
de sombras atléticas
á luz vermelha do fogo do após trabalho

[...]

Vibro no couro pelado do tambor festivo
em europas sorridentes de farturas e turismos
sobre a fertilização do suor negro
nas áfricas envelhecidas pela vergonha de serem áfricas
nas áfricas renovadas do brilho firme do sol e da trans-
[formação
sedosa e explosiva do universo
dentro do movimento de mim mesmo na vibração rit-
[mada
da pele cerebral do tambor africano
ritmada para o esforço de dançar a dança suave das pal-
[meiras

(NETO, Na pele do tambor. 1953. p. 88)

A associação entre pensamento e corpo apresentada nos versos do poema “Na pele do tambor” (1953) demonstra que esse conjunto de sensações compartilhadas cria um corpo político, que proporciona uma intensa ligação entre corpo e movimento, a pele do corpo humano se mistura à pele do tambor em um misto de ritmo e sentimentos como “a pele percutida soltam-me tam-tams gritantes”, em uma vibração “no couro pelado do tambor festivo”, “da pele cerebral do tambor africano”.

Segundo Secco (2021, p.238) encontra-se nos versos a “recriação poética dos ritmos africanos” através da junção de suas raízes e tradições com as certezas na defesa de sua nação marcadas na pele do poema.

Dentre essas importantes conquistas da poesia de Neto está a recriação poética dos ritmos africanos. Como conjuro mágico, a ritmicidade dos versos, embora umbilicada a um “ethos da certeza”, da confiança, da lealdade e da heroicidade na defesa da pátria a ser fundada, estabelece um forte elo com as raízes africanas mutiladas pelo colonialismo, através de um ressoar de arcaicas tradições na pele do próprio poema.

São os tambores que possuem um importante significado nessa junção de retorno às raízes africanas com a realidade vivida por esses indivíduos, criam o ritmo do poema, propagando a mensagem poderosa de uma junção de corpo e identidade. Assim, proporcionando através desse ritmo das “mãos violentas que insidiosamente batem/no tambor africano” uma força corpórea e real. Conforme García (2009, p.202):

O poema sem a instrumentação musical seria pouca coisa para a maioria das culturas africanas estendidas por todos os hemisférios. Toda a construção de Sagrada Esperança sustenta o fundo musical que se cria na poesia. Muitas vezes são os tambores que proclamam o que dizem os rapsodos, como acontece com os yorubás da Nigéria e de outras partes da África.

A vibração da nação africana se dá em um continente que está exaurido de ser sugado pelas “europas sorridentes de farturas e turismos” que se engrandeciam sobre o esforço e “fertilização do suor negro”, enquanto faziam os sentirem inferiores e envergonhados “de serem áfricas”.

Portanto, o futuro vem a ser consagrado através das mãos e corpos africanos, mas também guiado por rituais e sua ancestralidade, “nas áfricas renovadas do brilho firme do sol e da

transformação” em um movimento especial e contínuo para se buscar e se encontrar através da sua própria história ao “dançar a dança suave das palmeiras”.

Chegados à hora
 caminha o povo infatigável para o reencontro
 para de novo se descobrir e fazer
 nas melodias e nos cheiros ancestrais
 na modificação progressiva dos sacrifícios aos deuses
 nas violências sagradas e nos ritos sociais
 na reivificação e na carinhosa adoração dos mortos
 no respeito dos vivos
 nas orgíacas práticas do nascimento e da morte
 na iniciação da vida e do amor
 no milagroso pacto entre o homem e o cosmos

Ressuscitar o homem
 nas explosões humanas do dia a dia
 na marimba no chingüfo no quissange no tambor
 no movimento dos braços e corpos
 nos sonhos melódiosos da música
 na expressão do olhar
 e no acasalamento sublime da noite com o luar
 da sombra com o fogo do calor com a luz
 a alegria dos que vivem com o sacrifício gingado dos dias [...] (NETO, A Voz Igual. 1960. p. 136)

Como mostrado também em “A Voz Igual” (1960), em que traça um caminho significativo nas origens e na cultura angolana, como “nas melodias e nos cheiros ancestrais”, “na modificação progressiva dos sacrifícios dos deuses” e “nas violências sagradas e nos ritos sociais”. O eu lírico apresenta na sua poesia a ligação entre os rituais e a ancestralidade do seu povo, constrói um caminho guiado pelo passado em associação com o presente, como “no milagroso pacto entre o homem e os cosmos”, buscando sempre respeitar o ciclo da vida e da morte, como “na reivificação e na carinhosa adoração dos mortos” e “no respeito dos vivos”.

Segundo Pola e Bunba (2021, p.44), a valorização das suas raízes seria o caminho para a construção de uma “sociedade cada vez mais coesa” e libertária, pois “a riqueza de um povo está no conhecimento das suas raízes e no manuseamento da sua cultura, como legado para a construção de uma sociedade cada vez mais coesa virada para a valorização da sua própria identidade.”

O sagrado em torno da sua origem, da sua africanidade e da sua história proporciona uma sensação de comunidade, de coletividade perante a sociedade africana, pois o processo de

recuperação da memória africana mostra um retorno para a alma, vem carregada de força e resistência.

Conforme Costa (2018, p.2), a africanidade é apresentada em versos em toda sua força, poder e magnitude ao retratar o seu passado e refletir sobre o seu futuro:

O diálogo em torno da africanidade pode ser sintetizado em expressões poéticas, demonstrando o poder e potencialidade com que o negro explode em versos do seu passado e admite o futuro no panorama da história, carregando angústias e dramas.

García (2009, p.200-201) complementa a ideia de que a africanidade de Agostinho era composta por fatores da cultura angolana, do seu "microcosmo até o macrocosmo", proporcionando o fortalecimento da cultura e identidade negra.

Sua africanidade é feita de sólidos componente metafísicos e de uma convicção profundamente angolana. Em todo este tecido poético desvela-se um conjunto de valores que engloba desde o contexto local de seu microcosmo até o macrocosmo. É por meio de tais recursos que a universalidade de conteúdos na poesia de Agostinho Neto põe a claro e fortalece a nobre e ampla cultura da negritude, da qual a música e a dança são expressões que revelam, pontualmente, as essências africanas.

A música vinda de instrumentos de origem africana como o “²¹chingufo”, a “²²marimba” e o “²³quissange”, e a dança que embala os movimentos desse corpo negro ganham destaque na poesia como fatores que proporcionam a sensação de pertencimento da população angolana perante a sua cultura e origem, como expressadas nos versos, “nas explosões humanas do dia a dia/ na marimba no chingufo no quissange no tambor/ no movimento dos braços e corpos/ nos sonhos melódiosos da música/ na expressão do olhar”.

Através do paralelismo que ocorre em todas as estrofes do poema, com o início dos versos usando a contração “na” e suas variações, cria-se um caminho para o leitor ir se adentrando ao mundo de África, da sua origem até a realidade da luta anticolonialista.

²¹Chingufo: grande tambor que o som se assemelha ao som emitido por um hipopótamo (origem africana).

²²Marimba: instrumento de toque semelhante ao xilofone (origem africana).

²³Quissange (Kisanji): instrumento popular de Angola, da família dos lamelafones (origem angolana).

Para Brito e Concato (2022, p.399), o percurso de coletividade e resistência negra cresce na poesia como forma de ação para “combater a batalha do caos” perante a realidade violenta e opressora da metrópole.

“Construção e reencontro”, todo o percurso de consciência, resistência e coletividade ideologizada condensam-se para combater a batalha do “caos” e encontrar o “reinício do mundo”, a independência a partir do “amanhecer vital” que é preche de “esperança”.

Sendo assim, Laranjeira (1995, p.199) conclui que a exaltação da africanidade e ancestralidade na obra poética de Neto é um processo pensado e realizado por muitos escritores da época, em que através da exaltação da identidade negra consegue-se proporcionar um sentimento de coletividade com o propósito de “mudar o rumo da história”.

Mas, além disso, Neto, antecipando o pensamento de ²⁴Amílcar Cabral sobre o ‘retorno às fontes’, sobre a ‘reafricanização dos espíritos’, pretendia chamar, como chamou, a atenção dos próprios intelectuais e estudantes africanos, para a urgência de, cada vez mais intensamente, se voltarem para as tradições africanas e as situações vivenciais do povo, única maneira de poderem escrever de acordo com as aspirações latentes das camadas que os, podia compreender e fazer mudar o rumo da história.

É importante ressaltar que Amílcar Cabral (1978), assim como Agostinho Neto, seguia o pensamento de que era necessário exaltar a cultura africana e compreender o “ser negro” na sociedade colonizada, processo denominado como uma “reafricanização dos espíritos”, para que se tivesse uma comunidade unida e engajada na luta contra o colonizador. Apesar de defender até o fim da sua vida o pensamento de que apenas a educação levaria ao fim da subjugação do seu povo, acaba aceitando o pensamento de que com a situação colonialista se tornava necessária uma revolução armada para a independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde.

O choro durante séculos
nos seus olhos traidores pela servidão dos homens
no desejo alimentado entre ambições e lufadas

²⁴Amílcar Cabral (1924 -1973) foi uma das grandes figuras na luta anticolonialista em Guiné-Bissau e Cabo Verde, co-fundador e principal liderança do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), denominado como “pedagogo da revolução” tinha como fundamentos que através da educação seria possível a libertação do povo negro, em que se pudesse faria uma “luta só com livros, sem armas”.

românticas
 nos batuques choro de África
 nos sorrisos choro de África
 nas fogueiras choros de África
 nos sarcasmos no trabalho de África

Sempre o choro mesmo na vossa alegria imortal
 meu irmão Nguxi e amigo Mussunda
 no círculo das violências
 mesmo na magia poderosa da terra
 e da vida jorrante das fontes e de toda a parte e de
 todas as almas
 e das hemorragias dos ritmos das feridas de África
 e mesmo na morte do sangue ao contacto com o chão
 mesmo no florir aromatizado da floresta
 mesmo na folha
 no fruto
 na agilidade da zebra
 na secura do deserto
 na harmonia das correntes ou no sossego dos lagos
 mesmo na beleza do trabalho construtivo dos homens

[...]

O choro de séculos
 onde a verdade violentada se estiola ao círculo de
 ferro
 da desonesta força
 sacrificadora dos corpos cadaverizados
 inimiga da vida
 fechada em estreitos cérebros de máquina de contar
 na violência
 na violência
 na violência

O choro de África é um sintoma [...] (NETO, O Choro de África.
 1974, p. 119-120)

No poema “O Choro de África” (1974) são perceptíveis as referências diretas ao universo africano, como ao mundo animal, às paisagens, à cultura e à história, tendo como exemplo, quando se refere sobre a “agilidade da zebra”, “secura do deserto”, à “harmonia das correntes ou sossego dos lagos” e à “beleza do trabalho construtivo dos homens”, ressaltando o valor do continente africano.

O verso “mesmo na folha” refere-se ao choro que é encontrado até mesmo no sagrado, ao pensar que a folha se apresenta como algo sagrado na cultura africana, muitas vezes associada a

deuses ou orixás que servem como metáfora a natureza, em um sistema de crenças voltado para natureza como os encontrados na África.

O uso de anáforas é recorrente nas estrofes como “choros de África”, “na violência”, “Sempre o choro mesmo na vossa alegria” e “o choro de séculos”, aproximando o poema das ladainhas, remetendo à oralidade, tão importante e representativa na literatura africana.

Com essa ladainha se intensifica a ideia de que todas as instâncias, sendo elas abstratas como os sentimentos ou concretas como as ações do seu povo, estão marcadas pelo choro do sofrimento que enfrentaram durante o triste e brutal período de colonização, em que tanto essa experiência afetiva quanto a experiência corporal aparecem como impulso para a ação, força para continuar resistindo.

Apesar desse desassossego contínuo perante o “choro de África”, a experiência afetiva é representada pelos amigos do poeta, “meu irmão Nguxi e amigo Mussunda”, a quem é consagrado um poema na obra “*Sagrada Esperança*” (1963). Os amigos estão em meio ao caos gerado pelo colonizador e vivenciam essas situações juntos.

Ao final do poema temos um verso significativo, representando a situação marcante do continente africano, “O choro de África é um sintoma”, um desassossego em sua história, na qual a sua terra sofreu e sofre até hoje pelas marcas deixadas pelo processo de colonização em África, na sua natureza, na sua cultura e até mesmo na sua economia.

As terras sentidas de África
nos ais chorosos do antigo e do novo escravo
no suor aviltante do batuque impuro
de outros mares
sentidas

Elas fervilham-nos em sonhos
ornados de danças de ²⁵embondeiros sobre equilíbrios
de antílope
na aliança perpétua de tudo quanto vive [...] (NETO, *As terras sentidas*. 1974,
p.141 – 142)

²⁵É um nome comum a várias espécies de árvore do gênero *Adansonia*, mais conhecidas como Baobá, leva denominação de “árvore da Vida” por estudiosos e religiosos como no Candomblé que a tem como uma árvore sagrada que não deve ser arrancada ou cortada.

“As terras sentidas” (1974) trata-se de um poema que demonstra a maneira como o poeta angolano apresenta esse indivíduo que vai à luta, que busca ser a mudança através da força de sua terra, um lugar sagrado onde “fervilham-nos em sonhos” e “gritam o som da vida”.

O continente africano vem a se encontrar entre o passado e o futuro, um passado que deixou marcas na sua história, em que “as terras sentidas de África” viram os seus filhos sofrerem pelas mãos de outras nações, mas também, os vê levantar-se em resistência para a criação de um futuro livre.

A dança e a música ao decorrer das estrofes representam uma força que impulsiona esse corpo, um corpo que tira vida e força através do “suor aviltante do batuque impuro”, nos “ornados de danças de embodeiros” e vem a “fervilhar em sonhos”. Sendo assim, dá movimento ao corpo da poesia, na qual o poeta consegue encontrar ritmo em todos os aspectos, seja na natureza, na cor, no ritmo e até mesmo na dor, um ritmo muitas vezes cruel, mas ainda sim um ritmo.

A energia e força do indivíduo negro não vêm apenas da história de vida individual ou coletiva de uma nação, mas também da grandeza da África, a força das nações africanas vem das suas origens em uma “aliança perpétua de tudo quanto vive” e sobrevive nela.

O modo como essa força corporal cresce da vida de sua terra, da natureza e das suas origens representa um poder gigantesco, uma força poética que tem a grandeza de mudar a história do seu país e o seu destino.

Fogueiras
 dança
 tam - tam
 ritmo

Ritmo na luz
 ritmo na cor
 ritmo no som
 ritmo no movimento
 ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços
 ritmo nas unhas arrancadas
 Mas ritmo
 ritmo

Ó vozes dolorosas de África! (NETO, Fogo e Ritmo. 1974. p. 139-140)

O poema “Fogo e Ritmo” (1974) mostra em seus versos um movimento e um ritmo, como no movimento das “fogueiras dança tamtam ritmo”, em uma dança ditada pelo ritmo e movimento da vida e da dor que pulsa em África, ao “ritmo na cor”, “ritmo nas unhas arrancadas” ou “ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços”.

Cerqueira (2011) apresenta a análise que Hamilton (1975) constrói sobre o ritmo que é criado no poema, no qual ocorre uma cadência rítmica comparada com “o rufar de tambores”, em uma crescente contínua sobre todos os versos de acordo com a crescente de dores e finaliza em um eterno lamentar.

Assim, Cerqueira (2011 apud HAMILTON, 1975, p.144) afirma que “[...] Hamilton entende que o último verso do poema “carrega um tom lamentoso e exaltado, servindo ritmicamente para abrandar e então finalizar, num crescendo, com um som parecido com o rufar de tambores”.

O poeta angolano demonstra que até mesmo em atos tão cruéis como os cometidos durante todo o processo colonialista, o ritmo, o movimento e a música ainda se encontram presentes, pois não se consegue apagar algo que está intrínseco ao corpo, que fazem parte e impulsionam não apenas os versos da poesia de Agostinho Neto, mas também toda uma nação.

fora dos abismos escurecidos da negação
 ao lado de ritmos de dedos congestionados
 sobre a pele envelhecida do tambor
 dentro do qual vivo e vibro e clamo:
 avante! [...] (NETO, Na pele do tambor. 1953. p.89)

Segundo García (2009, p.203), a violência e as feridas que populações negras enfrentaram e enfrentam são personificadas no tambor, o instrumento tão comum na tradição africana que tem a “pele envelhecida” como a pele do negro que sofre os duros golpes do racismo e apagamento.

O poeta e presidente personificou nos tambores a humilhação e a negação dos negros em suas múltiplas escravidões. Essa pele envelhecida, curtida de tantos golpes da irracionalidade repercute no poeta e o faz sentir-se ferido como o seu povo.

Apesar de toda “humilhação e negação dos negros” ainda existe uma força que prevalece e é com essa força, “dentro do qual vivo e vibro e clamo: avante!”, que o futuro virá pelas mesmas mãos que tocam e são o envelhecido tambor.

O retorno às origens está ligado a dois pensamentos importantes, sendo o primeiro o do retorno após a diáspora, em que o sujeito negro retornaria as suas origens e se encontraria ali como um ser em sua completude. E o segundo, o do retorno para si próprio, para sua identidade, já que Agostinho Neto passou grande parte de sua vida distante do seu país e ao retornar para o mesmo, tenta retomar sua origem angolana e se unir com o seu povo.

Em “*Diário de um Retorno ao País Natal*” (1939), Aimé Césaire (1939, p.19) desenvolve nos grandiosos versos de sua poesia o retorno ao país natal, retorno esse que faz o poeta mergulhar nas feridas e barbáries acometidas a população negra, e vem a ser a “boca das desgraças” daqueles que ainda sofriam as mazelas pelo mundo.

Eu voltaria a este país meu e lhe diria: “Abraçai-me sem temor... E se não sei senão falar, é por vós que falarei.” E eu lhe diria ainda: “Minha boca será a boca das desgraças que não têm boca, minha voz, a liberdade daquelas que se abatem no calabouço do desespero.” E ao voltar diria a mim mesmo: “E sobretudo meu corpo assim como minha alma, livrai-vos de cruzar os braços na atitude estéril do espectador, porque a vida não é um espetáculo, um mar de dores não...”.

No poema “Havemos de voltar” (1960), que também foi produzido na Cadeia de Aljube, é possível visualizar a ideia de retorno à terra, a sua pátria, um retorno para o conhecido e para o desconhecido, já que a volta vem carregada de ideias revolucionárias, de luta por um futuro, mas também marcada pela crueldade do passado.

Às nossas terras
vermelhas do café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar
Havemos de voltar

À Angola libertada
Angola independente (NETO, Havemos de voltar. 1960. p.130-131)

As características da terra angolana, a natureza e as riquezas que vêm dela são mostradas como uma maneira de enaltecer Angola, um país que possui grandezas por toda a parte e se colore aos olhos dos seus filhos como nos versos de Agostinho; “às nossas minas de diamantes, ouro, cobre, de petróleo” e “às nossas terras vermelhas do café, brancas de algodão, verdes dos milharais”.

Segundo Pola e Bunba (2021, p.40), a promessa do retorno ao seu lar se fazia como se fosse uma profecia, em que os versos traziam um prometeísmo patriótico em um retorno que viria com mudanças para a construção da independência de Angola, como “com uma certeza cega e imaculada fazia uma profecia de voltar para casa, fazendo também menção ao retorno às terras, símbolo da produção e símbolo da nação.

Brito e Concato (2022, p.394) complementam essa ideia de que em poemas como “Havemos de voltar” (1960) mostram que o porvir está para ocorrer, o retorno a sua pátria, a sua “mãe” se encontra em um mundo de uma utopia possível e real.

Nos versos “havemos de voltar à bela pátria angolana, nossa terra, nossa mãe, havemos de voltar”, a repetição do verbo “haver” demonstra o desejo coletivo, o querer que se espalha por todos aqueles que estão cansados de serem dominados em sua própria terra.

Contudo, essa promessa de retorno à pátria angolana para o poeta e político se cerca de luta, de vontade de ver novamente a sua “mãe”, da maneira como ela é, perante todos que desejam vê-la com olhos diferentes aos do colonizador, uma “Angola independente” e poderosa, “À Angola libertada” pelas mãos dos seus filhos.

Laranjeira (1995 apud SANTOS, 2012, p.72) mostra que na Literatura Africana, é comum encontrar o pensamento de Mãe-África ao retratar essas origens, como a ideia de que a terra estaria ligada com a origem de uma nação, o retorno da população negra a sua mãe após a diáspora.

[...] África se mitifica como o grande continente de esplendorosas civilizações de onde irradiam para a diáspora de todo o mundo e cuja terra se constitui na grande mater da raça negra e por isso são comuns na poesia africana as expressões Mãe-África, Mãe-Terra e Mãe Negra.

Ao se utilizar do conceito de Mãe-África ou Mãe Negra para falar sobre o continente africano, constrói o pensamento de um corpo materno que gera e traz ao mundo uma nova chance de fazer diferente, de mudar o destino de tanto outros indivíduos, mas também que sofre a perda de um filho quando o vê partir.

Elas gritam o som da vida
gritam-no
mesmo nós cadáveres devolvidos pelo Atlântico
em oferta pútrida de incoerência e morte
e na limpidez dos rios

Elas vivem
as terras sentidas de África
no som harmonioso das consciências
incluída no sangue honesto dos homens
no forte desejo dos homens
na sinceridade dos homens
na razão pura e simples da existência das estrelas [...] (NETO, As terras sentidas. 1974. p.141 – 142)

Essa ânsia do retorno se estabelece também em “As terras sentidas” (1974) com as memórias dolorosas e cruéis que foram vivenciadas em sua terra e longe dela, em que sua mãe Angola sente o retorno de seus filhos, ainda que seja um retorno em que os seus existam no limite entre a vida e a morte, como muito bem representados nos versos, “mesmo nós cadáveres devolvidos pelo Atlântico/ em oferta pútrida de incoerência e morte”. Do mesmo modo, o retorno a sua pátria mãe daqueles que carregam dentro de si “no forte desejo dos homens/ na sinceridade dos homens/ na razão pura e simples da existência das estrelas” a função em construir o amanhã.

Agostinho Neto apresenta uma obra que busca se aliar com suas convicções de vida, em que a mudança da realidade de Angola, o empoderamento do indivíduo negro e o retorno as suas origens dialogam entre si. Conforme aquilo que Cerqueira (2011, p.22) denomina como uma literatura de combate, “[...] a interpretação da poesia de Neto vista como literatura de combate consiste na produção de um corpo de conhecimentos que visa a um determinado objetivo definido de empoderamento e de mudança social.”

Portanto, a construção e empoderamento na poesia quebram com a narrativa colonizadora da subjugação e selvageria do indivíduo negro, aquele que não teria a capacidade ou vontade de querer algo diferente da realidade estabelecida por outros, impossibilitados em imaginar uma nova realidade.

Com a citação de Cerqueira (2011, p.65) sobre a negação do “discurso colonial manipulado e hegemônico”, compreende-se que a poesia vai ter o papel de se aliar a um novo discurso, o discurso sobre a Negritude, um discurso que mostre a história por trás da narrativa dos “vencedores”, que apresente a força do corpo negro africano e sua capacidade de escrever e reescrever a história de sua nação.

Neto trabalha com a negação da negação imposta pelo colonizador, à negação da dimensão negativa e do papel da assimilação, negação da negação do discurso colonial manipulado e hegemônico dos intelectuais; tudo visando ao estabelecimento de uma nova situação, uma nova dimensão positiva de liberdade para a África e Angola.

Negar o discurso imposto pelo colonizador é entender que nunca houve e nunca vai haver um ponto de contato entre o colonizador e o colonizado, ou seja, não ocorre a ideia de que em algum momento o colonizador e colonizado estiveram na mesma “página da história” e vivenciaram relações de contato humano saudáveis ou minimamente respeitáveis.

Fanon (1952 apud MOORE, 1987, p.24) também segue a linha de raciocínio de que a colonização é um fenômeno que tende a despersonalizar e inferiorizar o indivíduo negro, de maneira a incapacitá-lo em todos os seguimentos dentro de uma sociedade.

A despersonalização do negro era o produto de um singular e violento processo de desaculturação e de desenraizamento ontológico. Negado como humano, despersonalizado, o ser-negro é desapropriado de sua essência humana como negro e essa desapropriação ontológica é pautada especificamente na raça. A experiência histórica da escravidão negra, centrada especificamente na raça, não tinha comparação na história da humanidade.

Logo, é produzida uma poesia de corpo que toma força, voz e sentido a partir da experiência coletiva proporcionada pela cultura e exaltação da identidade negra, desenvolvendo uma clara oposição ao “processo de desaculturação e de desenraizamento” citado por Fanon (1952), visto que propaga o pensamento de liberdade e valorização do corpo negro.

Césaire (1987, p.24) complementa o pensamento sobre as consequências da colonização em sua obra “*Discurso sobre o Colonialismo*” (1987):

Entre colonizador e colonizado, só há espaço o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a policia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o

desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contato humano, porém relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcereiro, em açoite, e o homem nativo em instrumento de produção. É minha vez de apresentar uma equação: colonização = coisificação.

O poeta martinicano vai justificar que esse ponto de contato não é possível, pois a crueldade impede esse ato, sendo impossível se criar uma relação diferente da dominação e submissão, uma vez que o colonizador transforma o indivíduo em alguém que possui apenas a função de servir como “instrumento de produção”, dar lucro através do trabalho braçal, da venda dos seus corpos e vidas. Faz-se uso dessa relação de subjugação e apagamento para justificar a dependência e submissão do indivíduo negro, como alguém que é incapaz de se relacionar como igual com o colonizador, pois ele nunca vai se assemelhar ao outro, essa igualdade é inadmissível em suas mentes.

Elas provam que a colonização, repito, desumaniza até o homem mais civilizado; que a ação colonial, o empreendimento colonial, a conquista colonial fundada no desprezo pelo homem nativo e justificada por esse desprezo, inevitavelmente, tende a modificar a pessoa que o empreende; que o colonizador, ao acostumar-se a ver o outro como animal, ao treinar-se para tratá-lo como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transformar, ele próprio, em animal. É essa ação, esse choque em troca da colonização, que é importante assinalar. (CÉSAIRE, 1955. p.23)

Contudo, o processo de colonização pensado como processo de coisificação ou animalização, segundo Césaire (1987), exemplifica claramente que ambos os lados desse “empreendimento colonial” são “coisificados”, de tal forma que o colonizado é tratado como alguém que é selvagem e deve ser domesticado da maneira que bem entende o colonizador, e o colonizador se torna “capataz, em carcereiro, em açoite”, que está ali incumbido de controlar esses selvagens e manter a civilização.

Vendido
e transportado nas galeras
vergastado pelos homens
linchado nas grandes cidades
esbulhado até ao último tostão
humilhado até ao pó
sempre sempre vencido

É forçado a obedecer
 a Deus e aos homens
 perdeu-se
 Reduzido a farrapo
 macaquearam seus gestos e a sua alma
 diferente

Velho farrapo
 negro
 perdido no tempo
 e dividido no espaço!

Ao passar de tanga
 com o espírito bem escondido
 no silêncio das frases côncavas
 murmuram eles:

Pobre negro! (NETO, Velho Negro. 1948. p. 52)

O processo de “coisificação” é representado de forma clara no poema “Velho Negro” (1948), com a humilhação do negro desde a sua subjugação no período de escravização até o apagamento no período colonial. Esse indivíduo é apresentado como a figura do “velho negro”, aquele que foi “vendido” e “linchado nas grandes cidades/ esbulhado até ao último tostão/ humilhado até ao pó”.

O sofrimento aparece em gradação nas estrofes, após tantas violações e privações de seus direitos, de seu corpo, de sua vida e sua existência como um ser humano, é “reduzido a farrapo”, reduzido a algo que nem mesmo pode ser contável, “perdido no tempo/e dividido no espaço!”.

A crueldade e a ganância do colonizador fazem com que o mundo branco ocidental acredite que populações negras não tinham capacidade intelectual para conviverem de “igual para igual” com eles, sendo assim, toda sua cultura, história e origem eram apagadas e negadas, como nos versos “macaquearam seus gestos e a sua alma/ diferente”.

Sendo obrigado a obedecer a um homem que o apaga como indivíduo e o considera como um “animal” que deve ser domado e a um Deus que ele não reconhece e não encontra em sua fé, gerando um ser “com o espírito bem escondido”.

Laranjeira (2007, p.18) mostra que esse “velho negro” vem a representar todos aqueles que foram colonizados, em uma propagação de um sentimento de pertencimento por vivenciarem situações semelhantes, pois estavam sujeitos a Portugal que funcionava como “instrumento ideológico e administrativo de dominação”.

De facto, diz o poema que aquele velho negro, representando todos os negros, “Perdeu a pátria/e a noção de ser”, o que significa que, no contexto de 1948, os colonizados, nomeadamente os mais afectados pelo trabalho sem dignidade, pelo colonialismo, eram o resultado de um processo de coisificação e de distorção de identidade, o que vale dizer que a pátria portuguesa lhes era imputada funcionava como instrumento ideológico e administrativo de dominação, de perda da autodeterminação cívica. Enunciar a situação social, económica e política do povo angolano, vertida em discurso poético em que se expressava o ferver do desejo, era postular historicamente que o movimento popular estava pronto, estava em ponto de receber a liderança daquele por quem se esperava.

A poesia nesse contexto de tentativas de apagamento cumpre o papel de libertação e fortalecimento do corpo negro, nos versos do poeta angolano se apresenta uma força corpórea que tem a capacidade de lutar e alterar o rumo da história, força essa que promove a integração em torno de experiências em comum.

Portanto, é compreensível que ao negar o discurso do colonialismo nos aproximamos do discurso da Negritude de Césaire, Damas e Senghor, por apresentar a exaltação do negro, da busca de uma igualdade entre os homens e de luta perante o racismo propagado em séculos através de discursos de ódio.

O conceito de Negritude vem se aliar ao pensamento revolucionário de Agostinho Neto, eles se unem na força do homem negro africano, uma força que não apenas fica no mundo das palavras, mas se propaga para a força corpórea, produzindo uma “literatura de combate” ou “uma máquina de guerra”.

Campos (2020 apud CÉSAIRE, 1987, p.118) apresenta uma definição sobre a literatura da Negritude como sendo “a literatura da negritude é uma literatura de combate, uma literatura de choque, essa é sua honra; uma máquina de guerra contra o colonialismo, contra o racismo, essa é sua razão de existir.”

Essa definição da literatura da Negritude se assemelha à poesia de Agostinho Neto, pois mostra que a luta, o pensamento revolucionário e a busca em construir um futuro para os seus caminham juntos em todos os momentos. A luta só termina quando não existir mais nenhum indivíduo negro sofrendo violência física e mental vinda de discursos e ações racistas.

No discurso político de Neto na Independência de Angola em 1957, é abordada a ideia de que a luta pela libertação do processo colonialista vem da união de todas as pessoas que buscam uma nova realidade e que essa nova realidade viria através da guerra revolucionária, só assim seria estabelecida uma sociedade que não possua exploradores e explorados.

Tenho a aliança dos operários e camponeses, e todas as camadas patrióticas serão unidas contra o Imperialismo e seus agentes, na luta por uma investigação de uma sociedade sem exploradores e nem explorados. [...] Afirmando o colonialismo não caíra sem luta é por isso que o povo angolano só se encontrará libertado pela guerra revolucionária [...]. (NETO, 1975)

Trata-se de um chamado à luta, um futuro e uma nova realidade de uma nação, na qual se afirma que não será construída sem uma força revolucionária, dando como exemplo em seus discursos, o MPLA e a ²⁶FAPLA, instituições que se mantiveram ativas em seus pensamentos e ideais, sendo resistência e tendo perseverança por dias melhores.

Moore (1987) complementa com o pensamento de Fanon (1952) de que a liberdade só viria por uma revolução, que essa revolução seria necessária para “reconstruir a autoestima do ser colonizado”:

Na visão fanoniana, a ²⁷violência revolucionária é concebida como uma necessidade, para se quebrar o jugo militar colonial, e também como um indispensável instrumento de reconstrução da autoestima do ser colonizado. Fanon concebe que, para o sujeito colonizado modificar os termos da relação com o mundo que o oprime, se fazia necessário o emprego da resistência em todas suas formas. (MOORE, 1987 apud FANON, 1952. p.25)

Essa luta revolucionária não aparece apenas nos discursos políticos e nos pensamentos de estudiosos como Fanon (1952), mas também na própria poesia de Agostinho Neto, como no poema “Aqui no Cárcere” (1960) que mostra que a luta não pode ser calada nem mesmo no cárcere.

Aqui no cárcere
eu repetiria os santos
se lhes perdoasse
as sevícias e as mentiras
com que nos estralham a felicidade

Aqui no cárcere
a raiva contida no peito
espero pacientemente

²⁶Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA).

²⁷Destaca-se que o trabalho busca compreender a luta pela independência do corpo negro africano através da poesia de Agostinho Neto, como uma literatura que possui o poder de dar voz a indivíduos que tiveram suas vidas silenciadas por outros, portanto, compreende-se que em muitos momentos os meios tomados para essa libertação tenha sido a luta armada, mas não é o intuito do trabalho buscar fazer a afirmação destes atos e sim apresentar como associados ao tema.

o acumular das nuvens
ao sopro da História

Ninguém
impedirá a chuva. (NETO, Aqui no cárcere. 1960. p.118)

As estrofes finais carregam uma força ao demonstrar que ao tentar silenciar um indivíduo ou uma nação, a força de combate ainda estaria ali, esperando “pacientemente o acumular das nuvens ao sopro da História”. E que outros poderiam tentar perdoar aqueles que destruíram suas vidas, “se lhes perdoasse as sevícias e as mentiras” que o colonizador usava para "estraçalhar" suas vidas, mas eles não perdoariam nada e ninguém. A resposta que essa nação daria para todos aqueles que os subjugarão viria de uma forma decisiva e inevitável, como “ninguém impedirá a chuva” de ocorrer.

As tentativas de calar a nação angolana e o poeta e político Agostinho Neto, tanto com o cárcere quanto com a violência são ações que vão perdendo sua eficácia, pois a luta ativa vem a se propagar através da força da religiosidade, das danças, da música, da poesia e do corpo negro que se mostra como força de combate.

Alves (1989) apresenta o pensamento de Lemos (1950) de que o tempo de se ter apenas uma atitude intelectual sobre os acontecimentos na África havia passado e que agora seria tempos de dar corpo a luta:

[...] o tempo do silêncio e da resignação estava ultrapassado e que a conquista da liberdade não poderia obter-se senão pela revolta, o levantamento da maioria populacional camponesa contra a minoria dos colonos. Não bastava conservar uma atitude puramente intelectual, cantar a angústia e a alienação dum povo, mas confundir-se com esse povo nas suas raízes e na sua vida actual.” (ALVES, 1989 apud LEMOS, 1950. p.25)

Quando essa força se propaga pelos corpos, pelas vozes e pelas mentes, se torna uma poderosa mensagem de revolução, de tal forma que proporciona uma mudança de “rota” da população angolana, a construção do futuro iria vir daqueles que foram apagados da história.

O meu Desejo
transformando em força
inspirando as consciências desesperadas. (NETO, Aspiração. 1974. p. 69)

Nos versos retirados do poema “Aspiração” (1974), o “desejo transformado em força”, associa-se a uma visão de que “o meu Desejo” se transforma em um querer coletivo, proporcionando a ideia de um poema inflamável que não tem mais como segurar ou ser impedido, o poema que inflama o corpo muito mais do que um conjunto de ideias vagas colocadas em um papel.

Para Zumthor (2014, p.23), esse corpo sobre o qual refletimos ao decorrer deste trabalho, se estabelece através da experiência que o texto poético vem a proporcionar, nesse caso, na obra poética netiana, esse corpo se estabelece com o sentimento de coletividade proporcionado através da experiência em comum que vem da dança, da africanidade, da música.

O que entender aqui pela palavra "corpo"? Despojado como ele está em minha frase, parece escapar, por demasiado puro e abstrato, ideal, como o ego transcendental de Husserl! No entanto, é ele que eu sinto reagir, ao contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior.

Em “Sangrantes e germinantes” (1974) encontra-se a representação de uma experiência estética construindo um corpo que se estabelece até mesmo na dor e opressão compartilhada pela nação angolana. O poder que Agostinho Neto consegue adquirir a partir da poesia possibilita a construção de um sentimento de coletividade e pertencimento, indo além do que os seus textos políticos conseguiriam alcançar.

Os nossos gritos
são ²⁸tantãs mensageiros do desejo
nas vozes harmoniosas das nações
os nossos gritos são hinos de amor para os corações
florescendo na terra como no sol nas sementes
gritos África
gritos das manhãs em que nos crescem os cadáve-
[res
acorrentados
sangrantes e germinantes

- Eis as nossas mãos

²⁸Tantãs são conhecidos como tambores africanos.

abertas para a fraternidade do mundo
 pelo futuro do mundo
 unidas na certeza
 pelo direito pela concórdia pela Paz

[...]

Pelo futuro eis os nossos olhos
 Pela Paz eis as nossas vozes
 Pela Paz eis as nossas mãos

da África unida no amor. (NETO, Sangrantes e germinantes, 1974.
 p.86-87)

O conjunto das “vozes harmoniosas das nações” que se juntam aos “gritos África” ao decorrer dos versos do poema, demonstra a união desses povos “acorrentados/ sangrantes e germinantes” que vão ser a voz e os “hinos de amor para os corações”, “florescendo na terra como no sol das sementes” da revolução e do futuro.

Os sons emitidos dos batuques se juntam às vozes de África com a função de transmitir uma mensagem de resistência e esperança perante aos tantos “cadáveres/ acorrentados/ sangrantes e germinantes” deixados na história, tendo um papel social para essas sociedades. Conforme, García (2009, p.201) afirma em que “os tam-tams e os batuques são a linguagem fiel e viva de todos os grupos sociais da África que deles se serviram não somente em cerimoniais, mas também para transmitir mensagens de guerra ou de paz, de tristeza ou de Esperança.”

Campos (2020) traz uma citação de Césaire (1987) sobre a Negritude que mostra que a liberdade de corpos e mentes negros são frutos do plantar de uma força de luta e resistência, em “plantar nossa negritude como uma bela árvore, até que ela dê seus frutos mais autênticos.” (CAMPOS, 2020 apud CÉSAIRE, 1987. p 93)

O uso da imagem de uma árvore na citação de Césaire (1987) ao falar da Negritude mostra que a luta e força de países africanos se encontra associada ao sagrado de sua terra, que vem a se materializar na imagem de uma árvore. Em terras africanas se encontra árvores milenares como o embondeiro (Baobá), árvore que em religiões africanas tem a função ao mesmo tempo de templo e altar para os seus devotos.

A independência de uma nação como ocorreu à independência de Angola, é exemplo da união da resistência, da luta revolucionária e da força desses indivíduos que seguiram em frente com os seus ideais mesmo com tantas mazelas sofridas, pois sabiam que o amanhã só seria diferente se fosse construído pelas suas mãos.

Por conseguinte, é possível pensar que quando Agostinho Neto refere-se ao futuro e o associa “pela Paz”, dando ênfase na palavra “paz” com a letra maiúscula, demonstra que o futuro vai ser construído através da coletividade de “nossas vozes”, “nossos olhos” e “nossas mãos”, buscando uma África que tenha paz entre os seus e “unida no amor”.

García (2009, p.199) apresenta a ideia de que “somente as vozes, sem nenhum instrumento nem dança, exaltam esse hino monódico pelo futuro, pela paz e amor de uma África unida. Agostinho Neto insiste tanto na ancestralidade como no universo telúrico da realidade africana.”

Sendo assim, propõe que o passado e o futuro vêm a ser determinados no presente, o hoje é feito de coragem, luta e ação para que no amanhã seja possível desfrutar de liberdade e de voz para todos que habitam o continente africano.

Eu vejo
as mãos esculturais
dum povo eternizado nos mitos
inventados nas terras áridas da dominação
as mãos esculturais dum povo que constrói
sob o peso do que fabrica para se destruir [...]

Além deste cansaço em outros continentes
a África viva
sinto-a nas mãos esculturais dos fortes que são povo
e rosas e pão
e futuro. (NETO, Mãos esculturais. 1974. p.94 – 95)

O poema “Mãos esculturais” (1974) demonstra claramente essa força de luta e resistência vindo das “mãos esculturais” do corpo negro, do corpo de uma sociedade que carrega suas origens e sua história marcados em si, “eternizado nos mitos” de seus antepassados, vindos de “terras áridas da dominação” do sistema colonial, buscando construir bravamente uma nova realidade “sob o peso do que fabrica para se destruir”.

Neto usa repetidamente nos versos as palavras “as mãos esculturais”, essas mãos se materializam como uma imagem poético-escultural, ou seja, a repetição dessa imagem contribui para a corporificação do próprio poema.

Construindo o pensamento de que a força da sociedade angolana vem daqueles sobreviventes do sofrimento cometido pela dominação colonialista, são essas mãos que vão

construir e criar o futuro de suas nações e através delas a sobrevivência de sua cultura, religiões e identidade serão mantidas.

Apesar de todos os momentos dolorosos que as nações africanas já sofreram a África ainda é viva, seu corpo ainda pulsa nas “mãos esculturais dos fortes que são povo”, nas suas origens, no orgulho de sua identidade, pois compreendem que mesmo com todo o processo de apagamento sofrido por séculos não se pode apagar ou deter a resistência dos filhos de mãe África.

No penúltimo verso “e rosas e pão” vem ocorrer a representação da nação angolana de uma forma poética e simbólica ao demonstrar que além de serem força, resistência e luta, também representam amor, ternura e compaixão, que ambos os lados alimentam tanto corpo e mente desses indivíduos.

E no último verso, “e futuro”, entende-se que esse povo também é esperança, pois representa a chance de terem um futuro, futuro esse com liberdade de viver e não apenas sobreviver em meio ao caos gerado pela violência de outros. A liberdade é pensada, falada e buscada ao decorrer dos versos, gerando um futuro melhor aos seus.

Minha mãe
 (todas as mães negras
 cujos filhos partiram)
 tu me ensinaste a esperar
 como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
 matou em mim essa mística esperança
 Eu já não espero
 sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe
 a esperança somos nós
 os teus filhos
 partidos para uma fé que alimenta a vida

[...]

Amanhã
 entoaremos hinos à liberdade
 quando comemorarmos
 a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
 os teus filhos Mãe

(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida. (NETO, Adeus à hora da largada. 1974. p.35-36)

Mas olha a tua volta
abre bem os olhos
- vês?

Aí está o mundo construamos. [...] (NETO, Poema para todos. 1974. p. 60)

Nos versos do poema “Adeus à hora da largada” (1974) ao mencionar o termo “mãe”, o poeta vem representar um sentimento tanto particular quanto geral, proporcionando o sentimento de coletividade apresentado pela mesma mãe que padece perante o sofrimento dos seus filhos, mas que se engrandece ao ver “a mística esperança” que vem através dos seus.

Observam-se indícios no poema que reafirmam o pensamento de que a luta pela liberdade e a aspiração por mudanças se tornou um sonhar coletivo e não mais particular, quando nas estrofes iniciais ocorre o uso do pronome pessoal “eu” e nas estrofes finais se alteram para “nós”. Outro exemplo visível é a mudança da conjugação dos verbos que estão em primeira e segunda pessoa do singular, como “esperaste” e “matou” passando para o plural com “comemorarmos” e “entoaremos”.

Os versos “tu me ensinaste a esperar” e “matou em mim essa mística esperança” se alterando para “nós vamos em busca de luz” e “a esperança somos nós/ os teus filhos” mostram essa mudança do sujeito para o coletivo, do esperar para o agir.

Verani (2000, p.43) apresenta esse pensamento em seu artigo “*Agostinho Neto: O lugar da poesia em tempos de luta*” (2000):

O particular e o geral tornam-se aqui uma só coisa: a Mãe invocada pelo eu-lírico identifica-se, ao mesmo tempo, com a mãe singular de uma experiência individual, com a mãe de muitos outros que viveram experiências semelhantes e com a própria África, origem comum, ventre imemorial de onde nascem os filhos negros que, cansados de uma infrutífera e infundável espera, partem a traçar outros caminhos. A conformada espera por dias melhores, “a mística esperança” que alimentou um passado de passividade, chega a seu fim pela consciência não só da própria condição, mas, também, da necessidade de ação. E não por acaso, o “eu” dos primeiros versos se transforma em “nós” na continuação do poema.

Similarmente, Brito e Concato (2022, p.393) mostram que Agostinho Neto se coloca como integrante desse coletivo, um integrante importante, pois tem conhecimento de sua

relevância para a luta de independência. Entretanto o uso do verbo “somos” acarreta também essa sensação de que tanto o poeta como outros compatriotas possuem o conhecimento e o poder de ação, os colocando em posições semelhantes dentro da luta, compreendendo que o porvir ficou no passado e agora a ação se faz necessária.

[...] fica evidente a sabedoria de si dentro do coletivo. O verbo “somos” é a marca gramatical desdobrada que preconiza o detalhamento do fim da ilusão. “Somos teus filhos com fome, sede, medo e vergonha” traz a sensação do súbito conhecimento da realidade caótica.

Os poemas “Adeus á hora da largada” (1974) e “Poema para todos” (1974) representam essa liberdade que virá marcada com “a data da abolição dessa escravatura”, fazendo uma analogia ao fim do período da colonização com a abolição da escravatura, momento esse que “entoaremos hinos à liberdade” retomada pelas mãos do povo.

Conforme Verani (2000, p.44) são nesses versos que encontramos “ecos dos movimentos da Negritude”, pois se é perceptível a validação da história e do futuro negro por eles próprios e, além disso, a associação a outros movimentos como o neorrealismo português, em uma busca ativa pela liberdade da opressão.

Fazem-se ouvir, nestes versos, os ecos dos movimentos de Negritude, que, da Europa e da América, chegavam ao solo original da África. Por outro lado, nestes primeiros versos, já se evidencia, também o diálogo da poesia agostiniana com as propostas do movimento neo-realista português, fundado sobre o compromisso da denúncia social, e da luta por direitos e justiça, o qual, em seu país de origem, revelou-se, sobretudo, como uma consistente reação literária ao autoritarismo do governo salazarista.

A aspiração por mudanças já não está mais em pensamentos utópicos e na subjetividade, mas sim, em fazer acontecer essas mudanças em ações concretas. A espera que tantas mães vivenciaram, aguardando o retorno dos seus filhos que foram tirados de si, como nos versos do poema “Adeus à hora da largada” (1974), “todas as mães negras/cujos filhos partiram” e “tu me ensinaste a esperar/ como esperaste nas horas difíceis”, finalmente ficariam no passado.

Dessa maneira, nos versos “eu já não espero/ sou aquele por quem se espera” e “aí está o mundo construamos” apresenta o papel de Agostinho Neto como um messias, aquele que juntamente com o seu povo “vão em busca da vida” e “em busca de luz”, guiando-os para fora da realidade do colonialismo.

Segundo Carvalho (2009 apud NETO, 2009, p.24) desenvolve-se o pensamento de “messianismo”, colocando Neto como a figura que estaria ali para tomar partido da situação e partir para a ação:

Aqui, Agostinho Neto, apresenta-se, sem reboço, como o chefe da luta necessária para a redenção do seu Povo. Repare-se no advérbio “já”: deixou de esperar, porque a vida o compeliu a perder o misticismo expectante. Por isso, recusou a atitude bíblica de dar a outra face. Cansou-se de esperar e quer partir “em busca da vida”

Essa “vida” mencionada por Carvalho (2009) está ligada ao modo de afetar o outro, através do corpo, da força presente na poesia que é expressa pela música, movimento, dança e pensamento do poema pelo poema, revelando como uma força muito mais corporal do que intelectual.

Contudo, segundo Laranjeira (2009 apud NETO, 1974, p.15) o poeta e político angolano não é messiânico, mas sim um indivíduo que olha à sua volta e indignado com a realidade sua e de seu país propõe mudanças. Por consequência, se torna ativo em sua sociedade para que essas mudanças ocorram, ou seja, não se trata de alguém escolhido para tal função, mas que conquistou sua posição através dos seus atos.

Não se trata de um messianismo ou prometeísmo literário, inserto num mecanismo de leitura, porque a poética de Neto não permite a concepção de um discurso pós-modernista de fingimento, de mascaramento ou de colagem. A sua poética é constituída por uma estratégia afinada pela política, a ideologia e a intervenção histórica, no sentido mesmo de contribuir para mudar o rumo da história, marcada por signos esvaziados de ambigüidade e, portanto, plenos de verossimilhança, veracidade e verdade [...].

Assim, Laranjeira (2008 apud NETO, 2016, p.15) continua a sua análise abordando que a obra poética e política de Agostinho Neto vão muito além dessa leitura de “messianismo ou prometeísmo literário”, uma vez que sua obra possuía um laço muito forte com a política e seus ideais para defini-lo apenas como um escolhido por algo ou alguém.

A história veio provar que aquele verso de Neto é não só um dizer sobre todos “aqueles” que estavam prontos para servir os outros num ideal para o colectivo – “sou aquele por quem se espera” -, podendo “ser” qualquer popular empenhado na defesa de uma nova pátria, a angolana, como também um dizer sobre ele próprio – Neto – “aquele” por quem se podia esperar, por quem se esperava, que

podia esperar ser o móbil e o mobilizador, activador das esperanças, já não “místicas”, mas realistas e reais, o líder político, o líder da liderança política.

A partir disso, Silva (2015, p.20) complementa o pensamento de que a obra de Agostinho Neto teria uma “urgência e necessidade de comunicar” pelas circunstâncias históricas e políticas em que ele e a nação angolana se encontravam, fazendo com que a poesia fosse menos tradicional, mas ainda com a influência europeia em suas formas.

Acontece que a urgência e a necessidade de comunicar tornam a poética de Neto mais prosaica, menos tradicional, com versos livres e brancos, técnica, aliás, muito utilizada por muitos poetas do século XX, adeptos que foram das rupturas propiciadas pelas vanguardas europeias.

O poeta e político seria alguém que escreve para expor a realidade dos seus ao abordar o universo africano, desenvolvendo um afeto de comunidade em seus compatriotas, dando força corpórea para a luta e para a resistência.

Através da análise da obra “*Sagrada Esperança*” (1963) é possível compreender que sua poesia ganha forma a partir das tantas experiências mencionadas, como a cultura, luta, música e dor. Construindo uma nação que resiste e persiste em momentos que a resistência se torna o único meio de reverter situações marcadas pela violência e desumanidade.

Portanto, a literatura toma um papel fundamental na compreensão do Movimento Anticolonialista, nos conceitos da Negritude e na construção do sujeito negro como ser independente, emponderado e protagonista perante seu passado, presente e futuro.

3. AGOSTINHO NETO ENTRE DOIS MUNDOS

A vivência entre a metrópole e a colônia, como ocorreu com Agostinho Neto e tantas outras figuras importantes do período colonial, deixaram marcas em sua obra poética e política, revelando uma identidade formada pelos dois lados, nesse caso Portugal e Angola.

O poeta angolano por ter vivido parte de sua vida em Lisboa e Coimbra, apresenta uma forte ligação com Portugal, pois é em terras portuguesas que aprende sua profissão, medicina e que entrará em contato com a cultura, a literatura e intelectuais de várias outras nações.

O contato direto com Portugal proporcionou influências em suas composições poéticas, sendo possível visualizar a influência do neorrealismo português, como exemplo, o período que a literatura travava um embate com a ditadura salazarista e não conseguia mais aceitar justificativas para a existência de nações que ainda viviam no processo colonial.

Os poemas selecionados para análise neste capítulo irão mostrar que o poeta apresenta uma relação ambivalente com a África e com os seus compatriotas, sendo através da sua poesia, uma tentativa em diminuir a distância que muitas vezes sentiu em relação à sua terra. Na elaboração estética da sua obra, revela-se uma ambivalência entre o seu esforço na luta ativa pelos direitos da sociedade angolana e sua ligação incontornável com a própria cultura europeia em muitos aspectos.

É essa ambiguidade que faz de Neto uma figura muito mais interessante, uma vez que com o desafio em minimizar a sua distância com os seus irmãos, tenta se aproximar de sua nação da forma mais respeitosa e viva possível.

Para Chiquete (2020 apud MBEMBE, 2014, p.150), a obra poética netiana representava essa ambiguidade do corpo negro, pois mostra que o sujeito no período colonial vive sua identidade em dois lados do “mundo”, o mundo branco europeu, que se caracteriza em muitos momentos pela intelectualidade (branca) e o mundo em que nasceu e viveu, a sua pátria e suas origens. Esse impasse entre os dois lados acaba produzindo um indivíduo que “convive num conflito de autonegação e autoaceitação”, tendo sua identidade forjada a partir dessa ambivalência.

A representação poética de António Agostinho Neto é, de certa forma, a apresentação fragmentária do sujeito negro, não apenas porque os momentos de consciência e inconsciências são momentos não permanentes (são de alternância irregulares), mas também tendo em conta o seu contexto e as suas vivências que subentendiam a sujeição do negro à intelectualidade (branca). Um sujeito

“tornado” branco, mas feito num mundo em que dois entes identitários em si próprio (negro) lutam, mas o conflito não pode ser público, porque o “eu não sou, não existo” é o negro vivendo como um “sujeito fantasmal”, subentendia também a sujeição ao pensamento do homem branco perante a negação do negro como um ser pensante. Um sujeito “tornado branco” identitariamente em defesa de um pensamento civilizacional em que o eu em si e o eu a ser tornado em si convivem num conflito de autonegação e autoaceitação numa condição de subserviência. Como refere Achille Mbembe na sua obra *Crítica da Razão Negra*, o sujeito vivendo em si o “sujeito fantasmal”.

Contudo, a sensação de pertencimento com as suas origens, sua cultura e o seu país parte do pressuposto de se conseguir identificar e se encontrar em sua nação, é através dessa identificação que a cultura e a história são exaltadas. Neto faz parte desse movimento de tentar firmar as bases da identidade angolana, em que se projetava a ideia de construir uma nação que se orgulha de suas origens, cultura e se desassocia dos padrões impostos por Portugal. Conforme Pinto (2019, p.125 - 126):

A partir da recusa à submissão ao poder colonial e aos colonos, Agostinho Neto unia diretamente na poesia as causas políticas às causas culturais pelas quais militava. Assim como diversos outros artistas de sua geração, Agostinho Neto defendia a liberdade e a soberania perdidas no momento da imposição do colonialismo português, arriscando-se assim em uma luta pela independência. Portanto, criar uma estética própria de Angola passava a significar também criar politicamente uma nova Angola, livre da dominação, dos problemas sociais, políticos, econômicos e culturais decorrentes do colonialismo português. Apesar da denúncia das estruturas colonialistas e do gradual empenho na defesa da libertação nacional, estes intelectuais e artistas viam na exploração a que o colonialismo submeteu os angolanos um traço de identificação dos povos ali residentes. Portanto, a imaginação da identidade nacional angolana partia também da História dos povos que compunham a nação [...].

Segundo o mesmo pesquisador (2019, p.106), a cultura serve como base para se construir uma nação sólida que se une “em um só corpo político”, associando-se ao pensamento de Agostinho Neto que havia planejado a formação de uma nação bem estruturada desde o início de sua postura política e poética:

Estudar a nação é inclinar-se sobre a cultura do grupo – ou dos grupos – que se pretende conhecer. Em geral, a cultura é considerada pelos nacionalistas a base sobre a qual a nação deve se edificar, é o elemento que une os membros da nação em um só corpo político.

Essa tentativa de definir as bases identitárias de Angola encontrou na poesia um propulsor muito maior do que a política, possibilitando retratar esse sentimento de coletividade através da dança, música e africanidade, construindo algo que vai além de questões partidárias e que consegue dialogar com toda a sociedade angolana.

Conforme Bhabha (2001, p.200), a produção cultural vem a representar “a força narrativa e psicológica” que a nacionalidade proporciona em uma sociedade, tomando um efeito muitas vezes maior e significativo do que a associação entre evento e ideia proposto no historicismo, pois o alcance do significado e sentimento de nação vem a perpetuar como uma poderosa “estratégia narrativa” na busca pela independência.

A equivalência linear entre evento e ideia, que o historicismo propõe, geralmente dá significado a um povo, uma nação ou uma cultura nacional enquanto categoria sociológica empírica ou entidade cultural holística. No entanto, a força narrativa e psicológica que a nacionalidade apresenta na produção cultural e na projeção é o efeito da “nação” como estratégia narrativa.

Complementando essas ideias, Boxus (2007, p.468) traz que a literatura assume o papel de criar símbolos que “identifique e singularize o núcleo nacional”, pois possibilita a aproximação entre o real e o simbólico, servindo de "auxílio na superação de crises e contradições" geradas ao se tentar construir um ideal de nação.

Como critério de definição identitária, a nação é um mito antes de ser uma realidade. Decorre de narrativas que configuram um auto-retrato simbólico, capaz de explicar as origens do grupo e servir de auxílio na superação de crises e contradições. A literatura, especificamente a ficção narrativa, exerce um importante papel criador em que critérios de similaridade são imaginados ou inventados para identificar e singularizar o núcleo nacional.

Porém, uma reflexão deve ser feita acerca do fato de que essa identidade nacional é forjada pela classe intelectual angolana, sendo ela formada por indivíduos como Agostinho que vivenciaram tanto o lado europeu quanto o lado africano. São esses indivíduos que fizeram escolhas do que viria a se encaixar como um reconhecimento cultural e ideológico, como forma de agregar as ações políticas que buscavam a independência de Angola, conforme é apresentado por Pinto (2019, p.129):

Qualquer estudo que se debruce sobre a cultura angolana se depara como uma imensa multiplicidade de matrizes culturais. [...] a identidade nacional é necessariamente redutora, já que não é possível unir todas as influências culturais em somente uma construção identitária. Sendo assim, é possível compreender que a definição identitária de uma nação é feita sempre a partir de uma seleção das matrizes culturais que os construtores deste discurso identitário consideram legitimamente representantes da nação.

A base da identidade cultural delimita e enquadra apenas um "pedaço" desejado das inúmeras matrizes culturais que é possível encontrar em um país, tendo na base da identidade nacional definida por uma nação um campo de conflitos, pois ao delimitar essa identidade, abre-se espaço para adequações e apropriações entre diversas culturas que existem no mesmo país.

Neste sentido, é importante ter em mente que a cultura, base da identidade nacional, abriga em seu interior grandes diferenças, sendo, portanto, um campo de conflitos onde diversas matrizes culturais entram em contato. Sendo assim, dentro de um mesmo sistema cultural, pode haver adequação, articulação, apropriação ou conflito, de maneira que tratar o campo cultural de forma monolítica e homogeneizada acaba reduzindo a complexidade da questão. (PINTO, 2019, p.108-109)

Entretanto, se observa que na poesia do poeta angolano em diversos momentos depara-se com a sensação de que apesar de ter colocado sua vida perante a luta pela liberdade e a construção identitária do seu país, ainda assim, as glórias dos seus atos ficam em segundo plano por conta da cruel realidade vivida através da “coisificação” causada pelo colonialismo.

O poema “Não me peças sorrisos” (1974) é um exemplo dessa angústia vivida pelo poeta, demonstrada no título e na estrofe inicial do poema. A realidade vivida é difícil demais de lidar, as recordações das mazelas sofridas ainda são muito recentes para se conseguir comemorar e exaltar alguém, principalmente, quando a vida desse alguém difere em muitos momentos dos seus irmãos que enfrentam diversas dificuldades e injustiças, como em versos “não me exijas glórias/ ainda transpiro/ os ais/ dos feridos nas batalhas” e “nem sorrisos nem glórias”.

Não me exijas glórias
que ainda transpiro
os ais
dos feridos nas batalhas
Não me exijas glórias
que sou eu o soldado desconhecido
da Humanidade
[...]

A minha glória
 é tudo o que padeço
 e que sofri
 os meus sorrisos
 tudo o que chorei

Nem sorrisos nem glória

Apenas um rosto duro
 de quem constrói a estrada
 por que há-de caminhar
 pedra após pedra
 em terreno difícil

[...]

Uma cabeça sem louros
 porque não me encontro por ora
 no catálogo das glórias humanas

Não me descobri na vida
 e selvas desbravadas
 escondem os caminhos
 por que hei-de passar

Mas hei-de encontrá-los
 e segui-los
 seja qual for o preço

Então
 num novo catálogo
 mostrar-te-ei o meu rosto
 coroado de ramos de palmeira

E terei para ti
 os sorrisos que me pedes. (NETO, Não me peças sorrisos. 1974. p.70 – 71)

Como se pode ver, o eu lírico em muitos momentos apresenta o incômodo em comemorar de forma plena alguma vitória, as glórias ficam retidas, como a segunda estrofe “não me exijas glórias/ que sou eu o soldado desconhecido/ da Humanidade”, pois a posição que se coloca perante o seu povo é sendo apenas um entre tantos compatriotas que partilharam de ideias e ideais de luta.

A analogia construída a partir do termo “²⁹soldado desconhecido” possibilita refletir sobre uma associação entre esses soldados que lutaram pela libertação de Angola e também aos soldados que lutaram na Primeira e Segunda Guerra Mundial, que perderam a vida em nome da luta e defesa da liberdade dos seus países, soldados esses que muitas vezes não tiveram a felicidade de retornarem a sua família e a sua pátria para receber os louros da glória.

Sendo assim, de forma simbólica o termo “soldado desconhecido” representa a perda de tantos soldados que morreram em campo, em nome de um ideal revolucionário e não conseguindo ser identificados após a morte, se tornaram uma só imagem e um só corpo representativo da luta coletiva.

A posição que o eu lírico se coloca no poema é de um indivíduo comprometido com a busca pela independência, aquele que teve o papel de construir o “caminho” para os seus irmãos conseguirem viver e sobreviver de uma forma mais justa e libertária, remetendo novamente a um pensamento messiânico sobre aquele que vai abrir o caminho para outros segui-los, como em “apenas um rosto duro de quem constrói a estrada” da nova realidade angolana.

As ações que virão daquele que construirá o novo são mostradas nos versos do poema, quando ocorre a repetição do verbo haver conjugado no presente e no futuro, construindo uma representação de uma forte esperança de mudança, porque “ele” irá conduzir para essa nova realidade, como em “por que há-de caminhar”, “por que hei-de passar” e “mas hei-de encontrá-los”.

O eu lírico compreende que por ora o reconhecimento das suas ações e escolhas não seria exaltado “no catálogo das glórias humanas”, definindo esse momento como “uma cabeça sem louros/ porque não me encontro por ora/ no catálogo das glórias humanas”. Apesar de ocorrer a falta de notoriedade mundial da luta angolana, o eu lírico também tem o entendimento que a sua história de luta e resistência seria a sua coroa de louros, como retratada nos versos “a minha glória/ é tudo o que padeço/ e que sofri/ os meus sorrisos/ tudo o que chorei”.

O desenrolar do poema vai se apresentando em uma reflexão sobre a sua condição perante o seu papel na luta contra o colonialismo e o seu lugar no convívio com a sua nação, pois reconhece que esses dois caminhos que precisou percorrer durante toda sua vida acabam se

²⁹O soldado desconhecido é o termo que recebeu os patriotas que lutaram e morreram durante a guerra, e que não tiveram como serem identificados após suas mortes. Foram realizadas construções de monumentos em homenagem à memória desses homens, como o túmulo dedicado ao “Soldado Desconhecido” da Primeira Guerra Mundial, que está no Arco do Triunfo, em Paris, desde 1921.

encontrando em muitos momentos, uma vez que a identificação com a sua nação estava ligada ao fato de ser ele aquele que estaria na linha de frente na revolução em Angola.

Em versos como “não me descobri na vida/ e selvas desbravadas/ escondem os caminhos”, o uso metafórico produz a ideia de que mesmo com o propósito estabelecido e uma associação messiânica na construção de sua imagem, permanecia a sensação de se estar sozinho e perdido perante o sentido que sua vida estaria tomando, mas buscava encontrar o seu lugar como em “mais hei-de encontrá-los/ e segui-los”.

Esse sentimento ambíguo que transparece no poema se estabelece entre os dois desafios com o qual o poeta e político se depara em sua vida, por um lado, reconhecer que se encontra no lugar daquele que levará Angola para percorrer o caminho da liberdade, aflorando um sentimento de coletividade, sendo ali na revolução de ações e ideias que irá colocá-lo ao lado do irmão que padece da fome e da miséria. Em contrapartida, quanto mais tenta se aproximar da sua nação com o seu projeto de vida, mais se distancia da mesma, em que as barreiras que foram levantadas durante a vida, Portugal, os ares intelectuais e as influências europeias vão se apresentando no meio desse convívio, causando um distanciamento social e cultural.

O pensamento revolucionário e a busca pela liberdade foram tentativas de ultrapassar essas lacunas, colocando a construção da identidade nacional, a liberdade e o empoderamento do corpo negro como uma forma de pertencimento de todos os indivíduos angolanos em um só conjunto e voz. De forma que todo esse conjunto de ideias e ações se encontravam da melhor forma possível e produziam uma força de luta consistente através da poesia, tomando o papel de dar espaço para vozes que foram silenciadas e apagadas por séculos, construindo uma literatura de combate ao caos gerado pelo branco colonizador e ao seu processo homicida de colonização.

É na Literatura Africana, mais especificamente na poesia que a figura de Agostinho Neto vai se encontrar e ter toda sua glória, pois será a poesia que vai possibilitar a sua aproximação com sua nação, conforme apresenta nas estrofes finais, “num novo catálogo/ mostrar-te-ei o meu rosto/ coroadado de ramos de palmeira” e só assim “e terei para ti/ os sorrisos que me pedes.”

Entretanto, essa glória em muitos momentos não vai ser vivida avidamente pelo poeta, pois vem a coexistir com a sensação de se sentir inadequado perante a situação que a população angolana enfrentava, uma vez que sua realidade se distanciava dos seus compatriotas.

Depara-se com essa ambiguidade vivida por Agostinho no poema “Um Aniversário” (1951), pois enquanto a realidade vivida em Angola era de violência e apagamento de corpos

negros, a sua se encontrava como aquele indivíduo que se tornava um intelectual, formado em medicina na metrópole.

Diziam cartas e telegramas
da família:

-Muitos parabéns muitas felicidades

E um irmão doente
a mãe cheia de saudades
e a pobreza
calmamente consentida na existência religiosa.

E a glória de ter um filho formado em Medicina!

Fora do lar
um ex-virtuoso amigo que se embriaga
os nossos exportados para S.Tomé
a prostituição
a angústia geral
a vergonha

E a esperança de ter um dos nossos formados

No mundo
a Coreia ensangüentada ás mãos dos homens
fuzilamentos na Grécia e greves na Itália
o apartheid na África
e a azáfama nas fábricas atômicas para matar
em massa matar cada vez mais homens

Eles espancando-nos
e pregando o terror.

Mas no mundo constrói-se
no mundo constrói-se.

E o nosso formado em Medicina
construirá também!

Nós com a certeza e com a incerteza dos instantes
com o direito e enveredando por caminhos escabrosos
nós os fortes fugindo como gazelas débeis.

E no mundo constrói-se
no mundo constrói-se

Este um dia do meu aniversário
um dos nossos dias
de vida sabendo a tamarindo
em que nada dizemos nada fazemos nada sofremos

como tributo à escravidão.

Um dia inútil como tantos outros até um dia
Mas duma inutilidade necessária. (NETO, Um Aniversário. 1951. p. 76-77)

Essa ambiguidade transparece já nas estrofes iniciais, em que o parabenizam pela formação acadêmica, “diziam cartas e telegramas/ da família/ muitos parabéns muitas felicidades”, e exaltam a “glória de ter um filho formado em Medicina!”. Enquanto se estabelecia em sua vida intelectual, em seu próprio lar a situação era outra, encontrava-se o “irmão doente”, “a mãe cheia de saudades” e “a pobreza/ calmamente consentida na existência religiosa”.

É possível realizar uma reflexão sobre de qual maneira essa glória é estabelecida, sendo até mesmo irônico pensar que a glória e a exaltação só acontecem quando estão ligadas ao mundo das ideias e ao lado branco europeu. Já quando Agostinho se estabelece na luta e no combate ativo, a glória em sua maior parte, fica retida e resguardada como exemplificada nos versos do poema “Não me peças sorrisos” (1974).

O eu lírico vai percorrendo durante as estrofes a realidade vivida pelos familiares em seu lar, o cotidiano de sociedades negras e a situação mundial naquele período, mostrando ao leitor a dura realidade de um mundo que precisava de mudanças e seria ele juntamente com os irmãos que construiria esse futuro.

E “fora do lar” a situação também não era positiva, se via o rastro deixado pelas ações colonialistas na vida dos amigos compatriotas, em que o vício, a prostituição e a angústia instalavam-se no âmago de diversas sociedades, como representado nos versos “um ex-virtuoso amigo que se embriaga/ os nossos exportados para S.Tomé/ a prostituição/ a angústia geral/ a vergonha”.

Para Chiquete (2020 apud FERREIRA, 1989, p.20) existe a ideia de uma “universal odisséia” do Negro, em que seja qual for sua pátria e para qual nação foi levado e escravizado, eles percorreram os mesmos percalços nessa vida, “escarniado ou chicoteado” e se encontram na vivência compartilhada desses corpos negros, estabelecendo um vínculo que vai além da língua, das crenças ou do território.

Ou ainda como Manuel Ferreira afirma, incorporando a extensão geográfica do Negro: são-tomense ou angolano ou moçambicano, mas o Negro de todo o mundo, Negro escravizado por séculos por todo o planeta: «Libéria! Libéria!»,

«Brasil!», «Cabo-Verde», «Em Lisboa?», «Na América?», «Harlem!», vivendo assim a sua universal odisséia, escarniado ou chicoteado.

Esse rastro de violência e terror é também encontrado em outros continentes, pois através da poesia, o poeta mostra que a opressão do homem e o apagamento dele como ser ativo e pensante era uma questão universal que ultrapassa o limite das terras africanas e se espalha pelo mundo, de acordo com a estrofe “no mundo/ a Coreia ensangüentada ás mãos dos homens/ fuzilamentos na Grécia e greves na Itália/ o apartheid na África/ e a azáfama nas fábricas atômicas para matar/ em massa matar cada vez mais homens”.

Portanto, ao apresentar ao leitor as mazelas sofridas pelo homem, “eles espancando-nos/ e pregando o terror”, também mostra a negação da passividade e submissão desses indivíduos e a busca de um futuro em que a igualdade e o respeito prevaleçam. São através dessas associações que foram estabelecidos os alicerces de nações que sofreram processos colonizadores, fazendo com que Agostinho Neto ao construir sua poesia juntamente com a formação da sua nação, tenha sua obra poética como relevante até os dias atuais, ao abordar questões que transcendam o tempo e o espaço em que foi produzido a sua obra.

Complementando esta ideia, Andrade (2010) mostra o pensamento de Carter (1989), sobre o “homem oprimido da Sagrada Esperança” que se torna o “Homem Universal”:

A negação da passividade, do assimilacionismo e da submissão, são fatores que marcam o desejo deste homem que buscou incessantemente a igualdade e o respeito para seu povo. Além deste incontestável valor, a poesia de Neto transcende a cor local e se comunica com as múltiplas vozes dos que, assim como ele, sofreram a dor e a opressão, ou seja, “o homem oprimido da Sagrada Esperança deixa de ser especificamente o homem angolano, torna-se o Homem Universal. E a causa à qual os poemas são dedicados, torna-se a causa de toda a Humanidade”. (ANDRADE, 2010 apud CARTER, 1989, p. 90-91)

Essa sensação de coletividade e pertencimento proporciona tanto para a figura do poeta e político que toma um lugar de destaque, quanto para sua existência como indivíduo participante da sociedade angolana, a “peça chave” para se reencontrar com suas origens, objetivar sua luta e conquistar a tão esperada liberdade.

Colocar Agostinho como aquele que seria a esperança para o seu país possibilita pensá-lo como parte fundamental da Angola do século XX, uma vez que o novo virá da junção de seus

ideais com o dos seus compatriotas, o futuro será construído também pelas mãos do “nosso formado em Medicina”.

O uso anafórico do verbo “construir” nos versos “Mas no mundo constrói-se” e “o nosso formado em Medicina/ construirá também!” consagra o pensamento de que o futuro libertário dos angolanos viria do mais novo formado em Medicina, que ele mesmo distante em muitos momentos de sua terra natal e da identidade angolana, construiria ao lado dos seus uma nação digna para o todo.

Esse “mundo” que seria construído baseia-se no pensamento de que a nova civilização angolana seguiria novos princípios estabelecidos, as “velhas civilizações negras cortesês” iriam ficar no passado. Assim, não era o retorno a “uma sociedade morta” ou muito menos a uma sociedade colonial, seria apresentada ao mundo pelas mãos de “todos os irmãos escravos”, indivíduos esses que lutaram durante toda a sua vida pela mudança, uma sociedade nova e a luz da vivência da liberdade. Segundo Césaire (1978, p.35):

Mais uma vez, faço sistematicamente a apologia das nossas velhas civilizações negras: eram civilizações cortesês. Então dir-me-ão o verdadeiro problema é retornar a elas. Não, repito. Nós não somos homens do ‘ou isto ou aquilo’. Para nós, o problema não é de uma utópica e estéril tentativa de reduplicação, mas uma superação. Não é uma sociedade morta que queremos fazer reviver. Deixamos isto aos amadores do exotismo. Não é tampouco a sociedade colonial atual que queremos prolongar, a carne mais imunda que jamais apodreceu debaixo do sol. É uma sociedade nova que precisamos criar, com a ajuda de todos irmãos escravos, rica de toda a potência produtiva moderna, cálida de toda a fraternidade antiga.

A nova sociedade que Césaire (1978) apresenta em seus estudos dialoga com o pensamento de Agostinho Neto, uma vez que os dois imaginaram que essa nova sociedade viria pelas mãos dos seus compatriotas, fundada perante um ideal de fraternidade e igualdade, que fugiria das antigas ideias de civilizações cortesês que não saberiam viver sem depender de seus “senhores”.

Entretanto, esse pensamento revolucionário em colocar a vida em prol da luta se estabelece não somente na luta armada, mas também nos dias em que a vida apenas segue o caminhar diário. O verso “um dia inútil como tantos outros” demonstra que em dias como esses de “apenas” existência, onde “nada dizemos nada fazemos nada sofremos”, são carregados de resistência, de um existir daqueles que sobreviveram e sobrevivem ao caos.

Quando voltei
 as ³⁰casuarinas tinham desaparecido da cidade
 E também tu
 Amigo Liceu
 voz consoladora dos ritmos quentes da farra
 nas noites dos sábados infalíveis

Também tu tinhas desaparecido
 e contigo
 os Intelectuais
 a Liga
 o Farolim
 as reuniões das Ingombotas
 a consciência dos que traíram sem amor

[...]

E o sangue e o sofrimento
 eram uma corrente tormentosa que dividia a cidade

Quando eu voltei
 O dia estava escolhido
 e chegava a hora

Até o riso das crianças tinha desaparecido
 e também vós
 meus bons amigos meus irmãos
 Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel
 e quem mais?
 - centenas, milhares de vós amigos
 algumas desaparecidos para sempre
 para sempre vitoriosos na sua morte pela vida

Quando eu voltei
 qualquer coisa gigantesca se movia na terra
 os homens nos celeiros guardavam mais
 os alunos nas escolas estudavam mais
 o sol brilhava mais
 e havia juventude calma nos velhos
 mais do que esperança era certeza
 mais do que bondade era amor
 Os braços dos homens
 a coragem dos soldados
 os suspiros dos poetas

Tudo todos tentavam erguer bem alto

³⁰As casuarinas compreendem um grupo de cerca de 80 espécies de arbustos e árvores que são primariamente nativas para o hemisfério sul, a maior parte para a Austrália, onde ocorrem em regiões tropicais, subtropicais e regiões litorâneas temperadas assim como no interior seco. (FERREIRA, 2004. p.7)

acima da lembrança dos heróis
 Ngola Kiluanji
 Rainha Ginga
 Todos tentavam erguer bem alto
 a bandeira da independência. (NETO, O içar da bandeira. 1974. p.121-123)

O poema “O içar das bandeiras” (1974), entre todos os poemas que compõem sua obra literária, vem a ser um dos destaques quando se fala sobre como Agostinho Neto sendo antes de tudo um sujeito semelhante a todos os outros, enfrenta o processo de viver sob uma constante perda em virtude de sua pátria vivenciar a violenta e opressora “máquina colonialista”.

Portanto, se estabelece o retorno do eu lírico para sua terra natal, esse processo se mostra muito mais difícil do que o esperado, pois o lar do qual tinha lembrança já não era o mesmo, o tempo que havia passado para ele quando esteve fora também havia passado para aqueles que ficaram e viveram a realidade angolana daqueles tempos.

As estrofes iniciais indicam que a Angola conhecida e vivida por ele não se encontrava a mesma, os seus amigos, a sua família, a natureza e até mesmo o ritmo que era ditado por todos aqueles que viviam naquele país desapareceram, como em “as casuarinas tinham desaparecido da cidade”, “e também tu/ Amigo Liceu” e “até o riso das crianças havia desaparecido”.

Os versos “e também tu” e “e também vós” proporcionam uma sensação de diálogo direto com o leitor, é feita uma referência direta àqueles que não se encontravam mais em território angolano, esses que eram pessoas próximas e importantes ao poeta como os “meus bons amigos meus irmãos/ Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel”.

A sensação de nostalgia percorre as estrofes, de perda em todos os sentidos, não apenas pessoal e sentimental, mas também como uma perda de origens, uma vez que desaparece tudo o que era comum e conhecido para o poeta, aqueles que fizeram parte na construção da sua identidade angolana já não existiam mais. A perda de fatores que compunham a sua história e a sua formação como intelectual e político, como representado nos versos, “os Intelectuais/ a Liga/ o Farolim/ as reuniões das ³¹Ingombotas/ a consciência dos que traíram sem amor”, exemplifica sua vivência em Angola e representa locais importantes não somente para Neto, mas também

³¹No bairro das Ingombotas, estava situada boa parte da antiga elite crioula nativa. Este bairro surgiu na segunda metade do século XVII fruto de um acampamento de escravos e da Igreja do Rosário. O nome Ingombota é uma adaptação para o português do vocábulo quimbundo Ngambota, formada de ‘ngombo’ (foragido) + ‘kuta’ (estabelecer). Em virtude do anasalamento da consoante inicial – g – converteu-se o termo na língua portuguesa em Ingombota. [...] Ingombota é um dos sete distritos urbanos que compõem o município de Luanda. (NASCIMENTO, 2017. s.p.)

para tantos outros camaradas intelectuais, como o Bairro das Ingombotas e a Liga que eram locais que parte da elite intelectual de angolana se estabelecia.

O Bairro das Ingombotas possui um valor significativo para a elite intelectual da qual Agostinho Neto fazia parte, em virtude de se localizar no bairro a primeira Associação Literária de Angola, criada em finais do século XIX, e tempos depois a sede da Liga Nacional de Angola, que possuía o intuito de levar a cultura e identidade angolana para o mundo.

Contudo, a Liga, a Associação e as "reuniões das Ingombotas" não faziam parte do passado que havia se perdido com o retorno do poeta, e sim, eram instituições que estavam associadas a sua história intelectual tanto em Portugal como em Angola, mostrando que a perda se estabelece também nessa ambivalência que vivia entre o lado intelectual e o lado originário.

É importante lembrar que bairros como esse que o poeta angolano nomeia em sua poesia, antes mesmo de ser um bairro que a "antiga elite crioula" vivia ou o bairro dos portugueses, que vinham para Angola em uma espécie de ocupação das colónias portuguesas, foi local onde escravos foragidos acampavam e tentavam viver e existir longe das famílias escravocratas.

Portanto, esses espaços simbólicos para a pátria angolana vêm a se associar com o sentimento de pertencer e estabelecer vínculos com sua terra natal, tentando reafirmar a ideia de que é para aquela nação, para aquele povo e para aquele continente que o poeta e político colocou sua vida em prol da busca pela independência.

O poema ao decorrer das estrofes vai se tornando uma homenagem para os que partiram na luta e busca pela independência angolana, com isso a perda do poeta ao retornar ao seu país não está somente na perda pessoal, mas também ao se deparar com diversas perdas que ocorreram em nome da busca de um ideal libertário, "e quem mais?/ - centenas, milhares de vós amigos/ algumas desaparecidos para sempre/ para sempre vitoriosos na sua morte pela vida".

O verso "morte pela vida" ressignifica o sentido da perda e falta dos que fizeram parte da vida do eu lírico, pois se segue o pensamento revolucionário defendido por tantas figuras emblemáticas no movimento anticolonial, como Fanon (1952) e Amílcar Cabral (1978), que afirmavam que a nova realidade só viria a ser vivida a partir da revolução, assim ofereceriam a vida como força de combate e, saíam orgulhosos e vitoriosos da vida e morte que os pertenceram.

O retorno à pátria é marcado no poema como o momento em que a sua cidade, Luanda, se encontrava vivendo um momento ambivalente, estando dividida tanto em questões políticas como

em questões sociais, “e o sangue e o sofrimento/ eram uma corrente tormentosa que dividia a cidade”. A capital angolana ainda vivenciava a forma opressora de um processo colonialista, mas mudanças no funcionamento da sociedade começaram a ocorrer de forma significativa.

A virada de chave no poema se dá nas estrofes finais, em que o tom se altera do pessimismo e perda para a esperança e mudança, momento esse que se consegue visualizar o novo acontecendo em toda a nação angolana, “os homens nos celeiros guardavam mais/ os alunos nas escolas estudavam mais/ o sol brilhava mais/ e havia juventude calma nos velhos”. O futuro estava a ser construído diariamente vindo das crianças aos idosos, com o olhar cuidadoso e esperançoso daquilo que estava por vir.

A sociedade angolana começava se apresentar repleta de uma força de vontade e mudança, em uma busca de voz e liberdade, estabelecendo o objetivo de se ter novamente nas mãos o controle de suas vidas, de sua nação e conseqüentemente de seu futuro. A afirmação do eu lírico confirma que o movimento para a independência já estava definido em suas ações e ideias, “quando eu voltei/ o dia estava escolhido chegava a hora”.

A repetição dos versos “quando eu voltei”, antecedendo versos positivos a respeito dos seus compatriotas, proporciona ao leitor um sentimento de positividade e expectativa, não dando espaço para dúvidas sobre a independência. A certeza estava estabelecida em versos como, “Quando eu voltei/ qualquer coisa gigantesca se movia na terra/ mais do que esperança era certeza/ mais do que bondade era amor”, indo além de qualquer ambivalência vivida por Neto ou qualquer outro cidadão angolano, pois a fé e confiança os levavam a ultrapassar qualquer situação e prevalecer sobre elas.

Os poemas de Agostinho vem a reforçar em todo momento que a nação angolana só teria liberdade e paz para seguirem o seu próprio caminho se essa mudança viesse deles próprios e que todos fariam parte dessa nova sociedade, como é elencado nos versos “os braços dos homens/ a coragem dos soldados/ os suspiros dos poetas”, que ao terem o domínio de seus corpos, vozes e mentes ultrapassariam qualquer barreira estabelecida por outros.

A independência dos países do continente africano possibilitaria um “renascimento e uma democratização das ideias”, sendo que sem a violenta censura dos países colonizadores se tornaria possível divulgar trabalhos de forma mais ampla e produzir sem o receio de ser exilado ou preso pelo controle das metrópoles. Conforme mostra Cerqueira (2011, p.47), a expansão intelectual, cultural e social teria avanços importantes:

A revolução socialista em Portugal e a guerra de independência em Angola, culminando com a vitória do MPLA, conduziram as atividades literárias pós-independência a um estágio de novo patriotismo. Muitos escritores exilados retornaram para Luanda, libertos das prisões e, junto com guerrilheiros, formaram uma nova revolução cultural. Trabalhos anteriores, que tinham sido completamente obliterados do público, ou distribuídos de forma ineficiente durante o regime colonial, agora surgiam impressos pela primeira vez, em edições de milhares de cópias, distribuídas em todo o país. Foi, de fato, um renascimento e uma democratização das ideias para todos os leitores angolanos.

A independência proporcionaria espaço para a vida de seus irmãos serem vividas de forma plena, em que toda luta e resistência valeria a pena por conta da liberdade alcançada, dando espaço para um viver e querer individual e coletivo de uma nação.

Em suma, o poeta não somente retorna aos locais simbólicos de sua terra, mas também a simbologia da origem angolana, com o verso da estrofe final “tudo todos tentavam erguer bem alto/ acima da lembrança dos heróis/ ³²Ngola Kiluanji/ ³³Rainha Ginga”, trazendo a referência de duas figuras importantes da origem histórica de Angola, a heroína e rainha africana de Ndongo (Angola) e Matamba. Marcados na origem angolana, Nzinga Mbandi ficou conhecida como rainha Ginga e o seu pai, o rei Ngola Kiluanji.

Segundo a ³⁴Infopédia (s.d), nas histórias contadas sobre a origem do país angolano encontra-se Nzinga, e que devido a sua relevância teria o seu nome como fonte inspiradora para o respectivo nome do país, Angola.

De referir ainda que há muitas variantes do seu nome, como Ngola Nzinga, Nzinda Mbande Ngola Kiluaje, Ana Nzinga, entre outras. Contudo, acredita-se que foi a partir do seu nome, Ngola (em língua quimbundo), que derivou o nome do país, Angola.

³²Ngola Kiluanji foi rei de Ndongo, território que viria a ser no futuro o país angolano, pai de Nzinga (Ginga), foi uma figura importante na luta e resistência da ocupação portuguesa do território africano e comércio de escravos.

³³Nzinga Mbandi ou Ginga, como popularmente conhecida, ficou marcada no imaginário angolano por representar uma heroína em tempos que se iniciava a colonização em território angolano, entre de muitas de suas ações como forma de combater o comércio de escravos e a invasão de suas terras, foi ao tentar negociar com os portugueses, se converter ao catolicismo e logo após renegar a fé católica, e até mesmo mandar assassinar chefes africanos que se aliaram com os portugueses, tentando de toda forma proteger o seu povo durante todo o seu reinado.

³⁴INFOPÉDIA, Dicionários Porto Editora. Nzinga Mbandi Ngola na Infopédia. Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$nzinga-mbandi-ngola](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$nzinga-mbandi-ngola). Acesso em: 23/11/2022

Nzinga e Ngola são personagens que fazem parte da origem histórica angolana, são símbolos da resistência perante o sanguinário e opressor processo de colonização portuguesa, em que lutaram contra o comércio de escravos realizado com a população de seu território e reinos adjacentes, sendo parte da história e cultura angolana a admiração e curiosidade por essas figuras emblemáticas. Por serem do imaginário do país, o real e o imaginário se entrelaçam em uma narrativa heroica e poderosa como muitas das histórias do continente africano, que engrandecem a obra poética netiana, proporcionando tanto para Agostinho Neto como sujeito da sua nação e como para o agente político, o poder para ir além na luta anticolonial.

É importante destacar que as aparições dessas duas figuras importantes nesse poema não se dão em vão, uma vez que por o poeta dedicar tal poema aos heróis da luta da independência, traz a importância e o significado que esses compatriotas possuem para a história angolana e mundial, e os equipara ao mesmo nível das figuras do imaginário cultural angolano. Os seus compatriotas são colocados na posição de uma união de “heróis” do novo amanhã, em que “todos tentavam erguer bem alto/ a bandeira da independência” e tinham o poder de ter e fazer parte da história.

O poema *Confiança* (1974) vem seguir o mesmo caminho do poema anterior, carregado de um tom de nostalgia ao retornar a sua terra, um lar devastado pela crueldade, mas ao mesmo tempo coberto por uma sensação de esperança e confiança. O título do poema não é escolhido em vão, vem representar o estado de espírito em que a sociedade angolana se encontrava, cientes do que deveria ser feito para conseguirem sua liberdade, suas ideias e ideais já haviam sido estabelecidos através de figuras de líderes no movimento anticolonialista, como Agostinho Neto e Viriato da Cruz, junto com os seus compatriotas colocariam em prática a tão sonhada independência.

O oceano separou-me de mim
 enquanto me fui esquecendo nos séculos
 e eis-me presente
 reunindo em mim o espaço
 condensando o tempo

Na minha história
 existe o paradoxo do homem disperso

Enquanto o sorriso brilhava

no canto de dor
 e as mãos construíam mundos maravilhosos
 John foi linchado
 o irmão chicoteado nas costas nuas
 a mulher amordaçada
 e o filho continuou ignorante

E do drama intenso
 numa vida imensa e útil
 resultou certa

As minhas mãos colocaram pedras
 Nos alicerces do mundo
 Mereço o meu pedaço de pão. (NETO, Confiança. 1974. p.67)

O eu lírico expressa a sensação de sempre se encontrar no limiar, distante mesmo quando se está “presente” em sua terra, vivendo como ele denomina um “paradoxo do homem disperso”. Apesar do seu retorno, a distância reapareceria não mais como distância física, mas sim, através de um distanciamento mais complexo e difícil de ultrapassar, o distanciamento social, cultural e em alguns momentos até econômico.

É possível visualizar a vivência do eu lírico em um paradoxo interno por estar em uma realidade ambivalente, sendo que se encontra entre os dois lados que vêm a construir sua identidade. O viver e se estabelecer como o homem que levaria a sua nação ao patamar da liberdade e conseqüentemente para uma evolução de uma sociedade desenvolvida nos modelos capitalistas, e ao mesmo tempo, aquele que se enquadraria nas características da classe intelectual de Angola. Assim, ao tentar pensar sobre o “futuro” se aproximava dos intelectuais e estudos europeus, enquanto se afastava dos que viviam a verdadeira realidade angolana.

Faz-se o uso de metáforas nos versos “o oceano separou-me de mim/ enquanto me fui esquecendo nos séculos” para representar a maneira que o poeta vem a se encontrar perante a sua história e a história de Angola. A vivência sobre a separação vai perpetuar o caminho e escolhas desses indivíduos, como o que foi enfrentado por tantos que foram levados e distanciados de suas terras e dos seus.

Esse movimento diaspórico enfrentado não ocorre apenas no país angolano de Neto, mas ao decorrer de toda a vivência do continente africano e caribenho, uma distância forçada através

da violência e autoritarismo, na qual a desumanização e o apagamento se tornam aliados no processo sofrido por tantos.

A degradação do homem vai ser apresentada nos versos como uma ação que possibilitou, mesmo que com o teor negativo, a possibilidade de se compartilhar vivências. A poesia do poeta angolano vai tomando o contorno de uma poesia que vai além do “discurso poético de angolano para angolano”, em que o sujeito angolano que enfrentou de frente o racismo, a opressão e a animalização, se compadece da dor semelhante de outros que se encontravam presentes em uma realidade sufocante.

Os versos “John foi linchado/ o irmão chicoteado nas costas nuas/ a mulher amordaçada/ e o filho continuou ignorante” reafirmam o que outros poemas que compõem a obra netiana representam na literatura mundial, uma obra que toma forma ao dialogar com a vivência do outro, sendo um reflexo da cruel face daqueles que tentaram dominar territórios, corpos e mentes ao decorrer da história mundial. A crueldade se propaga por toda a sociedade, segue como um fio condutor entre os versos do poema, retratando a cruel realidade daqueles que são violentados e subjugados, indo além do território angolano para a uma visão universal do que é viver e sobreviver ao caos gerado pela ambição e poder de outras nações.

Para Chiquete (2020, p.20), a poesia viria a se comprometer com toda a humanidade, trazendo para a obra poética um tom universal e não datado como tantos pensavam:

Uma poesia que atravessa barreiras de nacionalidades e se conjuga comprometidamente com toda a humanidade, remetendo se o sujeito Humano a refletir sobre a sua desumanização e a transformação em nulidade e insignificância da sua própria existência. Esta poesia destaca-se por isso mesmo, não apenas no âmbito de um discurso poético de angolano para angolano.

Esse discurso que permite remeter-se ao “sujeito Humano” em sua totalidade representa a ideia que a "desumanização" desses indivíduos não estaria apenas no "discurso poético de angolano para angolano”, ele transcende por representar o sentimento coletivo que tantas nações passaram ao serem anuladas e subjugadas, a sensação de pertencimento vai além de Angola e se estende para o restante do mundo.

Com esse pensamento, esses indivíduos que foram desumanizados em tantos momentos ao decorrer de suas vidas tiveram papéis importantes na história de seus países e até mesmo do

mundo, foram através de suas mãos, suor e esforço que construíram os “alicerces da humanidade”. O protagonismo negro é elevado ao decorrer do poema, sendo que a degradação que até então era apresentada nas estrofes iniciais torna-se o enaltecimento do indivíduo negro, trazendo o pensar sobre a relevância do “trabalho dos africanos e afro-descendentes” na construção de tantas sociedades. Sendo assim, as engrenagens econômicas e sociais de diversas nações foram movimentadas pelo trabalho forçado de populações negras e em muitos locais são até hoje estruturadas em cima da exploração desse trabalho.

Nos versos “enquanto o sorriso brilhava/ no canto de dor/ e as mãos construía mundos maravilhosos”, o eu lírico utiliza-se da imagem do sorriso, do canto e principalmente das mãos para mostrar que “mundos maravilhosos” foram construídos a partir do subjugamento e da dor de tantos, o corpo negro se faz presente como o impulsionador para a sólida construção de “mundos”, possuindo um papel fundamental que deve ser reconhecido e respeitado.

É através da compreensão do protagonismo negro que se é possível refletir o papel que deveria ter sido dado para tantas sociedades negras que tiveram a função de edificar nações, uma vez que o apagamento sociocultural carregado de um racismo sistêmico agiu e age até hoje como maneira de silenciar as memórias e lutas negras. Neto propõe percorrer o caminho contrário, enaltecendo o trabalho, o esforço e a capacidade do homem negro, reafirmando sua existência como ser que possui consciência social e política, que compreende o poder e a relevância que sua história, cultura e escolhas têm na sociedade.

Com isso, Laranjeira (2007, p.17) afirma que a mudança de perspectiva da “questão negra” se apresenta no poema “Confiança” (1974) através da afirmação do sujeito negro como ser pensante, ativo e capaz, que tem conhecimento da sua história e se apodera do protagonismo que até então havia sido negado por séculos.

Neto retoma aí os versos do poema “Confiança” sobre o trabalho dos africanos e afro-descendentes que ajudaram a construir (alicerces) da humanidade, afirmando, pois, a existência do negro enquanto ser com consciência social e protagonista da história, contribuindo para a mudança radical de perspectiva da “questão negra”.

O protagonismo negro que vem a quebrar com as narrativas desenvolvidas ao longo da história sobre a falta de proatividade, consciência e relevância de nações africanas, narrativas essas que tinham o intuito de promover apagamentos e perpetuar a concepção da “história dos

vencedores” em cima da destruição dos perdedores para aqueles que não se enquadravam em padrões europeus.

Portanto, do caos vivenciado gerou-se a experiência tão falada e explicitada na obra netiana, a experiência de sobreviver ao cruel processo colonizador, ao cárcere e ao exílio, se alia com a vivência europeia, com o ser político, poético e pensante da nova realidade angolana.

As duas faces de Agostinho Neto são resultado dessas experiências ambivalentes, de um lado o político, poeta e ativista angolano, um “messias” no continente africano, e do outro, o sujeito angolano que passou pelas dores e delícias de viver na sua nação. Depara-se com esse contraste, ao olhar a dupla função que viveu, entre a política e a poesia, tornando-se um representante da voz política do continente africano e com isso se aproximando de sua nação e apropriando-se da sua história e origem, ao mesmo tempo que viria a ser um intelectual formado a partir de influências europeias, reconhecido pelo mundo, mas distante da realidade angolana.

Como expressado nos versos “e do drama intenso/ duma vida imensa e útil/ resultou certa”, a certeza de sua fé inabalável em relação à mudança da realidade angolana fez com que esse sentimento se propagasse para todos os cantos do mundo, repleta de uma intensidade e poder de ação no embate travado contra o colonialismo.

Segundo Brito e Concato (2022, p.396), os versos “e eis-me presente/ reunindo em mim o espaço/ condensando o tempo” representam memórias da própria experiência de Neto, a vivência do presente se associa à vivência do passado, trazendo um olhar e expectativa para o futuro.

Seguindo a lógica das características da segunda fase da produção de Agostinho Neto, no poema *Confiança* o eu lírico formula a própria experiência, além da constatação. O excerto “eis-me presente” estabelece logo no início uma experiência vivenciada, que está acontecendo. Da mesma forma, em “resultou certa” o verbo “resultou” é evidência de algo vivido. Agora há memória é prática do experienciado, “as minhas mãos colocaram pedras nos alicerces do mundo”, ou seja, foi através de mim – essência central, do eu lírico, que ocorre uma perspectiva de libertação, merecendo “meu pedaço de pão”.

Com a estrofe final “as minhas mãos colocaram pedras/ nos alicerces do mundo/ mereço o meu pedaço de pão”, depara-se com uma das reflexões mais importantes das que Agostinho Neto apresenta tanto em sua obra literária quanto na sua obra política, a do merecimento e pertencimento negro, o protagonismo negro falado anteriormente vem carregado do merecimento de ser reconhecido e respeitado perante tudo e a todos. O indivíduo negro possui e merece o “meu pedaço de pão”, compreender que foi através de corpos negros que se deu a construção

histórica, cultural, social e econômica de tantas sociedades e das suas próprias, e respeitar e valorizar esse protagonismo é dar espaço para vozes silenciadas há séculos.

As estrofes reafirmam o título do poema, “Confiança”, trazendo a esperança e a perspectiva de liberdade e respeito para todo indivíduo negro, inclusive para Neto, que se coloca presente nesse contexto de pertencimento e valorização. É através do seu empenho juntamente aos dos seus compatriotas que a revolução em Angola ocorre e a independência é estabelecida.

Analisar a vida ambivalente que construiu ao decorrer dos seus anos, permite a compreensão de que viver entre Portugal e Angola transmitiu para sua poesia a sensação de se encontrar e desencontrar dentro de si próprio, pois sua identidade esteve entre a busca em estar próximos de seus semelhantes e o entendimento que a distância entre eles também seria um fator muitas vezes difícil de ultrapassar.

CONCLUSÃO

Ao estudar o angolano Agostinho Neto foi possível realizar uma reflexão não apenas sobre o homem político e poético que ele foi, mas além disso sobre como a realidade vivida por ele e tantos angolanos era opressora em todos os sentidos. Sobreviver e ser resistência em meio ao caos gerado pelo colonizador foi um dos atos mais poderosos que se pode encontrar durante todo esse período.

É difícil se aproximar do texto poético de Neto sem se aproximar da política, uma vez que a poesia propiciou construir um corpo político ativo na luta pela independência, proporcionando uma reflexão sobre ações e discursos até então apresentadas pelo continente europeu, de maneira que o poeta e político conseguiu fortalecer ainda mais o movimento de libertação dos países africanos.

Com isso, encontra-se com narrativas de nações negras que apresentam histórias daquelas que tiveram que enfrentar a diáspora, o apagamento ideológico, político e histórico e o racismo, que permeia até hoje a vida desses sujeitos, mas também adentramos a cultura, as vozes, corpos que carregam suas origens, seu canto, sua dança como algo a se orgulhar e que deve ser valorizado.

A obra analisada neste trabalho, “*Sagrada Esperança*” (1963) de Agostinho Neto, mostra ao leitor a face poética do autor desenvolvida nos momentos mais importantes de sua vida, em que a escrita deu o tom de seu embate travado contra a colonização portuguesa, pois quanto mais opressor era o regime de Portugal, maior era o poder de sua poesia.

A poesia netiana percorre o caminho da sociedade angolana, como do cárcere à vida cotidiana dos bailes noturnos, ao se abordar a violência escancarada no dia a dia e até mesmo uma carta de amor para sua amada, assim apresenta uma visão ampla de uma realidade que não era conhecida e nem mesmo reconhecida por cidadãos do continente europeu.

É através de vozes de importantes estudiosos da obra de Agostinho Neto, como Laranjeira (1995) e Cerqueira (2011), que foi construída a análise do corpus deste trabalho, em que foi possível visualizar que a construção política da poesia ocorre através da valorização estética da cultura e identidade africana, se tornando um ato poético-político. O poeta faz uso da africanidade, suas raízes, dança, música, ritmo e até mesmo do “movimento” gerado pelo caos e violência como propulsores na construção desse sujeito ativo, que se estabelece perante a sua própria identidade.

A poesia em muitos momentos toma corpo, voz e alma ao construir uma ligação com sociedades negras, como Angola, a partir da edificação de um sentimento de pertencimento, de coletividade e enaltecimento do negro, o poeta e político tenta estabelecer um vínculo com sua nação e com isso apresenta uma obra tão ou mais poderosa do que sua ação revolucionária.

Contudo, esse vínculo que se tentou estabelecer muitas vezes não ocorreu de maneira plena, uma vez que a vivência ambivalente do poeta proporcionou em sua poesia a sensação de se estar entre lados opostos, Portugal e Angola, a intelectualidade europeia contra a africanidade, a política que viria do coletivo contra a individualidade como qualquer outro ser humano.

A partir do seu retorno para Angola vê-se uma tentativa de lidar com essa ambiguidade, por se encontrar próximo aos seus "irmãos" tenta estabelecer um laço com sua africanidade e origem e retomar o sentimento de coletividade com sua nação.

Através desse pensamento que se compreendeu que o poeta estudado neste trabalho é um sujeito que tentou durante toda sua vida honrar e respeitar os seus, em busca de uma nova realidade libertária, colocando a revolução pela independência como seu objetivo e junto com os seus compatriotas tornou realidade o sonho de construir uma nação liberta das amarras de Portugal.

Portanto, a poesia ocupa seu papel central ao possibilitar imaginar uma nação que estivesse fora do domínio colonizador, que constrói através da estética um corpo que pulsa a força dos seus irmãos, que tem a cultura e a ancestralidade como aliados ao embate que enfrentam, dando espaço para a voz de tantas nações que foram silenciadas por tanto tempo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Henrique L; BARBEITOS, Arlindo & Outros. *A voz igual*. Porto: Angolê, 1989.
- CAIÚVE, Eurico. *O negro fora da negritude na poesia de Agostinho Neto: uma separação possível!*. Covilhã: uBibliorum, p. 136, 2018. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/9954>. Acesso em: 07/05/2022.
- CARLOS, João. *Casa dos Estudantes do Império: berço de líderes africanos em Lisboa*. DW, Lisboa, 13/10/2012. Seção: 25 de abril e Independências. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/casa-dos-estudantes-do-imp%C3%A9rio-ber%C3%A7o-del%C3%ADderes-africanos-em-lisboa/a-16233230>. Acesso em: 07/05/2022.
- CERQUEIRA, Nelson. *A estética da recepção da poesia de Agostinho Neto*./ Nelson Cerqueira: tradução Yvenio Azevedo. – Rio de Janeiro: Imago; Angola; FAAN, 2011. 260p.
- CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d`um Retour au Pays Natal, Diário de um Retorno ao País Natal* / Aimé Césaire; tradução, posfácio e notas Lilian Pestre de Almeida – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 164 p.; 21cm.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a Negritude*./ Aimé Césaire; Carlos Moore (organização). – Coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 3. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*./ Aimé Césaire. Tradução de Claudio Willer. Ilustração de Marcelo D`Salette. Cronologia de Rogério de Campos. São Paulo: Veneta, 2020.
- COSTA, Luana Antunes. *Aimé Césaire: sua poesia, sua crítica ao colonialismo*. Disponível em: www.suplementopernambuco.com.br. Acesso em: 15/09/2020.
- CHIQUETE, Almerindo Adriano. *Agostinho Neto: aproveitamentos crítico, didático e metodológico para o ensino da literatura em Angola*. Coimbra: Estudo Geral (Repertório Científico da UC), 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/93776>. Acesso em: 07/05/2022.
- DAVIDSON, Basil. Prefácio. In: NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.
- DOS SANTOS, Rubens Pereira. *A poesia africana de língua portuguesa: compromisso com a negritude. Diálogo com a poesia brasileira. Diálogo com a poesia brasileira*. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/edicao6.html>. Acesso em: 15/05/2021.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*./ Frantz Fanon. Tradução de Renato da Silveira. Prefácio de Lewis R. Gordon. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREITAS, Arthur. *O sensível partilhado: estética e política em Jacques Rancière*. Curitiba: Biblioteca Digital de Periódicos UFPR. N. 44, p. 215-220, 2006. ISSN: 0100-6932 e e-ISSN: 2447-8261. DOI: <https://doi.org/10.5380/his.v44i0.7942>.

FUNDAÇÃO ENG. ANTÔNIO DE ALMEIDA e ANGOLÊ-ARTES E LETRAS. *A voz igual – Ensaio sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida e Angolê-Artes e Letras. p. 5- 487. 1989.

GARCÍA, Xosé Lois. *Presencia de la música y de la danza en Sagrada Esperanza de Agostinho Neto*, Presença da música e da dança em Sagrada Esperança de Agostinho Neto / Xosé Lois García; tradução: Sueli Saraiva. São Paulo: Via Atlântica, 2009. Nº 16. ISSN: 1516-5159. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.v0i16.50473>.

INFOPÉDIA, Dicionários Porto Editora. Nzinga Mbandi Ngola na Infopédia. Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$nzinga-mbandi-ngola](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$nzinga-mbandi-ngola). Acesso em: 23/11/2022

JUNIOR, Gilson Brandão de Oliveira. *Atlântico Sul, 1948: cultura e (é) política*. In: Encontro Estadual de História da ANPUH, 2018 – Anais. Santo Antônio de Jesus - BA. Encontro Estadual de História: história e movimentos sociais. SA: Anpuh Bahia, v. 01, p. 01- 16, 2018.

JAMES, C. L. R. *Os Jacobinos Negros – Toussaint L’Ouverture e a Revolução de São Domingos*. Tradução de Afonso Teixeira Filho. Perdizes: BOITEMPO EDITORIAL, 2000.

LARANJEIRA, Pires. *De letra em riste: Identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe*. Porto: Ed. Afrontamento, 1992.

MANGUXI E MOVIMENTO CULTURAL DO CUNENE. *Neto – A caminho do Centenário*. Luanda: Palavra e Arte. Ed. 01- 2020.

MANNONI, Octave. *Prospero and Caliban: The Psychology of Colonization*. / Translated by Pamela Powesland. Foreword by Philip Mason. London: Methuen & CO. LTD, 1956.

HOLNESS, Marga, Prefácio. In: NETO, Agostinho, *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

NASCIMENTO, Washington. *Ingombotas e Bairro Operário: a história de dois bairros de Luanda (1940-1960)*. Por dentro da África. Disponível em: <https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/das-ingombotas-ao-bairro-operario-historia-de-dois-bairros-de-luanda>. Acesso em: 22/11/2022.

NETO, Agostinho. *Discurso de Agostinho Neto nos Acordos de Alvor*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ww8aEki0CEE&t=38s>. Acesso em: 05/09/2020.

NETO, Agostinho. *Discurso do Presidente Agostinho Neto na Proclamação da Independência de Angola*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6NAYCTCkfw&t=73s>. Acesso em: 05/09/2020.

NETO, Agostinho. ONG. Disponível em: http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=section&id=14&Itemid=233. Acesso em: 05/09/2020.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. União dos Escritores Angolanos. 1985. p. 1 – 146.

PARADISO, Silvio Ruiz; DOS SANTOS, Catiana Sampaio. *A África-mãe, a Mãe Angola: O arquétipo materno na poesia de Agostinho Neto, Viriato da Cruz e Alda Lara*. Revista África e Africanidades – Ano XII – nº 33, fev. 2020. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/edicao33.html>. Acesso em: 05/09/2020.

PINTO, J. P. H. *Literatura e identidade nacional em Angola*. Revista Hydra: Revista Discente De História Da UNIFESP, 2(3), p.105–132, 2019. eISSN: 2447-942X. DOI: <https://doi.org/10.34024/hydra.2017.v2.9104>.

POLA, Eduardo Mabilia; BUNBA, André Fernando Cula. *O Patriotismo na poesia de Agostinho Neto*. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.31-47, dez 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njngaesape/issue/view/36>. Acesso em: 15/05/2021.

RAMOS, Karina. *A angolanidade literária nas páginas da Revista Mensagem (1951 – 1952)*. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, n. 10, ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.12957/transversos.2017.29973>.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*./Jacques Rancière; tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Ed. 34, 2005. 72p.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita* / Jacques Rancière; tradução de Raquel Ramallete. et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 256 p. (Coleção TRANS)

RODRIGUES, Catarina I. S. *“A renúncia impossível” de Agostinho Neto: um novo discurso poético, intertextualidades e alcance pedagógico*. Luanda: Coleção Novo Rumo, 2014.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas – Angola e Moçambique (Ensaio)*. São Paulo: Kapulana (Ciências e artes), 2021. 1. Ed. ver. e ampl.

SILVA, Antônio de Pádua de Souza. *Pequena abordagem da poética de Agostinho Neto*. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura. V.6, n. 11, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/3371>. Acesso em: 05/10/2022.

TOPA, Francisco. *A primeira edição estrangeira da poesia de Agostinho Neto*. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 23, n. 2, p. 42-55, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2020v23n2p42>.

TREVISAN, Amarildo Luiz. *Estetização da política vs. formação da opinião pública: uma aporia da razão comunicacional?*. Porto Alegre: Revista Eletrônica PUC RS. N. 2 (62), p. 299-312, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/560>. Acesso em: 20/06/2021.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*/ Michel-Rolph Trouillot; tradução de Sebastião Nascimento. – Curitiba: huya, 2016. 272p.

VERANI, Dalva Maria Calvão. *Agostinho Neto: o lugar da poesia em tempo de luta*. África & Brasil: Letras em laços. Org. de Maria do Carmo Sepúlveda e Maria Teresa Salgado. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2000.